

REVISTA DA SEMANA

Nº 7

☆

18-2-50



Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

NESTE NOME

MEI
DE CARNAVAL
C A R I O C A





mate a sede

bebendo

Mate

INSTITUTO NACIONAL DO MATE





Capa de 22 de fevereiro de 1903, de autoria de Bambino. Os desenhos e caricaturas mostravam maior animação que as fotos. Quais seriam mais aproximadas da realidade?



O Pierrot e uma máscara ingênua que impressiona mais pelo sentimento que pela fantasia, todavia sempre foi utilizado para os festejos carnavalescos. (Capa de 14-2-1904)

MEIO SÉCULO DE CARNAVAL CARIOCA

BUSCA NOS ARQUIVOS DA **REVISTA DA SEMANA** PARA COMPROVAR A AFIRMATIVA DOS FOLIÕES VETERANOS ★ HAVERIA, NA REALIDADE, MAIS ANIMAÇÃO ANTIGAMENTE? ★ RELEMBRANDO FATOS, NOMES E PERSONAGENS DOS COMÊÇOS DÊSTE SÉCULO

Texto de SABINO CANALINI

O período de Carnaval é uma das fases mais características da vida do Rio de Janeiro. Empolga e anima a população inteira da capital da República. Se há pessoas que realmente fogem das folias de Momo, elas perfazem um total numericamente inexpressivo em confronto ao resto que fica acrecido dos turistas nacionais e estrangeiros. Os que saem do Rio e vão para as estâncias hidrominerais, "à procura de sossego", nada mais fazem do que levar a alegria contagiante do carioca para aqueles lugares, brincando lá como o teriam feito aqui. Para variar, ou macaquear o que os outros dizem que é "chic", uma vez na vida fazem o sacrifício de passar o carnaval fora do Rio. Dizemos isso não por despeito, pelo contrário, para penitenciarmos-nos. Apesar de haver nascido no Rio, o destino levou-nos a viver em terras distantes durante longos anos. Outra língua, outras gentes, outra mentalidade. Viva mais difícil. O Carnaval passava despercebido. No entanto, em tempos passados, famosos foram os carnavales que chegavam a mudar o aspecto de algumas daquelas grandes cidades. Habitamos-nos àquela maneira de viver, adquirindo usos diferentes dos de aqui. A

nossa volta, foi o Carnaval que mais nos chocou desagradavelmente. Confessamo-lo com toda a franqueza. Não quisemos, porém, viver revoltados e inconformados em nosso próprio berço. Pesquisamos as origens e as causas das características próprias do carnaval carioca, tão diferente do que conhecíamos através dos livros. Compreendemos a grande influência que os escravos africanos trouxeram para a vida colonial brasileira, prolongando-se no império e na república até hoje, tendo preponderância na formação da música popular, na dança, nas festas tradicionais, na criação dos sambas, dos ranchos, das marchas. Concebemos essas manifestações como exteriorizações do sentimento humano e, portanto, dignas de todo respeito. Que haja ou não arte, que esta arte seja ou não primitiva, já é querer ser extremista, intolerante, mesmo porque teríamos que escolher, por convenção, esta ou aquela definição de arte ou de música. Os brancos foram os responsáveis pela importação forçada dos pretos escravos. Não custa nada tolerar agora o eco dos lamentos que eles emitiam naquelas nódoas da civilização branca, denominadas quilombos!

Se no Brasil ainda existe um pouco de racismo, ele



Isto é bom, isto é bom, muito bom, bom, bom! Onomatopaicamente, Zé Pereira anuncia o carnaval de 1905. Na sede dos Tenentes vimos, há poucos dias, um desses tipos característicos. Mas estava de cartola...



Da esquerda para a direita: Fantasias do princípio do século. 1910. Haveria vontade de pular e cantar com essas armaduras? Capa da REVISTA de 13-2-1915. Apenas uma pergunta. por que o tango e não o samba? O tempo marcha e em 1920 a capa reproduz uma alegre pierrete. Reparem no blusão aberto. O fim da farra seria o mesmo que hoje?

desaparece por completo ao toque dos tamborins. Democracia absoluta. Paroxismo de analfabetos, dizem outros. Não importa. O que interessa é que, sem distinção de sexo, idade, cor, educação e meio social, todos se divertem no Carnaval, desde o preto inculto lixeiro, até o branco e general prefeito. Válvula de escape para os recalques do subconsciente para alguns, desculpa para mais uma farrinha, para outros.

Sai e entra ano, nascem e desaparecem gerações, o Carnaval mantém-se firme nos anais da cidade. Quer dizer... aí é que começam as opiniões contrárias. Os da nossa idade dizem que o Carnaval atual é uma exaltação coletiva. Tivemos oportunidade de apreciar o movimento da massa em vários destes últimos carnavais e somos testemunhas sinceras da veracidade do que se afirma. Os velhos... perdão, os de gerações anteriores à nossa, saudosamente lembram o tempo que já se foi: — Aquilo sim é que era carnaval, o do fim do século passado e do princípio deste! Todo mundo saía à rua, mas não para ficar parado nas calçadas como

basbaques e olhar as poucas fantasias que passm, como acontece agora. Antigamente...

Essa é a palavra mágica. Antigamente... quanta coisa acontecia, tudo era bom, bonito e barato. Hoje... está tudo em decadência e pela hora da morte. Neste mês de fevereiro, precedendo a semana de Carnaval, fizemos para a REVISTA, uma série de reportagens sobre as três sociedades mais antigas com fins carnavalescos, verdadeiras colunas mestras das tradicionais festas tributadas pelos cariocas a Rei Momo. Estivemos em contacto com foliões novos e com veteranos do princípio do século. Os últimos sempre a reviver os anos passados, descrevendo a alegria geral que reinava nos três dias da folia, os préstitos majestosos, os corsos intermináveis, os carros ligados entre si por verdadeiras correntes de serpentinas, montes de confete empilhados no chão, mais espírito nas máscaras de outrora, fantasias de luxo, cordões malucos a serpentear pelas ruas centrais, grandes batalhas entre grupos rivais, milhares de lança-perfumes a jorrar éter e alegria, nas ruas maior

era o número dos fantasiados do que os que apareciam à paisana. Enfim, antes, tudo era melhor, havia mais dinheiro, mais "verve" carnavalesca, mais decência, menos sujeira.

Ouvindo "os antigos", ficamos a sonhar como deveria ter sido o Carnaval há algumas dezenas de anos. Jornais cinematográficos naquela época não existiam, diários não dão bem a idéia, pois lhes falta as fotografias, estas só mesmo nas revistas. Para ficar a par do movimento da cidade nos três dias carnavalescos, serviria uma busca paciente nas coleções dos periódicos ilustrados de então. Nada melhor do que a própria REVISTA DA SEMANA, a mais antiga das revistas hoje em circulação. Havendo começado a sair em maio de 1900, isto é, nos últimos meses do século XIX, está em condições de reeditar toda a vida carioca dos últimos cinquenta anos. Para satisfazer a nossa curiosidade, fomos tirar da poeira as coleções encadernadas de 1901 até 1920, dando particular atenção ao período de Carnaval.

O número de 24 de fevereiro de 1901 aparece com uma

Modas de Carnaval, publicadas no n. de 9-2-1902. Luxuosas e inspiradas nos motivos de sempre: espanholas, holandesas, Luís XIII. Reparem na penúltima à esquerda: domadora de serpentes. Sugestão para Luz del Fuego, as fantasias de outrora primavam pela abundância de fazenda, esmero de confecção, detalhes de tipos e fidelidade aos originais



Banho de mar à fantasia do "Club de Regatas S. Christovam."



Os primeiros banhos de mar à fantasia. O mau gosto imperava, tanto quanto hoje. Os homens já começavam a preferir os trajes femininos. Complexo ou insatisfação?

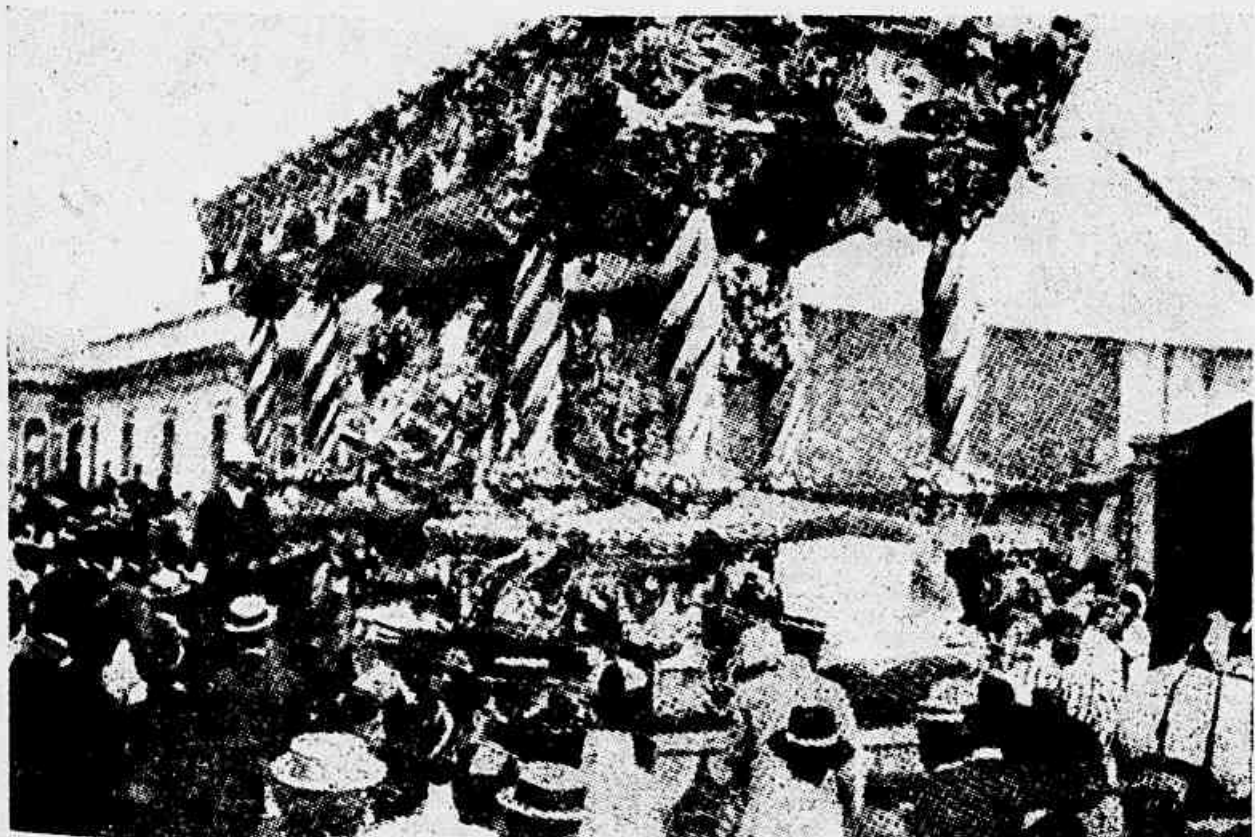
capa de H. Lucas, "charge" à proibição da bisnaga. Com franqueza, não entendemos a piada. Será que ainda existiam bisnagas? E será que isso dava muito maior graça ao Carnaval? Na parte interna, há quatro fotografias dos primeiros prêmios do século, dos "Destemidos da Fábrica das Chitas", do Meyer. Nenhuma alusão aos grandes clubes. Fotos tiradas no subúrbio, de uma nitidez tão evidente, conforme declara a legenda, que tornou impossível o aproveitamento das mesmas para a reprodução. Mais nada.

1902 — A novidade era apresentada no número de 9 de fevereiro. Uma página inteira, em bom papel "couché", de figurinos de fantasias. Destacavam-se uma

espanhola, uma holandesa e uma... domadora de serpentes, mas diferente da existencialista de Luz del Fuego. O número seguinte, de 16 de fevereiro, salientava a nota triste: a presença do crime nos folguedos. A vítima fora um pierrot, que da lenda trouxera para a vida real o estigma de sua desdita.

1903. A capa deste ano é aproveitada e reproduzida nesta edição. Nas páginas centrais um desenho a bico de pena, reproduzindo os prêmios dos Fenianos, "Democráticos, Paladinos do Catete, Destemidos e Tijuca. Não se percebem os detalhes.

Pulamos para 1905. Estava em pleno andamento a construção da atual Avenida Rio Branco. Os Democrá-



Um dos carros dos Democráticos em 1910. Vejam, porém, a massa que o rodela. Homens, à paisana, de escuro a maioria, e todos de chapéu. Não parece período de carnaval

Baile dos Artistas no Fenix



Baile dos Artistas em 1920: Luís Pelxoto, Callxto Cordelro, Luís Edmundo, Helios Se-linger, Asdrubal, Franciscone, Luís Edmundo Fº, Joaquim Guerreiro e Navarro da Costa

ticos registraram o fato com um carro-alegoria "O eixo da Avenida Central". O resto do número está cheio de notícias sobre a guerra russo-japonesa.

1908. Números inteiros trataram de um acontecimento internacional, que na época deve ter impressionado bastante o Brasil: o assassinato d'El Rei D. Carlos I e do Príncipe Real D. Luiz Felipe de Portugal. O Carnaval foi relegado para plano secundário. Acreditamos que nas ruas deve ter tido importância bem maior. Os Tenentes, reaparecidos em 1904 conseguiram alcançar o tri-campeonato. Apresentavam os carros "Mensageiro da Igualdade", homenagem a Rui Barbosa; "O paraíso da

(Cont. na pág. 47)



Grupo tirado no Jardim do Automóvel Clube, em 1915, por ocasião do "Garden Tea Dance" à fantasia. Era o que havia de mais "chic". Belas e custosas fantasias em estilo

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL
E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ... Cr\$ 140,00
Seis meses Cr\$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr\$ 170,00
Seis meses Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano Cr\$ 270,00
Seis meses Cr\$ 140,00

O número avulsto custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602



A semana que se foi decorreu sem maiores notícias sensacionais. O ritmo da vida brasileira se manteve em sentido horizontal, nada havendo que viesse causar maiores agitações na área da política nacional. Entretanto um fato houve que passou a ocupar o noticiário de nossa imprensa e teve movimentada repercussão no espírito público, não somente do carioca, como em todos os Estados do País, especialmente nos chamados açucareiros.

O caso ocorreu com a renúncia do sr. Edgar de Góis Monteiro do cargo de presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, concedida pelo presidente da República, e nomeação do sr. Neto Campelo para seu substituto. O caso em si não passaria de rotina, se certas circunstâncias de ordem política não viessem criar em torno do mesmo uma atmosfera de sensacionalismo. E' que, sendo o sr. Edgar de Góis Monteiro irmão do general Góis, a crise se formou em torno da desinteligência entre ambos em relação à política alagoana, apoiada pelo general. Decidindo-se o ex-presidente do I.A.A. pela saída do outro irmão, também senador, sr. Ismar de Góis Monteiro, entrou em choque com o general Góis Monteiro e, daí,

o pedido de demissão da presidência daquele Instituto. Divulgaram os nossos jornais alguns nomes indicados pelo general Góis Monteiro, inclusive de pessoas que servem ao atual governador do Estado de Alagoas, sr. Silvestre Péricles de Góis Monteiro. Entretanto, o presidente da República lavrou o decreto de nomeação do sr. Neto Campelo, ex-ministro da Agricultura e nome que esteve na ordem do dia nas últimas eleições para governador de Pernambuco, pelo nervosismo que causaram as suas apurações, saindo vencedor o sr. Barbosa Lima Sobrinho, por pequena diferença.

Quando foi publicado o decreto do presidente Dutra, nomeando para substituir o sr. Edgar de Góis Monteiro o sr. Neto Campelo, houve intensa curiosidade pública em torno do episódio, uma vez que o general Góis tinha candidatos próprios e se interessava pessoalmente pelos mesmos. Surgiram boatos, comentários na imprensa, expectativas de sensacionalismo político, uma vez que se sabia não ser o nomeado pelo presidente da República "persona grata" ao general Góis. Durante os dois ou três dias depois da nomeação, manteve-se o espírito público atento aos acontecimentos que se desenham nos horizontes, chegando-se a espalhar a notícia de que o sr. Neto Campelo não tomara posse, apresentando sua desistência antes de ver efetivado o decreto de nomeação pelo exercício do cargo.

Entretanto, dois dias depois de nomeado, o sr. Neto Campelo tomou posse do lugar de presidente do I.A.A., trocando-se discursos, não tendo passado despercebido a reportagem a ausência de um representante do sr. presidente da República.

FILMES BRUTAIS

Os produtores cinematográficos de Hollywood receberam uma carta da Junta de Censura do Cinema Inglês, protestando contra as cenas de violência e brutalidade em muitos filmes norte-americanos. E' este o segundo protesto no mesmo sentido em um ano. O sr. Harris, presidente da Junta, criticou particularmente as cenas de assassinatos, sob circunstâncias brutais, expressões grosseiras, lutas prolongadas com golpes traçozeiros, cenas de torturas e outras em que mulheres são esbofeteadas pelos atores. O filme norte-americano é o mais consumido em todo o mundo. Os Estados Unidos, com sua força técnica, seu dinheiro e métodos de publicidade e propaganda, dominaram o mercado mundial de cinema. Foram os primeiros a explorar o chamado "sex-appeal", o filme de enredo, o argumento sensacionalista. A verdade é que não há platéia que não goste dessas coisas por mais educada que seja. Um filme notório, cheio de lugares comuns, de enredo mole, convencional, desagradado a qualquer pessoa; o produtor americano, sendo acima de tudo um psicólogo, achou o caminho certo para dominar o mundo com seu cinema: crimes, violência, lutas, movimento, sensação... O sr. Harris, da Inglaterra, pode protestar à vontade: o cinema norte-americano é que não pode modificar os seus processos de fazer dinheiro, pois, com isso, ele perderia tudo o que já ganhou, e ninguém vai por esse caminho em matéria de indústria e comércio. Nós, aqui no Brasil, com um cinema ainda incipiente e também "insípiente", vamos adotando em certos filmes a mesma escola norte-americana: luta, socos, barulho no "chateau"...



A DROGA DOS BRASILEIROS

Chega-nos de Buenos Aires uma notícia surpreendente e, até certo ponto, hilariante. Segundo uma correspondência enviada de S. Paulo para a capital argentina, assinada por um sr. Roberto Suarez os brasileiros ganharão, fatalmente, o campeonato mundial de futebol porque os dirigentes do esporte estão aplicando nos seus "cracks" uma droga vegetal para esse fim.



Trata-se de um produto químico descoberto por um cientista alemão, Herr Pitsch, Mitsch ou coisa semelhante, o qual esteve durante anos lá nas selvas amazônicas, tendo extraído da "muira puama" e do "cipó amargoso" o princípio ativo que viria, agora, excitar as pernas dos nossos jogadores, com a mesma eficiência do espinafre nos filmes de Popeye. Para provar o que assevera esse missivista, cita ele as vitórias do Bangu no Chile de cujos gramados saiu invicto. Tudo consequência da famosa droga aplicada no organismo dos rapazes suburbanos, que jogaram como feras.

Acrescenta o sr. Suarez que esse diabólico preparado químico alemão de há muito que saiu da fase experimental e, fatalmente, será usado pela seleção brasileira que disputará o Campeonato Mundial de Futebol de 1950.

Não faltava mais nada para criar obstáculos aos esforços do futebol brasileiro. Já não entram em ação as cobras, os tigres ferozes, a febre amarela, a varíola, o calor a 45 graus à sombra das bananeiras. Surgem agora mais drogas: a tal "muira puama", coisa de índios que um sábio alemão desconhecido neste e no outro mundo inventou... especialmente para os brasileiros vencerem o Campeonato Mundial de Futebol! Boazinha...

OFENSIVA DO JOGO

Somente um plano de caráter educativo poderia ir acabando, paulatinamente, com o jogo entre os brasileiros. Essa verba poderia ser muito grande e tirada do próprio vício...

Regulado o jogo, o poder obteria do seu funcionamento os fundos necessários para campanhas contra o mesmo, promovendo entre as novas gerações meios culturais e pedagógicos de combate ao vício. Era certo que, se através das novas gerações, o conceito desse cancro social ia sendo encarado diferentemente do que sucede hoje, chegaríamos a uma época de descrédito do vício, pois o que faz degenerar uma sociedade não é a existência do mal e sim a existência do homem que o aceita e divulga. Desde que foi proibido por lei em respeito ao nosso Código Penal, o jogo passou a ser exercido clandestinamente, disseminando em casas particulares, dissimulando-se sob variadas formas. Em muitos lugares, porém, é ele público, à vista do transeunte, como se não houvesse lei que o proibisse.

Mas, apesar disso tudo, os empresários da jogatina continuam a tentar sua volta com as mesmas garantias dos velhos tempos. Agora mesmo os banqueiros do pano verde e da roleta tentaram implantar o jogo no Cassino de Icarai, em Niterói. Para isso se diziam autorizados pelo próprio presidente da República, cercaram-se de vigilantes da casa, espécie de polícia autônoma, e foram recebendo os viciados. Não se havia passado uma hora e as autoridades fluminenses ordenaram o fechamento do cassino e advertiram os fraudadores que seriam processados se persistissem na tentativa. O caso merece meditação, e prova que nem mesmo o nome do presidente da República é respeitado para essas ofensivas do jogo.



PRAZER DE MATAR

Quando Lampeão estava na ordem do dia, os jornais transcreviam noticiário de capitais do Nordeste, relatando as crueldades praticadas pelo bançoleiro, pintando-o como uma fera em forma de gente. Cinco Estados daquela zona mobilizavam suas polícias militares para a caça à fera. Lampeão dominou os sertões por muitos anos, repetindo a mesma façanha do seu mestre Antônio Silvino.

O cangaceiro não nasce com o instinto de matar, nem sente prazer nisso. Ele se torna um sicário, um salteador, um assassino forçado pelas circunstâncias ambientais. Quase sempre é levado a praticar seu primeiro crime para vingar injustiças contra si e contra sua família. Assim foi com Antônio Silvino, Lampeão e outros.

Nós, da capital, ficamos indignados com as atrocidades levadas a efeito pelos cangaceiros do Nordeste; mas nos esquecemos de que no próprio Rio de Janeiro se mata muito mais do que nas caatingas do sertão. Diariamente publicamos os jornais do Rio copioso noticiário sobre crimes inacreditáveis em plena Capital Federal. Parece que todo mundo anda nas ruas premeditando um crime de morte, procurando o seu desafeto para descarregar-lhe a cartucheira ou vará-lo de facadas.

Nas vizinhanças do Rio temos a cidade de Caxias, centro motor de crimes e homicídios quase que diários. Montam-se tocaias ali como se estivéssemos em pleno sertão despolicado. Tudo isso é profundamente deprimente para nosso grau de civilização.

Há uma espécie de prazer de matar, sentimento mórbido, selvagem, que precisa acabar.



A PERSONAGEM DA SEMANA

PUXE PELO

Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginásial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

- 1 QUANTAS ESTRELAS SÃO PERCEPTÍVEIS, A OLHO NU, NO "SETE-ESTRELO":
 - Sete?
 - Seis?
 - Oito?
- 2 QUAL O NOME OFICIAL DA CONSTELAÇÃO DO "SETE-ESTRELO":
 - Ursa Menor?
 - Escorpião?
 - Plêiades?
- 3 QUAL O DELEGADO DE D. JOÃO III QUE VEIO PARA O BRASIL ACABAR COM OS PODERES DOS DONATÁRIOS DE CAPITANIAS:
 - Tomé de Sousa?
 - Martim Afonso?
 - Gaspar de Lemos?
- 4 POR FALAR EM GASPARD DE LEMOS, QUE MISSÃO ESPECIAL LHE CONFIOU CABRAL:
 - Demarcar as costas do Brasil?
 - Levar índios para o Reino?
 - Anunciar em Portugal o descobrimento do Brasil?
- 5 QUANTOS ANOS FAZ QUE O GOVERNO BRASILEIRO EMCAMPOU A E. F. CENTRAL DO BRASIL:
 - Setenta?
 - Cinquenta e seis?
 - Oitenta e cinco?
- 6 QUE SIGNIFICA NEVASCA:
 - Neve com tempestade?
 - Grande queda de neve?
 - Plantas hibernais?
- 7 DE QUE PINTOR É O QUADRO "AMAZÔNIA", IMPRESSO NAS COSTAS DE UMA DE NOSSAS CÉDULAS DE CINCO CRUZEIROS:
 - Vitor Meireles?
 - Antônio Parreiras?
 - Horácio Hora?
- 8 ONDE SE ENCONTRA HOJE A GRANDE E FAMOSA TELA "AMAZÔNIA":
 - No Museu Ipiranga?
 - No palácio do governo do Amazonas?
 - No palácio do governo do Pará?
- 9 QUAL O LIMITE MÁXIMO, EM QUILOS, PARA UM BOXEADOR TER O NOME DE "PESO MÔSCA":
 - 60 e meio?
 - 50,74?
 - 65 justos?
- 10 QUAL O GRANDE ESCRITOR BRASILEIRO QUE SE CHAMAVA JOSÉ PEREIRA:
 - Machado de Assis?
 - Graça Aranha?
 - Araripe Júnior?
- 11 POR QUE O CARDEAL RAMPOLA DEL TINDARO, EMBORA ELEITO PAPA NA SUCESSÃO DE LEÃO XIII, NÃO PODE TOMAR POSSE:
 - Por motivo de moléstia?
 - Pelo veto do governo austriaco?
 - Por ter falecido antes?
- 12 QUAL O PAPA QUE ACABOU COM O PRIVILÉGIO DA ESPANHA E DA ÁUSTRIA, DE VETAREM ELEIÇÕES PAPAIS:
 - Pio X?
 - Bento XV?
 - Pio IX?
- 13 QUE SIGNIFICA, EM BOTÂNICA, A FICOLOGIA:
 - Tratado do "ficus benjamim"?
 - Ciência dos cogumelos?
 - Tratado das algas?
- 14 NUMA GUERRA, A QUE PROBLEMA PRESTAVA NAPOLEÃO MAIOR ATENÇÃO:
 - A alianças?
 - A alimentação da tropa?
 - A espionagem?
- 15 QUE QUER DIZER: IGACABA:
 - Espécie de tartaruga do Amazonas?
 - Urna funerária dos selvagens do Brasil?
 - Uma árvore do nordeste?
- 16 NA MITOLOGIA, QUE NOME TINHA A MUSA DA HISTÓRIA:
 - Terpsicore?
 - Clio?
 - Thalia?
- 17 DE QUEM FOI O DESENHO DO LOSANGO AMARELO EM CAMPO VERDE DE NOSSA BANDEIRA:
 - De José Bonifácio?
 - De D. Pedro I?
 - De Gonçalves Lêdo?
- 18 QUE SIGNIFICA A ESTRELA ISOLADA, ACIMA DA FAIXA "ORDEM E PROGRESSO" NA BANDEIRA NACIONAL:
 - O Distrito Federal?
 - O antigo Município Neutro?
 - A "Espiga", da constelação da Virgem?
- 19 QUANTOS DIAS TINHA A SEMANA NO CALENDÁRIO REPUBLICANO FRANCÊS, DE 1793 A 1806:
 - Oito?
 - Dez?
 - Nove?
- 20 COMO SE CHAMAVA A ESPÓSA DE D. PEDRO II, IMPERATRIZ DO BRASIL:
 - D. Leopoldina?
 - Isabel, a Redentora?
 - D. Teresa Cristina?

(Respostas na página 58)

Adolescentes



Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a moçinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gesteira* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gesteira*.

A acção que o *Regulador Gesteira* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gesteira* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.



LUZ FLUORESCENTE para ambientes mais agradáveis

São indiscutíveis as vantagens da iluminação fluorescente nos clubes, estúdios, salões de baile, teatros, hotéis, salões de exposição, entradas de edifícios de apartamentos etc.

Fria, difusa e econômica, proporcionando ambientes agradáveis e atraentes, a luz fluorescente é mais uma contribuição da ciência ao conforto da vida moderna.

Exponha-nos o seu problema e nossa secção "Fluorescentes" terá prazer em lhe apresentar o estudo adequado ao gênero de iluminação que pretende adoptar.



22-7720 - Ramal 434
Secção Fluorescentes

MESBLA

RIO - RUA DO PASSEIO, 48/56
FILIAL DE NITERÓI - RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 521



ELIZABETH HENREID E ZILAH MARIA,
DUAS ARTISTAS QUE O RIO ANDA NÃO
CONHECE, TAL COMO SE APRESEN-
TAM EM "O MENTIROSO", DE GOLDONI



OS CENÁRIOS de "O Mentiroso" são de Aldo Calvo. Na gravura, ao fundo, paisagem de Veneza, da referida peça, vendo-se a cantora Zilda Hamburger interpretando as músicas de Mascagni que constituem a partitura do espetáculo, e Renato Consorte (Polichinelo). "O Mentiroso" foi representado no Rio sob o título de "Arlequim servidor de dois anos"

BOM TEATRO EM SÃO PAULO

POR volta de outubro de 1948, um grupo de capitalistas paulistanos reunia-se e deliberava levar a efeito um empreendimento de arte dramática muito a sério, ao qual, desde logo, não faltasse o suficiente apoio financeiro. Dele faziam parte, e lá se encontram ainda, Francisco Matarazzo Sobrinho, Paulo Assunção, Adolfo Reinghantz e muito especialmente Franco Zampari, que foi o pai da idéia e é quem continua administrando e organizando o teatro. Para esse homem de ideal e de ação, o teatro passou a ser uma indústria, uma obra em permanente movimento, a tal ponto progressista que vem de ampliá-la, agora, para a esfera do cinema. Depois

Um empreendimento artístico de largo alcance ★ Sérgio Cardoso está sob contrato no Teatro Brasileiro de Comédia e vai filmar a "Vida de Noel Rosa" ★ As realizações e os projetos

Texto de CELESTINO SILVEIRA

de vinte anos na administração geral da Metalúrgica Matarazzo, Franco Zampari resolveu demitir-se desse cargo que só lhe poderia dar largos proventos a fim de se entregar inteiramente a essas novas atividades.

Não será preciso dizer mais para informar que o empreendimento da Sociedade Brasileira de Comédia assumiu proporções de uma obra definitiva e logicamente estabilizada, sem nenhuma das habituais características em iniciativas de igual ordem, quase sempre repousando no espírito de audácia e aventura de quem as põe em curso.

Nasceu o teatro, inicialmente, para dar uma casa, uma sede fixa, aos grupos amadores da Paulicéia, então che-



ELIZABETH Henreid teve a seu cargo a parte de Beatriz, em "O Mentiroso" (Il Bugliardo). É um valor de grande futuro



SÉRGIO Cardoso, o intérprete de "Hamlet", agora contratado pela Sociedade Brasileira de Comédia, atuando em S. Paulo



ZILDA Maria, também uma revelação desse importante empreendimento artístico, atrai as atenções para São Paulo



RUGGERO Jacobbi, tradutor e adaptador de "O Mentiroso", é o diretor do espetáculo. Ele vai dirigir o filme "Noel Rosa"



A ESQUERDA, Célia Biar, que fez a protagonista de "Ele" de Alfred Savoir. Em cima, Cacilda Backer, que após haver recebido a visita da cegonha, faz o seu reaparecimento com êxito, em "Entre Quatro Paredes".

fiados por Abílio Pereira de Almeida, Alfredo Mesquita, Décio de Almeida Prado e mais alguns outros. Mas o imprevisto sucesso da primeira peça encenada, "Ingenuidade", determinou a mudança do amadorismo para o profissionalismo e sem demora eram contratados um grande cenógrafo italiano moderno, Aldo Calvo, para a direção técnica, e um jovem ensaiador da mesma procedência, Adolfo Celi, para a direção artística.

Foi então levada à cena "Nick-Bar", de William Sauroyan, estreando-se Adolfo Celi como diretor no Brasil e dando início, aqui, à sua atividade de profissional do teatro. Vieram depois "Arsênico e Alfazema" e "Luz e Gás", ambas por ele também dirigidas. Nesse meio-tempo, era dissolvido, aqui no Rio, o Teatro dos Doze e contratados o ator Sérgio Cardoso e o diretor Ruggero Jacobbi para a já famosa iniciativa paulista. Jacobbi dirigiu dois espetáculos consecutivos, "Ele", de Alfred Savoir e "O Mentiroso", de Goldoni.

Os resultados financeiros foram sempre animadores: "Arsênico e Alfazema" produziu a bonita soma de 750 mil cruzeiros, mas "O Mentiroso" atingiu a perto de 900 mil. Neste momento, o espetáculo em cartaz no teatrinho da rua Major Diogo, está superando todos os records, tendo dado 145 mil cruzeiros só nas primeiras cinco noites de cartaz. Esse espetáculo é constituído por duas peças em um ato: "Entre Quatro Paredes" (Huis-Clos), de Jean Paul Sartre, e "Um Pedido de Casamento", de Anton Tchecov. Mas a companhia prepara outros espetáculos para o ano entrante: "Os Filhos de Eduardo", de Marc-Gilbert Sauvajon, dirigido por Cacilda Backer e Ruggero Jacobbi; "A Ronda dos Malandros" (Beggars

MAURÍCIO Barroso no protagonista de "Ele", o louco que se crê Deus, numa cena com Elizabeth Henreid, em Inválida, a filha do professor Coq, presidente do Congresso. Ambos moços e com absoluta segurança





SÉRGIO CARDOSO no papel de Lélío, em "O Mentiroso", que mereceu da crítica e do público os maiores aplausos, e A. C. Carvalho interpretando o Pantaleão dos Bisinhos. Em baixo, Carlos Vergueiro, que se incumbiu da parte de Arlequim, feita no Rio por Sergio Cardoso, e Célia Biar em Colombina. Esse foi um dos grandes sucessos da Companhia





RUI Afonso Machado fez o Florindo, o namorado tímido, enquanto Renato Consorte interpretou o Polichinelo. O guarda-roupa de "O Mentiroso" foi confeccionado sob figurines de Aldo Calvo, bem como os "croquis" dos cenários

Opera), de John Gay, em adaptação de Maurício Barroso e Carla Civelli, que Jacobbi dirigirá.

Para mais tarde promete-se a estreia de outro diretor, Luciano Salce, que deve estar viajando da Itália. Ele permitirá um revezamento contínuo dos encenadores e sua estreia terá lugar dirigindo "Summer and Smoke" de Tennessee Williams em tradução de R. Magalhães Júnior.

7

Leve ser curioso para o leitor que não vive em São Paulo, conhecer alguns pormenores sobre o Teatro Brasileiro de Comédia, instalado em prédio próprio. Tem 60 uma sala de espetáculos com 350 lugares, palco giratório, oficina de montagem, oficina elétrica, carpintaria, marcenaria, restaurante para os artistas e "boite" para seus dominios, o nome prestigiado de Alberto Camêdia, garantem a vida administrativa do teatro e constituem a primeira base de público.

São projetos dessa gente de vontade e iniciativa: obter um teatro maior em São Paulo, deixando o atual, da rua Major Diogo, como teatrinho experimental entregue a uma escola de Arte Dramática. Instalar um teatro próprio no Rio, com outra companhia emancipada da que trabalha em São Paulo. Realizar uma temporada na Capital da República com as peças anteriormente encenadas em São Paulo, e participar do próximo festival de Veneza com um espetáculo clássico e dois originais brasileiros.

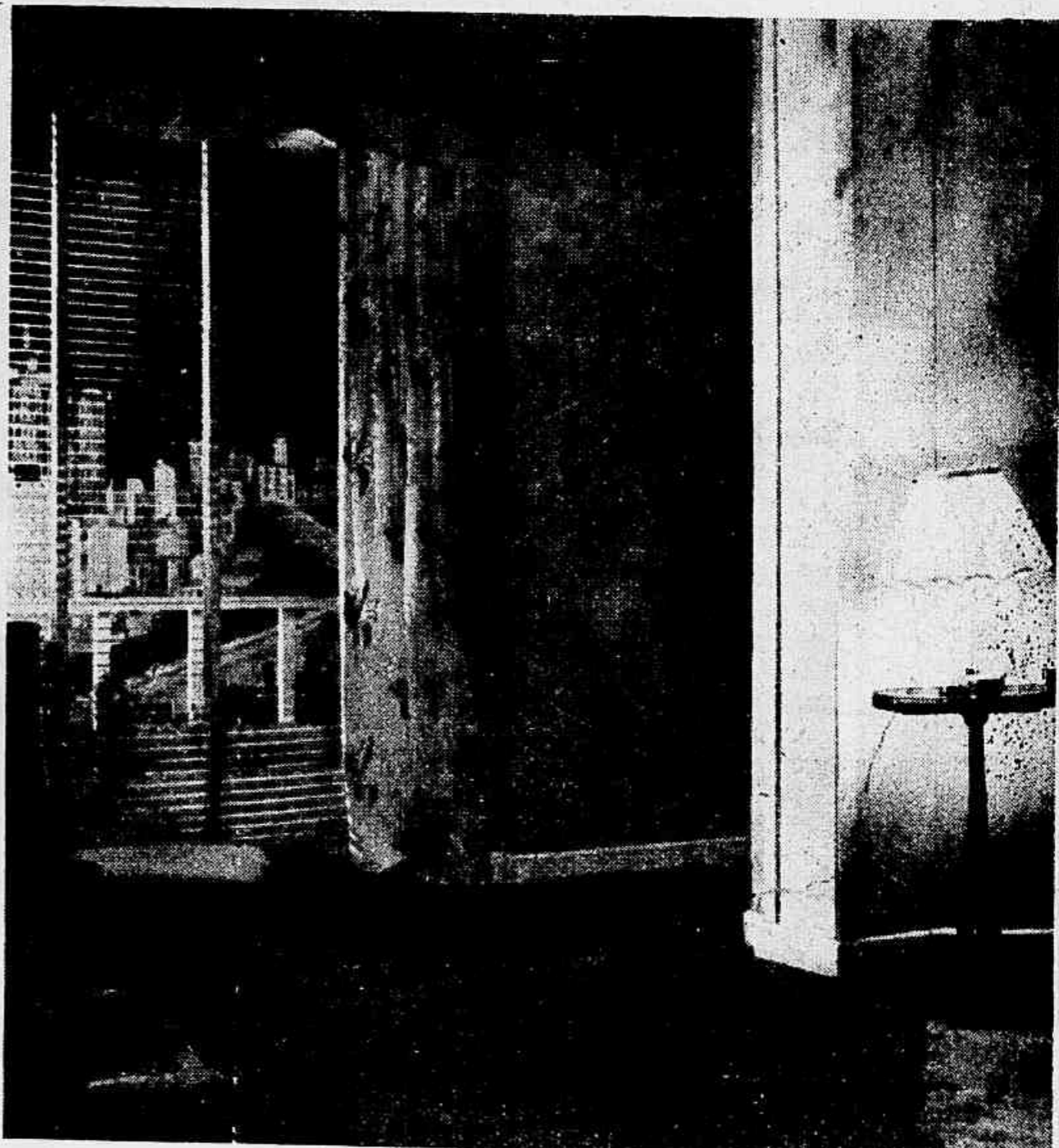
★

A Companhia Cinematográfica Vera Cruz, recém-fundada na terra bandeirante e que levou, logo de entrada, para seus dominios, o nome prestigiado de Alberto Cavalcanti, está vinculada à Sociedade Brasileira de Comédia, porque seus animadores são quase os mesmos. Está importando técnicos da Inglaterra, nos ramos de maquiagem, fotografia e som. Tem um chefe de som importado da Linamarca e um operador especializado em filmagem a cores, trazido da França. Neste momento ele estuda na Bélgica, por conta da Vera Cruz, o processo Gevaert-Coker. Entre os técnicos destaca-se o operador Robert Day, que foi o "lighting-man" do filme "Nas Garras da Fatalidade", dirigido por Alberto Cavalcanti. Para o ano corrente, essa entidade programou os seguintes filmes: "Caçara", argumento e direção de Adolfo Celi; "Noel Rosa", argumento de David Nasser, direção de Ruggero Jacobbi, com Sérgio Cardoso no protagonista; uma comédia brasileira do século XIX e uma nova edição do famoso filme "En rade", feito por Cavalcanti, na Inglaterra. Aliás, Cavalcanti será o produtor de todas essas películas, mas não dirigirá nenhuma delas. Só no ano vindouro a Vera Cruz produzirá um filme sob a sua direção exclusiva, baseado numa obra-prima da literatura brasileira.

Finalmente: a distribuição dos filmes que agora estão, começando a ser trabalhados em São Paulo, será entregue à Universal-International, ao que parece com versões portuguesa, espanhola e italiana de cada uma delas.



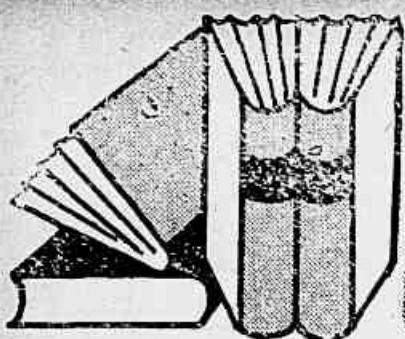
WALDEMAR Wey, Doutor Balanção, e Maurício Barroso no papel de Otávio. A maioria dos elementos da companhia são artistas que estão dando os primeiros passos no palco



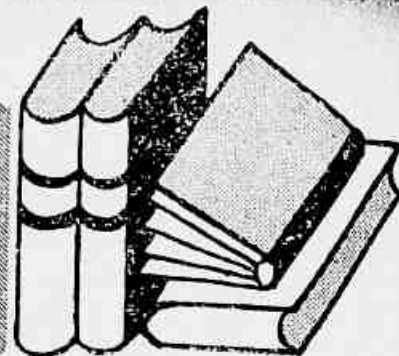
AS MONTAGENS apresentadas no Teatro Brasileiro de Comédia obedecem a requintado bom gosto e pronunciado senso artístico, como se pode verificar na gravura acima

FANTASIAS...





SEMANA LITERARIA



AS SÁTIRAS DE DJALMA ANDRADE

DJALMA ANDRADE, grande poeta mineiro, como o padre Corrêa de Almeida e como Belmiro Braga, é um satírico, embora sua bela e alta poesia — pois êle é autor de alguns dos mais perfeitos sonetos da língua. Djalma não ingressou na antologia que o meu querido Manuel Bandeira organizou para a Livraria Martins, "Obras primas da lirica brasileira". Deixo aqui a lembrança para a possibilidade de uma segunda edição, não para ser do contra ou vestir de amigo da onça... Nessa história de antologia, é sempre mais fácil descobrir as falhas do que exaltar os acertos. A de Manuel Bandeira tem, como é natural, uma e outra coisa, porém as excelências — sobretudo no que diz com o lugar feito aos modernos — sobrepõem de muito às pequenas, inevitáveis deficiências. Mas, estávamos falando no poeta Djalma Andrade, um dos grandes poetas contemporâneos, em Minas, no Brasil, no lirismo da língua. E' êle um sonetista da da altitude de Bilac, de Raimundo e de Alberto de Oliveira, e é também um mestre da redondilha e um satírico que continua a estirpe do padre Corrêa e de Belmiro, tradição que vai mergulhar suas raízes nas "Cartas Chilenas", o poema que consubstanciou o patrimônio de rebeldia e liberalismo mineiro, um dos títulos mais prezados da gente montanhosa. Aqui vão algumas sátiras de Djalma, para encanto dos leitores, nesta época em que se a poesia anda escassa, êste gênero, arriscado e inimigo do comodismo, encontra tão poucos cultores:

EXPERIÊNCIA

Do amor, por mais que se fale,
Ninguém faz a conta justa;
— Sabe o moço quanto vale,
Sabe o velho quanto custa.

NERVOSA

Todo o teu corpo estremece
Se te falo — que doidice!
— Que dirá se eu te dissesse
Aquilo que não te disse!

CREPE

Viúva de andar esquivo
E de olhar vago e absorto,
Eu vivo pensando, vivo,
Na vida que deste ao morto.

HUMANO

Eu te escolhi tal qual és,
Quero-te assim, nunca mudes;
— Encantado por teus vícios,
Nunca olhei tuas virtudes.

ESPIRITUAL

De tôdas que amei, no mundo,
Uma sômente ficou;
— Deixou traço mais profundo
Quem mais de leve passou.



A "ESFINGE" DECOCTEAU Um fotógrafo de Londres interpretou a Esfinge de Jean Cocteau, na peça "A máquina infernal". Aqui está ela. É um retrato surrealista da atriz Leueen McGeath e a fotografia é de Angus Mcbean. O papel principal da peça é o de uma velha atriz — mais ou menos copiada da vida da famosa Rejane



GORKI, de Jarbas Andréa

DESENHISTA JARBAS ANDRÉA

JARBAS ANDRÉA foi uma das mais belas estréias literárias do primeiro após-guerra. Ainda adolescente, Jarbas Andréa aparecia na imprensa com um brilho, uma cultura e uma sensibilidade incomuns. Depois, o cronista, "conteur", crítico de letras e de artes afastou-se da atividade literária e só de raro em raro seu nome aparece na imprensa periódica. E' que Jarbas Andréa, fundamentalmente artista, substituiu

a pena e a "typewriter" pelo lápis, pelo carvão e pelos pincéis, com que vem trabalhando uma obra pessoal e forte que, entretanto, conhecem apenas seus íntimos. Aqui está um de seus primeiros trabalhos como desenhista, um notável "portrait-charge" de Gorki que, embora de uma fase já superada pelo artista, dá uma idéia do vigor e da originalidade com que Jarbas Andréa se apresenta como artista plástico, dos mais interessantes que possuímos.

OUTRAS PÉROLAS

O brilhante poeta, historiógrafo e jornalista, Dr. Leôncio Correia, no artigo "E os ensinamentos de Budha?", inserto no "Diário da Tarde", de Curitiba, escreve:

"O budismo japonês destas horas de sangue e de dor tem, como o astuto Ulisses, para não ouvir o canto da sereia, os ouvidos atulhados de cera".

E' mentira. Segundo Homero, Circe preclara preveniu Odisseus que à voz das sereias maviadas, evitassem os companheiros: sômente a êle, Ulisses, concedeu que as ouvisse, porém, amarrado fortemente ao mastro, a fim de resistir ao apêlo do abismo... Antes, sem exceção, aos ouvidos dos sócios o herói tapou com rodela de cera; ora, pois, apesar de Buda, Ulisses ouviu o canto das sereias...

JOSE VERISSIMO E DREYFUS

O crítico José Verissimo, analisando no livro "Homens e coisas estrangeiras" (Garnier, 1902, pág. 60), o papel dos literatos no processo Dreyfus, a guisa de crítica ao volume de Henri Béranger "La France Intellectuelle", assegura que os homens da pena só participaram da célebre pelega após a publicação do famoso "J'accuse", de Zola. As datas bastam para indicar o equívoco. Quando a peça foi publicada no "Aurore", em 13 de janeiro de 1898, tôda a intelectualidade francesa, estava na barricada espiritual, pró e contra a inocência do capitão. O pronunciamento dos homens de letras verificou-se não "após" a nobre intervenção de Zola, porém "antes". Aliás, a primeira menção pública do "caso" fê-la o famoso (triste fama!) Edouard Drumond, criador na França, do movimento anti-semita, na "Libre Parole", em 1º de novembro de 1894. Não há dúvida! Verissimo equivocou-se.

(Ubaldo Soares)

Em tradução de Darcy Damasceno e com vinhetas de Yilen Kerr, "Orfeu" acaba de editar "O Cemitério Marinho", de Paul Valery.

QUE LIVROS INFLUIRAM NA SUA VOCAÇÃO LITERÁRIA?

Resposta de Mário Filho: de "Rocamboles" a "Guerra e Paz"

MÁRIO FILHO é um dos autores mais lidos do momento, graças ao seu "Romance do Foot-Ball", um dos "best-sellers" deste começo de ano. Mas Mário Filho não é apenas um escritor de esportes, como poderiam indicar seus três últimos volumes — "História do Flamengo", "O Negro no Foot-Ball" e agora "Romance do Foot-Ball". Antes já publicou dois livros de novelas, de data antiga, "Bonecas" e "Senhorita 1950", tendo para sair este ano o romance "Um dia de trabalho", de ambiente de imprensa e dividido em quatro partes: 1.ª, 2.ª, Final e Extra.

Respondendo ao nosso inquérito, Mário Filho fez questão de citar entre suas leituras iniciais aquelas que foram o primeiro adubo de sua vocação literária — "Rocamboles", de Terrail, e "As memórias de um médico", de Dumas. Em seguida, o escritor em germe teve seu interesse arrastado pelos autores de língua castelhana, Felipe Trigo e Pedro Mata principalmente. Depois foi Leonidas Andreiev que lhe interessou e mais Knut Hansum e a "Lenda de Gosta Berling", de Selma Langerlof. O escritor, então, se fez um cultor da frase e do brilho — como atestam seus primeiros livros. Vieram os sucessos fáceis e o amadurecimento. Foi o tempo de "Guerra e Paz" e de "A procura do tempo perdido".

Seu livro máximo é "Guerra e Paz", que relê sempre, em várias traduções e em tôda e qualquer edição que aparece. E' curioso notar como o autor de "História do Flamengo" evoluiu nas leituras e na literatura: nesta, substituiu o brilho e a frase pelo estilo direto e a linguagem viva, coloquial. E é ainda curioso observar que um dos autores atuais de maior público no Brasil — não acusa nenhum livro brasileiro na sua formação literária.



Mário Filho

O ALBUM DE BEARDSLEY

Foi um breve comentário sobre o ilustrador da "Salomé", de Wilde, que me proporcionou o conhecimento deste magnífico álbum de desenhos de Aubrey Beardsley — "The Best of Beardsley" — de R. A. Walker, oferta gentil do Delegado Geral do Brasil do Conselho Britânico.

O álbum de desenho de Beardsley, aparecido há pouco, foi primorosamente editado, com notáveis reproduções dos trabalhos do artista, selecionados nas coleções e obras diversas, reunidos neste volume, não apenas com o carinho de um amigo e o gosto do esteta, pela obra admirável que nos legou o gênio torturado do singular desenhista.

"The Best of Beardsley" tem ainda o valor extraordinário do estudo inteligente e penetrante de Walker e de suas notas elucidativas. E sua orientação foi a mais sábia possível, pois, reconhecendo o talento incomum de Beardsley para os desenhos de capa, incluí numerosos espécimes de trabalhos desse gênero, entre eles duas capas que são verdadeiras obras-primas: a simples e perfeita da edição (Smithers, 1896) dos "Versos", de



Downson, e o último de seus "Cover-design", a estonteante capa da edição de "Volponi", também edição Smithers.

A arte de Beardsley, sem deixar de ser eminente, plástica, oferecendo nesse âmbito, até suas invenções geniais em preto e branco, seus prodígios de unidade entre elementos irreconciliáveis como o antigo e o moderno — foi particularmente literário. Por isso, o que nos legou de melhor está na ilustração de textos, nas suas capas, nas letras capitulares e vinhetas, nos frontispícios e, finalmente, no seu "cul-de-lamp", de tão perturbadora bizarria, como o de "Salomé", onde um Pierrot e um Sátiro depõem o corpo nu da heroína dentro de um porta-pó-de-arroz.

O álbum de Walker nos dá, assim, reunindo tantos desenhos desse gênero, um esplêndido panorama da arte de Beardsley, após meio século da morte prematura desse artista inclassificável que — "pertence àquela rara espécie de limbo da estratosfera estética", esse desenhista inquietante que não se adaptava a qualquer tradição ou escola, sendo criador do próprio gosto com o qual deveria ser apreciado, aliando, no instinto dos valores de seu meio expressivo, a inteligência, a agudeza, o humor sardônico e um temperamento erótico e que, com uma simples linha, exprimia o jeito dramático e a emoção profunda. Já dissemos que as notas de Walker enriquecem o álbum. Vamos citar algumas, para satisfazer a curiosidade dos interessados. Na página dois, chama a atenção para uma das ilustrações de "Salomé": nela se vêem Salomé e Yokanaan, diante da lua — que é uma caricatura de Wilde. Como se sabe, Beardsley não apreciava nem Wilde, nem a "Salomé". O que há de mais curioso nas suas ilustrações, dessa obra, é o seu sentido satírico, interpretações modernas do texto, Salomé do último figurino de decidido e trágico humorismo — entretanto, tudo isso paradoxalmente combinando a maravilha com a obra. Na página três, por exemplo, outra ilustração de "Salomé", Walker nos chama a atenção para influência japonesa do traje da princesa, uma reminiscência do "Peacock Room", de Whistler. A "Capa Preta" (n. 4) também não tem conexão com a peça, é uma caricatura da moda da época. Entretanto, não se sabe o que de impressionante e trágico. Também as caricaturas de Wilde se sucedem nas ilustrações (ns. 5, 7 e 8), mostrando a irreverência do artista. Irreverência que lhe inspirou estes versos, a propósito de uma das ilustrações (n. 7) em que aparecia uma figura nua:

**FORA
DO
PRELO**

"Because one figure was undressed
This little drawing was suppressed,
It was unkind, but never mind
Perhaps it was all for the best."

A impiedade, o sarcasmo de Beardsley não poupavam nem a si próprio. Há no álbum dois auto-retratos de humor amaríssimo, de acabamento perfeito, até na intenção satírica. E há verdadeiras jóias, obras-primas de labor e intenções emocionantes. Podemos citar entre elas: "Lady Gold's Escort", publicada no "Yellow Book", que, em simples branco e preto, dá um singular efeito de sombra e luz: "The Mysterious Rose Garden", cheio de mistério e beleza técnica, sugestivo e perverso; "The Dream", uma das obras-primas de sua arte, segundo os entendidos; "The Cave of Spleen", uma fantasmagoria rococó, realmente alucinante, como desenho e como sugestão; o elaborado "The Abbé", para uma novela sua "Under the hill"; o assombro de "The Third Table of Das Rheingold", aparecido em "The Savoy"; e, além de muitos o muitos outros, aquele patético, singelo e emocionante "The Death of Pierrot", publicado também em "The Savoy", datado de 1897 e que parecia a antevisão do próximo fim do artista.

Essa "Morte de Pierrot" parece reunir na cena cheia de sugestão e poesia macabra, os traços dominantes da arte de Beardsley, na maneira de Beardsley, na maneira da composição e no seu sentimento, mistura permanente de tragédia e frivolidade, de humorismo e de amargura, de imponderável leveza e de duro realismo dramático. É uma síntese de seu gênio, do homem e do artista, e nos comunica essa desolação conflagradora que ele devia sentir, ante o epílogo próximo e prematuro.

MAL D'AMOUR

Um "Prix Goncourt" é um romance sobre o qual nada mais precisamos dizer. Este é o caso de "Mal d'Amour", de Jean Fayard, que a Editora Americana reeditou entre nós.

As personagens de "Mal d'Amour" são criaturas vivas, como em todo o bom romance, o que, portanto, não constitui originalidade neste. Mas a vida e as misérias que elas vivem aqui é que nos sacodem e buleversam. "Mal d'Amour", mal de amor. Mas Dalen, Florence, Angele, Dougherty e outros é que sabem o que isto representa. Mal de amor que começa sem quê nem para quê, misterioso e inevitável:

"Dis-moi pourquoi je t'aime
Est-ce pour les grands yeux?
Pour ta beauté suprême?
Pour l'or de tes cheveux?"

Há também coisas tremendas, como neste diálogo:

— "Tu nem mesmo te acreditaste apaixonado?"

— "As vezes, antes da conquista. E depois eu me sentia ridículo, por ter acreditado. Hoje, sei que, se penso um pouco obstinadamente em uma mulher, é a carne que pensa por mim..."

— Por que havíamos de ter horror do amor?

— Tudo nele é horrível, se não levamos nosso romantismo conosco...

E pensamentos como este:

— "Um corpo nu pode ser belo, jamais um coração nu".

Uma mulher assim:

— "E ela também perseguia desesperadamente uma ilusão."

E outra que tanto servira de modelo àquele pintor, apaixonado de seu corpo, que acabara "por parecer com seus retratos, tão bons eram eles, e re-

encontrava nos seus olhos, na sua atitude, na linha de seu colo, o próprio "estilo" do artista."

Mal de amor, bem de amor... Como neste caso.

"Eles se amariam com serenidade, profundamente, sem dúvida, mas, sobretudo, "completamente". Eles teriam os mesmos gostos em todas as coisas, se cansariam no mesmo ponto de uma sinfonia de Beethoven, ficariam encantados pelas mesmas mulheres ruivas de Renoir e leriam as mesmas páginas de Montaigne e de Mme. Sevigné..."

Samain e o amor... Sim, um dos primeiros "flirts" de Jacques fora uma dactilógrafa e ele se lembrava com disabor da inclinação que tivera por ela... Por quê? Mas por que ela — "aimait Samain par-dessus tout"...

Aqui está uma frase para as mulheres sublinharem de unha:

— Les amours qui commencent loin des villes sont plus belles que les autres."

E estas:

— "Moi aussi, je crois que le parfait accord de deux êtres est un des buts plus désirables sur la terre. Mais une vie y suffit à peine."

E adiante:

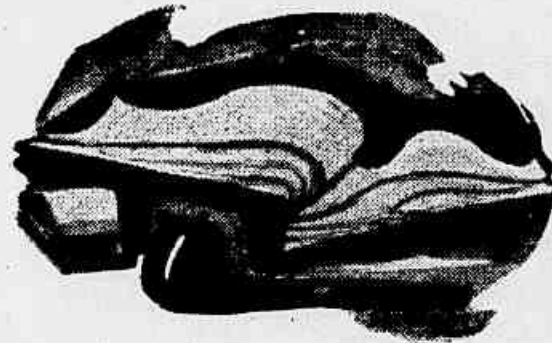
— L'Amour c'était l'inquiétude qui survit à l'apaisement des sens, c'était l'exaspération du sentiment de la solitude humaine jusqu'à l'angoisse..."

As admiráveis notações tão vivas e tão expressivas da paixão do amor... Como certa noite, sôzinha:

"Era em sua alma que ele sofria... ele precisava do cheiro de Florence, o cheiro próprio de seu corpo misturado exatamente ao perfume que ela usava... o calor dessa mulher... seus cabelos desarrumados sobre a almofada... seus olhos fechados..."

Como nas horas tranquilas do amor:

"Pode-se ter em si muito amor e nem mesmo saber de sua presença, enquanto os dias correm felizes. Precisamos sofrer para que encontremos bruscamente o oculto no fundo de nosso coração um sentimento que se revela por uma dor viva. Sua forma positiva é o sofrimento, não a alegria, e os amorosos procuram impacientemente o infortúnio, sempre sem querer, com o fim único de sentir quanto ainda amam. A felicidade se torna muito facilmente ben-



estar, abandono, vago torpor; é preciso perder, para sentir no gosto dos remorsos o que alguém era para nós, para amar a sua lembrança."

Em outras páginas:

— "Ela é terrível como todas as mulheres."

— "...dessa "coquetterie" involuntária que as mulheres dedicam a todos os homens e até aos que menos lhe agradam, sobretudo quando essa "coquetterie" pode despertar em alguém um pouco de ciúme."

— "O amor é um lindo jogo, cujas regras são desgraçadamente mal feitas, como todos os jogos em que precisamos de um parceiro."

— "Eu acreditara sobre a fé dos homens e da literatura, que o amor trazia uma significação à nossa vida e nos transportava a regiões mais altas."

— "...este amor transforma os bravos em covardes e os homens inteligentes em imbecis... E por quê ser tão cego, meu Deus? Para ser infeliz por mais tempo..."

"Mal d'Amour", mal de amor... Saímos da noite desse drama para que nos ofusca a vista esta frase final:

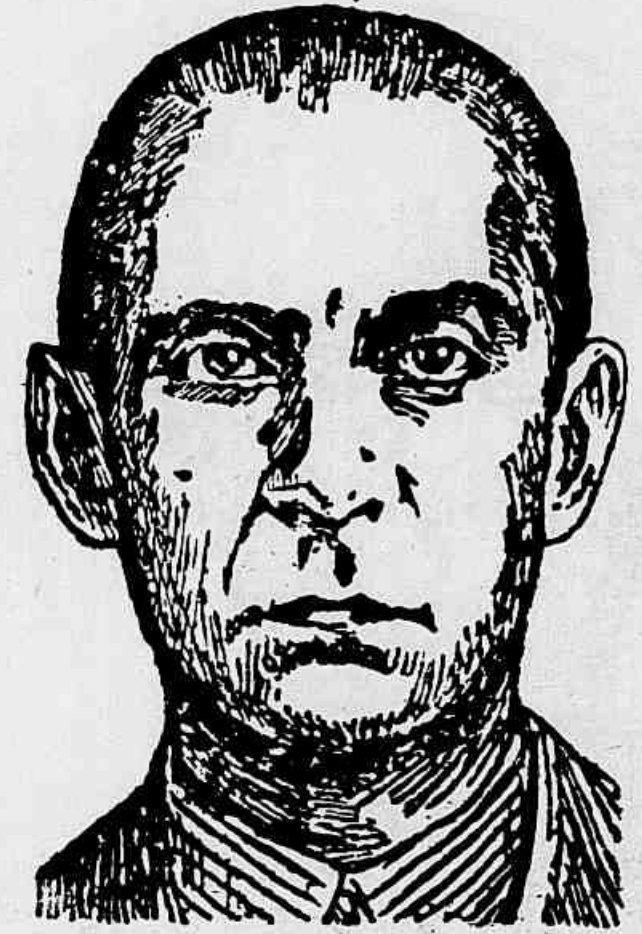
"Mais le soleil reprint sa route..."

OUTROS LIVROS

Na primorosa tradução de Gastão Cruls, estamos relendo "Nijinsky", de Romula Nijinsky, com prefácio de Paul Claudel, uma oportuna segunda edição brasileira da biografia do grande bailarino que representa toda uma época — e a mais ilustre — do "ballet russe". Livro indispensável a quantos se interessam pela dança, ao mesmo tempo que emocionante história da vida dramática de um homem.

A propósito do centenário de Joaquim Nabuco, que se comemorou em 1949, Celso Vieira apresentou sua admirável biografia do "Libertador da Raça Negra", conforme a sub-epígrafe da obra. Celso Vieira é um dos maiores estilistas da língua, um prosador-artista cujo livro faz honra ao espírito de elite que biografou. A vida ilustre de Joaquim Nabuco merecia realmente um estudioso que aliasse ao afeto pelo protagonista o alto e harmonioso dom da palavra escrita, como é Celso Vieira.

Uma nova série de "Discursos" de Aloísio de Castro está enriquecendo as bibliotecas. Aloísio de Castro é um orador da escola clássica, mestre da tribuna e do discurso de idéias — o que faz de sua



Gastão Cruls

oratória admirável exemplo de prosa inteligente, além de brilhante. Nesta nova série de "Discursos", encontramos alguns estudos que representam páginas antológicas sobre o assunto, além de constituírem padrão da grande oratória: "Deveres da mulher no mundo de hoje", "Miguel Couto", "Medicina Social", "Afrânio Peixoto" e "Pela língua portuguesa", eis algumas dessas páginas.

Outra biografia romaneada está nas livrarias: "Anita Garibaldi, heroína por amor", de Valentim Valente. Trata-se de um grande e sentido livro sobre a vida novelesca da formosa catarinense que uniu seu destino ao do bravo guerreiro da Itália. A biografia de Valentim Valente, abundantemente documentada, tem o encanto e a emoção do mais imaginoso romance de aventura e de amor. É o livro que faltava sobre a linda figura de mulher brasileira, suas virtudes, sua beleza, sua bravura. E tão interessante é a obra que o cinema italiano já realizou as negociações para filmá-la.

UM DISCIPULO DE KAFKA

De Minas, depois de "Sagarana", com contos marcantes de J. Guimarães Rosa, nos vem outro contista de pulso — Murilo Rubião, irmão mais novo de Kafka, que nos proporcionou em "O ex-mágico" os seus super-mundos deliciosos de conteúdo poético, de "humor" fantasista, de arbitrárias realidades, de criaturas funâmbulas desarticuladas, eradias ou imaginárias, de acontecimentos sonambúlicos, delirantes e estranhos. Esse conto, "O ex-mágico", que dá título ao livro — é uma obra-prima no gênero.

TRES SÓCIAS DOS FENÉVES OLHAM NA
ZEIROSAMEN... OS ALBUNS DO LITRE... ESPE
CIALMENTE OS QUE GUARDAM AS FOTO-
GRAFIAS DO PRINCÍPIO DO SÉCULO PARA
CRITICAR AS RIDÍCULAS MODAS DE ENTÃO





Na presença de membros da Diretoria, alguns dos quais sócios a mais de quarenta anos, o presidente Marques Júnior presta à reportagem informações sobre o clube



Comissão de Carnaval. Presidida pelo leiloeiro Alfonso Nunes. Na foto vemos, ainda: Marques Júnior e Aires Câmara, tesoureiros, Eugênio Rios e Silvestre Leite, barracão

A ORIGEM DOS TENENTES DO DIABO

**ORIGENS INCERTAS ★ DUAS VERSÕES PARA O NOME ATUAL ★ APE-
SAR DO FOGO E DAS NUMEROSAS SEDES POR QUE PASSARAM, CON-
TAM COM O MAIOR ARQUIVO ★ LUTA ATIVA PELA ABOLIÇÃO DA
ESCRAVATURA ★ UM PRECIOSO JORNALZINHO EDITADO EM 1884**

Texto de IBERÊ

Fotos de ARNALDO VIEIRA

PARA finalizar a série de reportagens sobre os clubes carnavalescos do Rio de Janeiro, visitamos a "caverna dos Tenentes do Diabo", a mais antiga sociedade recreativa existente na Capital da República. Ao esforço de memória de alguns dos mais antigos sócios, às pesquisas que eles andaram fazendo nos últimos anos, inclusive na Biblioteca Nacional, e às informações eventualmente obtidas pelo sistema da tradição verbal, devemos a reconstituição das origens e dos primeiros anos de vida do quase centenário clube da Lapa.



O mais antigo diploma. Ainda era Euterpe Comercial Tenentes do Diabo. Pertenceu a Henrique... Vinhas Ribeiro. 30 de setembro de 1896. Trabalho de confecção francesa



Várias gerações de "diavolinhas" têm passado pelos salões sempre animados dos "baêtas". Estas são as de 1950, herdeiras do entusiasmo e da alegria das anteriores. Na hora do Zé-Pereira troar, tôdas elas comparecem...

Disse-nos o presidente que a fundação da sociedade remonta ao ano de 1855. Ninguém sabe a data certa, nem os nomes dos organizadores.

— O nosso clube — explicou o sr. Marques Júnior — além de ter peregrinado por um sem número de sedes, sofreu dois grandes incêndios, de modo que muita coisa que se conseguiu salvar do primeiro, desapareceu no segundo. Perdemos todos os documentos. Os que possuímos, são posteriores a 1904, data da nossa reorganização, faltando assim mesmo tudo o que foi devorado pelo fogo de 1912. Trabalhamos persistentemente durante muito tempo para conhecer a nossa história, e todos os dados que pudemos recolher estão à disposição da REVISTA DA SEMANA.

Parece que o primeiro nome do clube foi "Zuavos". Lemos num matutino desta capital que a denominação provinha "do período romântico dos Zuavos, que, sob o Império de Napoleão III, iam combater os austríacos, ombro a ombro com as tropas de Garibaldi, na luta pela libertação da Itália". Se de fato o nome tem essa origem, então a data está errada, pois os "Zuavos" só foram conhecidos na Itália em 1859, quando aos 31 de maio se bateram contra os austríacos em Palestro, ao lado dos piemonteses de Vitor Emanuel II, e não dos garibaldinos, que formavam um corpo de exército autônomo — os Caçadores Alpinos — todos voluntários, sob a responsabilidade direta do herói dos dois mundos. Até 1855 bem outra era a impressão deixada na Itália pelos franceses de Oudinot, que, a pedido do tristemente famoso Pio IX, impediram em 1849 a proclamação de Roma como capital de uma república desligada do Estado Pontifício. Se divagamos a respeito da crônica pe-

Fora do período carnavalesco não são vendidas bebidas alcoólicas. É o que provam essas associadas que, reunidas na sede do clube, brindam com copos de leite



Entre os muitos objetos de propriedade do clube, que andaram perdidos após os incêndios ou por causa das mudanças, estava este velho vaso de porcelana de Sèvres, que foi visto num leilão, reconhecido e recuperado

minsular é porque gostamos da história dos povos como ela é na realidade, sem fantasiar. Por outro lado, admitindo como certa a data de 1855 para a fundação do clube carnavalesco, iremos a favor do que diz Melo Moraes Filho em seu livro "Festas e tradições populares do Brasil", a página 39:

"A Euterpe Comercial, sociedade de música, transforma-se em Zuavos...". O clube, portanto, teria começado como Euterpe Comercial, para se transformar em Zuavos, quando dos feitos dos mesmos na Europa, até 1861, ano em que, pelas duas versões conhecidas, passou a se chamar Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo.

A primeira versão quem a fornece é o próprio Melo Moraes Filho, no citado livro, a página 43:

"...Sem podermos firmar as datas da fundação das sociedades de hoje recordamo-nos de um fato que determinou o renascimento do carnaval, que ia em decadência: o incêndio de uma farmácia ou drogaria da rua Direita — hoje 1ª de março — no ano de 1861. Os teatros estavam cheios e a notícia espalhou-se. Os Zuavos, supondo que o fogo se havia declarado em casa de um dos sócios, para lá correram, e, com o seu uniforme carnavalesco, auxiliando o corpo de bombeiros, portaram-se com a maior valentia. Extinto o incêndio, levantaram-se para eles as labaredas do prestígio. Novos sócios en-





Dona Dulce Marques, senhora do presidente, encarregada do guarda-roupa, pede a S. Jorge, o padroeiro do clube, que o dinheiro disponível seja suficiente para o clube divertir o povo carioca na terça-feira gorda

taram; o entusiasmo aviventou-se, e não longe desse batismo de fogo, que lhes consagrou o nome, receberam na crisma de Momo o de Tenentes do Diabo."

A participação dos Zuavos no combate ao incêndio acima descrito, é fato histórico, tendo merecido palavras encomiásticas do imperador D. Pedro II, que até escreveu uma carta, congratulando-se com o clube e enviando-lhe uma condecoração. A carta andou perdida, porém, sua veracidade está comprovada pela existência de um documento que a ela faz referência.

A outra versão diz mais ou menos o seguinte: Pelos estatutos da sociedade, os sócios que, durante o ano, mais tivessem se distinguido em ações para o progresso do clube, eram merecedores da "patente de oficial". Para tanto, a diretoria, todos os fins de ano, compilava uma lista de candidatos à promoção, enviando-a à assembleia geral, para que a discutisse e aprovasse, conferindo aos promovidos o título de "Tenente", o máximo permitido pela Carta do clube. Ora, em 1861, existindo já um pouco de animosidade entre os associados, a lista apresentada pela diretoria não mereceu o aplauso unânime, pelo contrário, serviu de motivo para acaloradas discussões e conseqüente tumulto. Diante da inesperada oposição, o presidente da mesa foi obrigado a suspender a sessão por algum tempo, para que a crise não tomasse



Grupo de associados dos Tenentes, com seus uniformes vermelhos e as bandeiras rubro-negras, onde se destaca a sigla do veterano clube, posam para a REVISTA DA SEMANA, e prometem tentar o bi-campeonato



sérias proporções. Essa medida foi acompanhada pela reprovação formal do presidente, que teria declarado em voz alta: "Vão todos ser Tenentes do Diabo!". Após algum esforço, voltou a calma e a sessão foi reaberta. Alguém propôs e a maioria aprovou, debaixo de uma calorosa salva de palmas, que se considerasse extinto o nome de Zuavos e legalmente oficializada a nova denominação de Euterpe Comercial Tenentes do Diabo, aproveitando-se a oportuna frase do presidente.

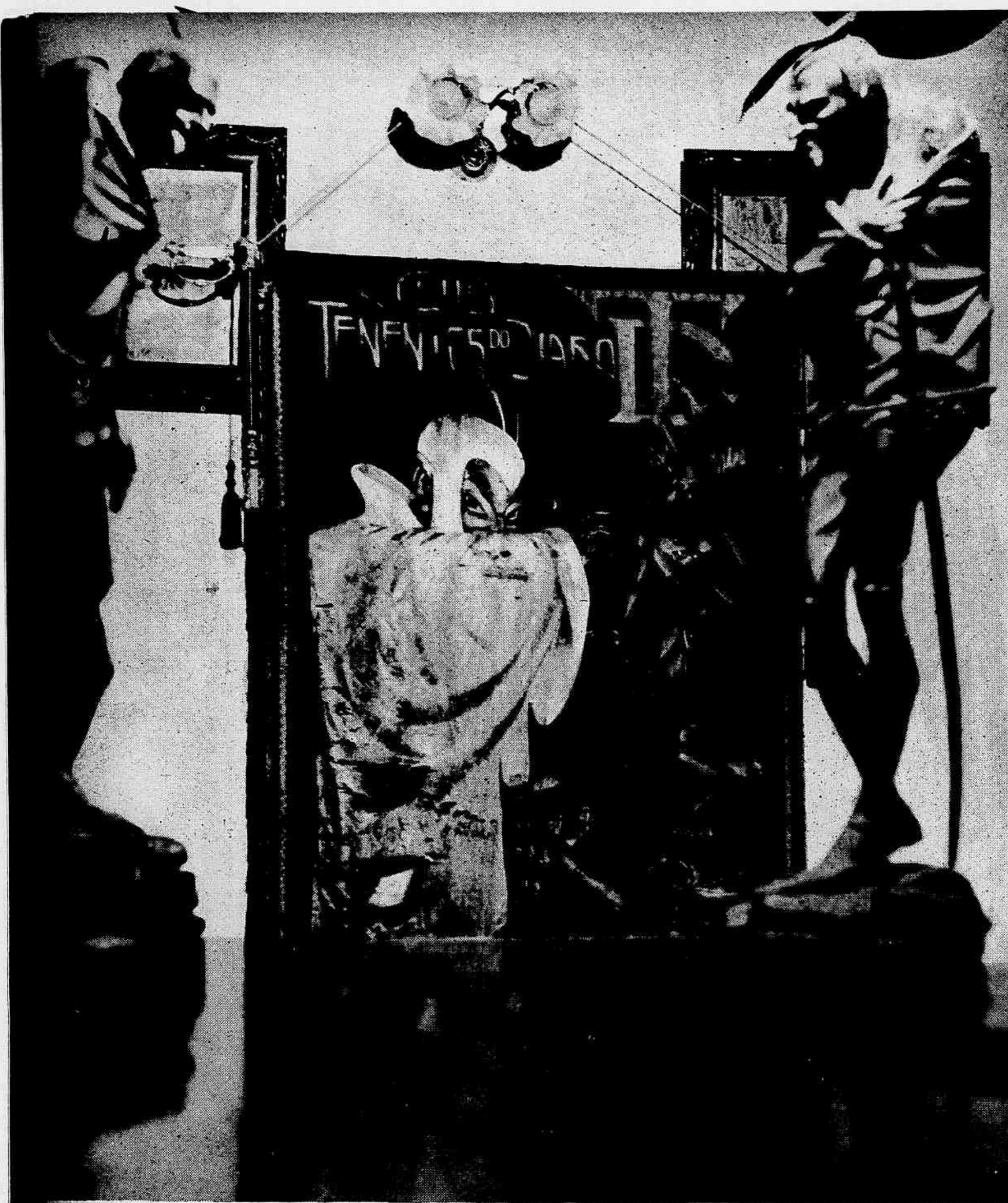
Euterpe Comercial era o primitivo nome da sociedade de música que, além de ser composta, na maioria, por destacados elementos do comércio local, possuía também uma famosa banda de música. Contrariamente a quanto acreditam alguns, essa denominação perdurou até o fim do século, pois tivemos oportunidade de apreciar um dos velhos diplomas que o clube entregava, com data de 30 de setembro de 1896, em que aparece ainda o nome por extenso. Só em 1904, quando da reorganização, não contando mais com o contributo da banda de música, por demais custosa, foi o nome simplificado para o atual "Tenentes do Diabo".

Seja qual for a verdade, as duas versões são interessantes e plausíveis, não desmerecendo as duas a fama que sempre tem acompanhado a longa vida dos Tenentes.

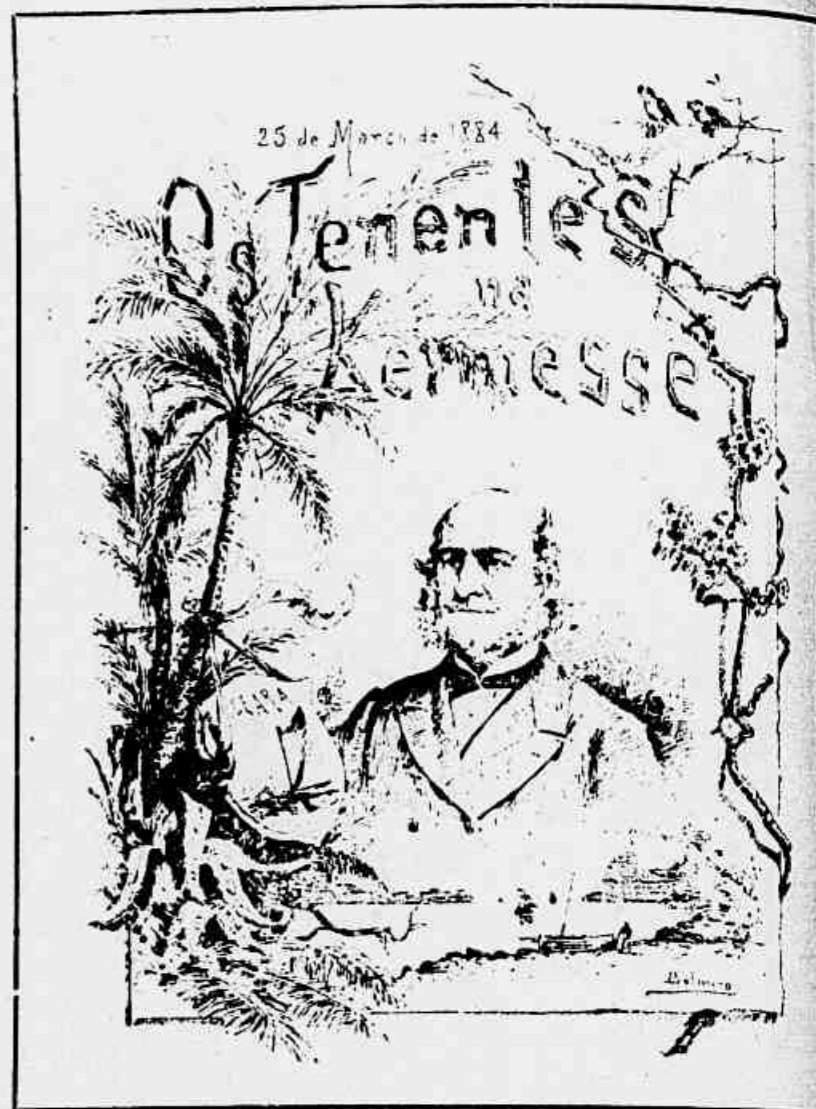
— Por qual razão — perguntamos — chamam de "Caverna" à sede dos Tenentes e "Baetas" os seus sócios?

— Ao certo não sabemos; apenas podemos conjecturar. A denominação de Caverna deve ter sido posterior à adoção oficial do novo nome do clube que, em 1861 passou a ser Euterpe Comercial Tenentes do Diabo. Veja bem "do Diabo". Deve ter sido por causa dele que a sede, por analogia, passou a ser conhecida como

Alguns dos artistas que trabalham no barracão da rua Francisco Bicalho, no préstito dos Tenentes para o carnaval de 1950: Francisco de Andrade, Manuel Faria, Bustamante Sá, Pamplona, Marthô, Teobaldo S. Pinto



Um dos muitos estandartes que o clube possui. Velho, marcado pelo tempo, mostra-se ainda agora, soberbo, nos seus dourados e na artística interpretação do Diabo, que a mão do mestre Jaime Silva confeccionou



Reprodução da capa de "Os Tenentes na Kermesse" de 25 de março de 1884. A efígie do Visconde do Rio Branco no meio de uma alegoria em homenagem ao Ceará, o primeiro a abolir a escravidão no país

Caverna. Também por analogia supomos que surgiu o apelido de "Baetas" para os sócios. Baeta, no Brasil, é o tecido vistoso que ostenta as cores preta e especialmente vermelha: as duas cores do pavilhão do clube, cuja origem também ignoramos.

— Há pouco aludiram ao fato de o clube ter peregrinado por um sem número de sedes, como também falaram de dois incêndios que destruíram, em épocas diferentes, a "Caverna". Poderiam nos dar maiores detalhes?

— Quanto às sedes pelas quais passou o clube no século passado, nada sabemos, a não ser que o primeiro incêndio verificou-se quando a Caverna estava na Rua dos Andradas, próximo do Largo de São Francisco, possivelmente nos últimos anos do século, sendo esta talvez a causa da suspensão das atividades do clube até a sua reorganização em princípios deste século. Em 1904, já com o nome simplificado de Tenentes do Diabo, começou nova fase para o clube, com sede na rua Senador Dantas, esquina com o Largo da Carioca, em frente ao antigo edifício da Guarda Velha. Ali era a sede do "União Comercial", que nós tomávamos emprestada para as nossas reuniões. Fomos em seguida para o Palacete Leque, na Avenida Passos, esquina com Marechal Floriano, onde hoje está o cinema Primor. Voltamos para a Rua Senador Dantas, com o fechamento do "União Comercial", de quem aproveitamos a sede e os sócios, que vieram engrossar nossas fileiras.

(Cont. da pag. 48)



Entre os bronzes conquistados estão o oferecido pelo Grupo dos Laranjas e o da revista "Caras y Caretas", de Buenos Aires, em 1908, por ocasião do tri-campeonato de Marrois

O DIABO, NA CLÁSSICA PERSONIFICAÇÃO DO MEFISTÓFELES, É O SÍMBOLO DO CLUBE, QUE O POSSUI EM ESTATUETAS DE VÁRIOS TAMANHOS. SERÁ O DIABO TÃO PRETO QUANTO O PINTAM. AS DUAS "TENENTES" NÃO CREEM



RESSALTA das mais recentes constatações médicas que o prisioneiro do forte de Ile d'Yeu, o Marechal de França, Philippe Petain, entrou naquele estado mental semi-brumoso que os médicos batizam como debilidade mental.

Ao despertar de longos sonos nos quais passa a maior parte de seus dias, mantém o Marechal um vago olhar, como de quem está fora das realidades mundiais.

Uma nuvem se estende pouco a pouco sobre a sua memória. Sua reativa como que se dilui e o antigo e glorioso vencedor de Verdun, já não parece lembrar-se mais de que foi o Marechal de França. Em suas palestras sempre surgem lembranças e recordações de sua primeira infância em Gauchy-la-Tour. E' como se ele procurasse reviver apenas sua vida de menino, de jovem, de adolescente, procurando esquecer o resto. Não fala jamais em Vichy nem no general De Gaulle.

A consciência de sua situação e de seu estado parece que lhe escapa ao espírito. Muito recentemente o Marechal Petain perguntou a uma religiosa qual o lugar em que estava.

A irmã, piedosamente lhe respondeu: "Mas o senhor está em sua propriedade, em sua própria casa, Marechal". Ouvindo isso Petain indagou curiosamente: "Mas, quem paga todo este pessoal?"

Sem deixar-se trair, a religiosa esclareceu:

—E' o govêrno...

— Ah! Está bem... — concluiu ele com um ar de satisfação.

No correr do mês de maio último seu estado de saúde se agravou bruscamente. Temendo os médicos assistentes que isso mais se complicasse, fizeram chegar a notícia ao conhecimento do Ministro da Justiça, M. Robert Lecourt, o qual convoca o Conselho de Ministros para estudar a possibilidade de ser enviado Petain para uma enfermaria militar, lembrando-se então a de Becquet, em Bordéus.

Já os professores Piedelieve, Donzelot e Laignel-Lavastine, haviam, em fevereiro de 1949, concluído pela necessidade de ser o Marechal transferido para aquela enfermaria, em virtude de não ser possível dar-lhe melhor e mais eficiente assistência médica no forte de Ile d'Yeu.

Mas, viva oposição se manifestou no seio do Conselho de Ministros contra toda e qualquer medida como essa sugerida pelo sr. Lecourt, a qual poderia ser interpretada pela opinião pública como se encobrisse um movimento de clemência.

Além disso outras objeções práticas foram discutidas. Poderia o velho Marechal suportar a longa viagem por mar? Lembraram ainda os riscos de sofrer o comboio algum atentado. Também foi citada a impossibilidade de encontrar-se uma enfermaria em plena cidade. Resultou de todas essas discussões que o Marechal permaneceria onde estava, embora o Conselho de Ministros procurasse ordenar melhorias em seu conforto pessoal e assistência médica. M. Queuille insistiu pessoalmente a esse respeito.

E' interessante acrescentar que,

PETAÏN, UMA SOMBRA

O QUE HÁ DE VERDADE ACERCA DE SEU ESTADO DE SAÚDE ★ O POVO SUÍÇO INTERESSADO NA SORTE DO MARECHAL ★ HOVE NO CONGRESSO BRASILEIRO UM MOVIMENTO PELA SUA LIBERTAÇÃO

até então, o único médico que atendia ao Marechal era o dr. Imbert, médico da ilha, personagem bastante original, que se suicidou faz alguns meses, depois de estar envolvido em certos assuntos de natureza moral.

Agora, isto é, depois daquela reunião do Conselho, Petain passou a ser visitado diariamente por um médico militar, o capitão Massonié, especialmente destacado para isso e residente na própria fortaleza.

Entretanto, para maior seguran-

plomadas e de duas religiosas, às quais o Marechal expressa sempre seu reconhecimento. O pessoal da prisão designa, familiarmente o Marechal Petain com o nome de "Avô". Ele que dorme em um leito de ferro de estilo militar, levanta-se todos os dias, aí por volta das nove horas. Faz cerca de dois meses, mais ou menos, que ele deixou o hábito de compor seu leito, embora continue a achar que somente ele é capaz de fazê-lo convenientemente.

O quarto do Marechal contém



Um dos mais recentes instantâneos fotográficos de Petain, falando a um guarda no pátio do forte de Ile d'Yeu e que ilustra os postais em circulação na Suíça

ça do prisioneiro, outros médicos o têm examinado a pedido do govêrno, inclusive o dr. Racine, especialista em moléstias do coração. O dr. Massonié é auxiliado em seus serviços clínicos junto ao Marechal, por um enfermeiro da Marinha e mais três jovens enfermeiros militares.

Além disso, ainda recebe ele a assistência de duas enfermeiras di-

isto: o leito, uma mesa, uma cômoda, um guarda-roupa, confortável poltrona de estilo "Lévitan", uma espreguiçadeira e duas cadeiras comuns.

Faz sua própria barba, veste-se com apuro e usa sempre um dos seus dois ternos: um de cor cinza escuro e outro negro. Coloca o colarinho e a gravata com as próprias mãos.

Petaïn, que ocupa o antigo apartamento do diretor, o qual se transferiu para um outro mais em cima, dispõe de uma outra sala que serve para as refeições. E' ali que ele recebe sua esposa e as visitas excepcionalmente autorizadas a vê-lo, como sucedeu ultimamente com sua sobrinha Mlle. Petyst, que lhe veio comunicar o seu casamento com M. Louis-Dominique Girard, antigo chefe do Gabinete de Petaïn e autor da obra "Montoire, Verdun diplomatique". E' ainda nessa sala que, todos os domingos, vem o padre da Ilha celebrar a missa num altar portátil. O Marechal a assiste atentamente, ajoelhado numa cadeira de missa.

As visitas de Mme. Petaïn são diárias, das 11 às 18 horas. Durante todo o tempo o casal conversa longamente ou se diverte no jogo do "jacquet", uma espécie de gamão. Desde o mês de agosto último, almoçam juntos.

O velho soldado mantém excelente apetite, julgando mesmo sua senhora que ele está comendo demasiado. Seu cardápio é variado e o mesmo dos guardas do forte. Ao meio-dia, peixe, carne, sobremesa, vinho; para o jantar: sopa, um prato de verduras, legumes, sobremesa. Pela manhã: café com leite. Mme. Petaïn se esforça para que o esposo tenha sempre a alimentação de sua preferência. O Marechal recebe, constantemente, pelo correio, presentes do Canadá e da América. Passa dias inteiros imobilizado em sua poltrona, como que mergulhado em meditações profundas. Seu aspecto é o de um homem que perde, aos poucos, o poder mental. Recebe constantemente o jornal "Le Monde", de Paris; mas não o lê. Também nada escreve e é falsa a versão de que está escrevendo suas Memórias.

Os médicos não escondem que o seu estado de saúde inspira cuidados. Seu organismo não denuncia qualquer lesão; mas já está no limite de resistência. Embora lento, esse declínio pode precipitar-se de um momento para outro. Se morrer na prisão, é provável que ali mesmo seja sepultado, pelo menos provisoriamente. Petaïn já havia demonstrado antes o desejo de ser enterrado entre os soldados mortos na batalha de Verdun, no campo santo de Douaumont. Chegou mesmo a mandar reservar ali seu túmulo. Sendo, porém, atualmente aquele ossuário um cemitério militar, para que Petaïn seja inumado ali se torna indispensável prévia autorização do govêrno francês.

As últimas notícias acerca do velho cabo de guerra têm emocionado o mundo. No Brasil, houve mesmo no Congresso Federal uma voz que se ergueu para que se solicitasse ao govêrno de Paris a libertação de Petaïn, de maneira que ele viesse a morrer fora da prisão da Ilha d'Yeu.

Nicodemus

COM A MENTE IMPREGNADA DE FREUD
BALBUÇIA ALGO SOBRE AS

FANTASIAS ...

ANTAGONISMOS
RECALQUES
ESQUEMAS CRÚS....
REFLEXOS
OBSEÇÕES POSTAS
A TONA
DA NOITE NEGRA
DOS TEMPOS ...
PSICOSES ...

A MOCINHA SAÍ DE

PÍRATA ...



A HAVAIANA ...

O MORALISTA:
EVA
NO
PARAÍSO ...



APACHE ...



FANTASIAS!

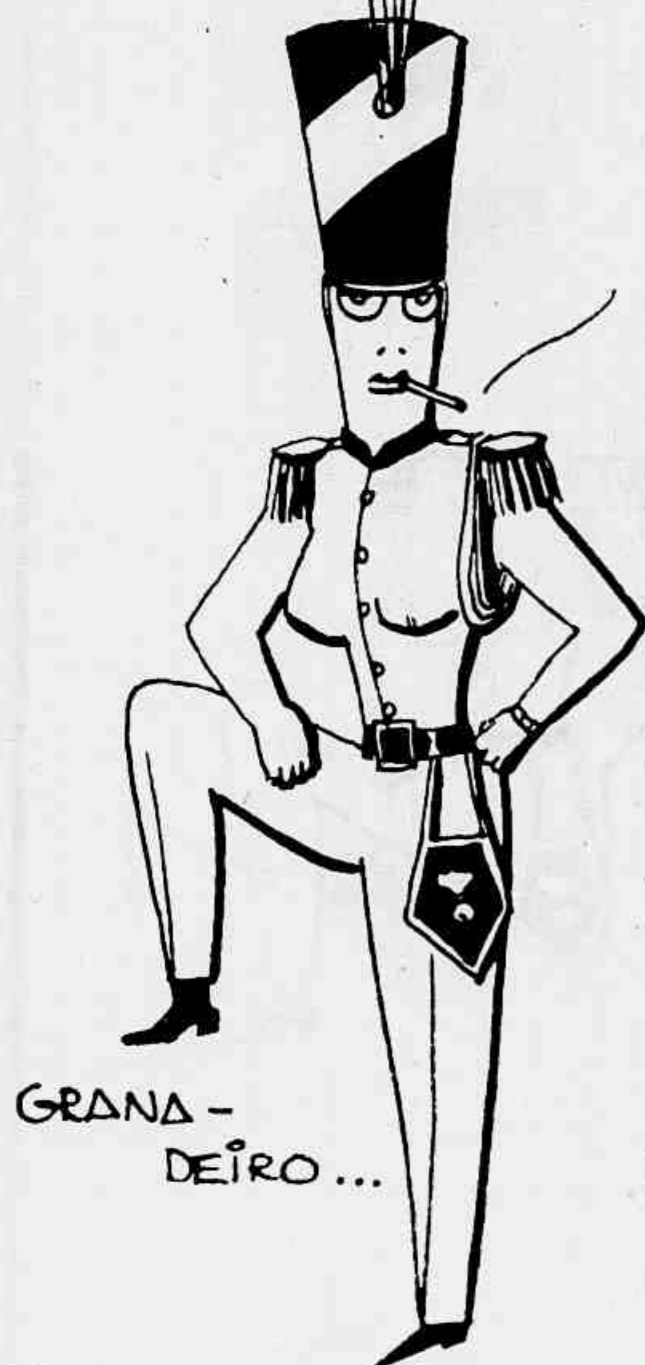
DESCULPAS
ESFARRAPADAS
DE
TECIDOS
MULTICORES,
PÉLES
NOVAS
NA
MUTAÇÃO
DOS
SEXOS!



NORMALISTA ...

VERGONHA!
Ó, VERGONHA!

ONDE ESTÁS
QUE
NÃO
RESPONDES?



GRAND-
DEIRO ...

O
ATLETA:
MADAME
SATA ...



ENCONTREI UM BILHETE
SOBRE A MESA:
TE' LOGO. VOU
CAIR NA FARRA!
SAÍ DE
SUPER-HOMEM!

RECURSO SINGULAR

ESTA história, eu a colhi ao acaso de um grupo boêmio, durante um jantar de Natal num dos restaurantes mais discretos da cidade. A moça que a narrou em côres vistosas e enérgicas, era francesa e tinha um belo nome. Aliás, foi o seu belo nome mesmo que me atraiu a atenção para ela, quando a ouvi falar:

— Meus amigos... a mesma Ghislène que aqui está, vai lhes contar um fato muito estranho...

Pensei comigo: — "Ghislène, bonito nome...". Fiquei assim entre as considerações vulgares, escutando a esmo o que ela narrou. Depois é que comecei a me interessar. Verdade ou não, ela contava no seu sotaque carregado:

— Naquele tempo eu trabalhava num pequeno teatro de Paris como "vedette" e fazia as refeições no restaurante mais próximo, só freqüentado por artistas boêmios. Pois foi ali que travei conhecimento com um personagem muito esquisito... Segundo minhas colegas, o homem nunca se dirigia a ninguém em termos normais. Parece que tinha sido escritor em tempos melhores, e um fracasso qualquer o transformara na criatura apática e indesejável que eu estava vendo. Moviada pela curiosidade, decidi arrancar-lhe o segredo que o oprimia, e apostei mesmo com minhas companheiras, em como eu havia de atraí-lo dentro de poucos dias...

Fêz uma pausa. Passou os olhos de um a um. E então a sua voz adquiriu uma entonação mais grave:

— Travar relações com o homem, foi a coisa mais difícil deste mundo. Depois de empregar uma porção de meios corriqueiros, tive a idéia de lançar mão da minha facilidade em contar tragédias. Certa noite fria, de chuva forte, comecei a farsa. Apro-

veitando a força tétrica do cenário, comecei a discorrer sobre um fato terrível-fictício naturalmente, que sucedera em minha vida, ocasionando a derrocada de meus ideais. Não sei bem o que foi... Talvez a similitude do sentimento de derrota que demonstrei durante a narrativa, com o fracasso do homem, tivessem conseguido atrair-lhe o interesse. O certo é que a amizade pegou. Para espanto de minhas colegas, muito cedo eu estava sendo convidada a fazer as refeições na mesa vizinha, e o nosso homem me acompanhava a casa, à saída do teatro. Ganhei, assim, a aposta, e a oportunidade tão ansiada de arrancar-lhe o segredo de sua vida...

Parou um instante, pediu um cigarro. Ao se dirigir ao companheiro de lugar, pude vê-la de perfil e percebi que possuía uns traços bastante pesados, que o seu nariz era forte demais para uma mulher, em desacordo herrante com o cabelo tão fofo, tão solto e tão louro. — E — o que achei mais doloroso — com a sua alma tão vibrátil, tão feminina. Suspendi as considerações à sua voz de veludo, novamente retomando o fio da meada:

— Ele era um homem encantador, um belo espécime do sexo masculino. Verdade que possuía um olhar penetrante demais, às vezes agressivo até, mas muito bem disimulado pelo brilho da inteligência. Uma pena que a sua alma não tivesse podido se manter em equilíbrio...

Deu uma baforada cismadora, e percebi que esses silêncios intermitentes não passavam de sutilezas da sua capacidade de narração. Notei depois que sua voz perdia premeditadamente o acento de ternura de há pouco:

— Tomei conhecimento do seu fracasso, paradoxalmente, numa linda manhã de do-

mingo durante um passeio a pé pelos Campos Eliseos. Contou-me então com toda a serenidade, as suas lutas íntimas, os seus triunfos, revelando uma esplêndida capacidade de auto-conhecimento, descendo aos recessos da alma e trazendo de lá, tanto a escória das suas imperfeições, como as luzes das próprias vitórias. Tudo ele apresentou à minha curiosidade, tão bem, que até acabei me sentindo constrangida com a sua sinceridade, e desleal para com tantas provas de confiança. Mas como poderia eu supor o que me estava sendo reservado? Verdade que tive uma ligeira intuição da tragédia, quando ele me contou da morte de sua mulher, deixando alguns vazios sobre as estranhas circunstâncias que a haviam motivado. Mas como me confessara em seguida que aquele acontecimento funesto marcara o fim da sua carreira de homem de letras, tratei logo de desfazer os negros vaticínios. Além do mais, ele me olhara com ternura, garantindo que eu lhe trouxera novo alento, novamente motivo de viver, e que já se sentira, sob a influência, animado a reiniciar os trabalhos intelectuais interrompidos há tanto tempo. Como poderia eu saber o que estava engendrando o seu cérebro perverso e doentio?

Percebendo, na certa, o efeito de sua história, nos olhares atentos que se multiplicavam agora sobre ela, também das outras mesas vizinhas, encheu os pulmões e procurou dar mais ênfase ao que ia dizer:

— A verdade cruel revelou-se-me algumas semanas mais tarde quando ele me convidou a visitar sua casa, um velho solar, imenso e pesado, de janelas sempre trancadas à luz do sol. Eu me deixara atrair, seduzida por aquela sua frase ardente: — "Preciso de você, minha Ghislène querida.

Só você me poderá salvar. Consinta em conhecer meu trabalho, venha iluminar o ambiente gelado da minha casa deserta e do meu coração vazio...". E acabei cedendo, apesar das ligeiras suspeitas e receios subterrâneos que sempre nos são enviados por forças superiores em momentos como esses... No entanto, o pior que eu poderia esperar era uma tentativa pouco escrupulosa de sua parte. Longe estava de presumir o motivo funesto que o induzira a fazer de mim a sua vítima... Mas... Como já disse, acabei indo... A princípio levou-me a percorrer as dependências, os amplos quartos de cima, contendo na certa, ao máximo, a sua alegria satânica por me ter ali como presa fácil e indefesa. Em seguida desemos, e me levou a conhecer o retrato inenso de sua falecida esposa. Diante da bela pintura foi que comecei a sofrer. Parece que os olhos da linda mulher estavam querendo contar algum segredo doloroso, pretendendo assim me advertir do perigo a que me expunha. Voltei-me para o meu amigo, oprimida, e ele sorriu maquiavélico: — "Agora você vai conhecer o meu grande segredo". E já me atraía, mais ansioso do que terno, para a porta de ferro ao fundo da grande varanda. Quis me furtar à garra que simulava carinho, pressentindo já vivamente no anseio diabólico do seu olhar, que ele pretendia alguma coisa monstruosa. Mas era tarde demais. Num impulso enérgico ele me jogara dentro de um pátio fechado no interior do casarão. E, antes que pudesse me levantar do chão, trancava a ferrolho da porta e vinha me auxiliar: "Quero que veja o que trago guardado nesse tanque enorme. Venha espiar da varanda como é profundo...". Eu já sentia asco daquelas mãos ansiosas, daquela respiração ofegante junto ao meu ouvido, e exclamei de repente que desejava sair dali, minha visita estava terminada. Então o seu olhar, foi súplice, seus gestos nervosos, e ele implorava: "Ghislène, minha querida, você vai me ajudar, você tem que realizar o que "ela" não conseguiu. Você me libertará... Deverei meu sucesso a você, meu anjo, assim como hoje devo a "ela" o meu fracasso...". Embora pareça mentira, aquela manifestação de fraqueza veio me trazer nova impressão de segurança, de supremacia ao espírito. Acerquei-me do tanque e o que vi foi espantoso...

Passou as mãos pelo rosto, fêz uma pausa dolorosa. O interesse crescia ante a sua emoção e eu mesma cheguei a me esquecer do jantar, deixando a comida a esfriar nos pratos. A francesa tornara a erguer a cabeça, e a voz lhe veio do íntimo:

— O poço devia ser muito fundo mesmo. Circundava-o internamente uma escada de pedra em espiral que descia agarrada às paredes de tijolo limoso, mergulhando lá em baixo num montão de pedras à flor da água. No instante em que me curvei, o homem bateu na clarabóia que cobria em cima, e eu, estarecida, vi se desgrudar de uma das pedras, nadando, um polvo monstruoso e repelente. Gritando espavorida, recuei, corri para a porta trancada, bati contra ela com força, já percebendo a intenção macabra do homem. Então ele, feio louco, investiu para mim, e me olhando nos olhos, ia falando, falando, como se não tivesse tempo a perder, procurando sempre me convencer, conquistar, atrair. E era espantoso o que ia me dizendo, enquanto suas mãos nervosas esmagavam meus ombros, deslizando pelos meus braços que se debatiam ansiosamente. "Ghislène, querida de minh'alma! Não adianta gritar, ninguém a ouvirá! Seja sensata, ajude-me! A conclusão do meu livro me fará recuperar outra vez o lugar perdido, podendo até me elevar à dignidade de escritor premiado num grande concurso de literatura no exterior! Não posso perder essa oportunidade, preciso desse desfecho forte, vigoroso, inflamado! Necessito saber, conhecer as sensações reais, as vibrações verdadeiras de uma criatura no paroxismo do abraço de um molusco cefalópode, para imprimi-las ao meu personagem principal! Sempre triunfei pela perfeição de minhas descrições, porque sempre descrevi o que conhecia! Como atingir porém, o grau máximo desse meu trabalho, se careço dessas emoções desconhecidas que só você me poderá traduzir?... Ofegava agarrado a mim, tentando sustentar a minha fuga pelo espaço exíguo. "Você sobreviverá, eu juro! Juro que na-

(Cont. na pág. 11)

★

NOVELA DE
LOIVA LEIRIA BORBA





VIDINHA BOA...

E' assim que se passam os dias na Ilha das Flores: bons passeios, banhos de mar e concertos improvisados com os instrumentos que trouxeram de suas terras longínquas. Uma soberba coleção de floridos ilhéus all permanece esperando o destino melhor que Deus lhes proporcionou, ao trazê-los para o Brasil, terra da promessa, da esperança, da paz...

ILHA DAS FLORES, PARAÍSO DE VAGABUNDOS UNIVERSAIS

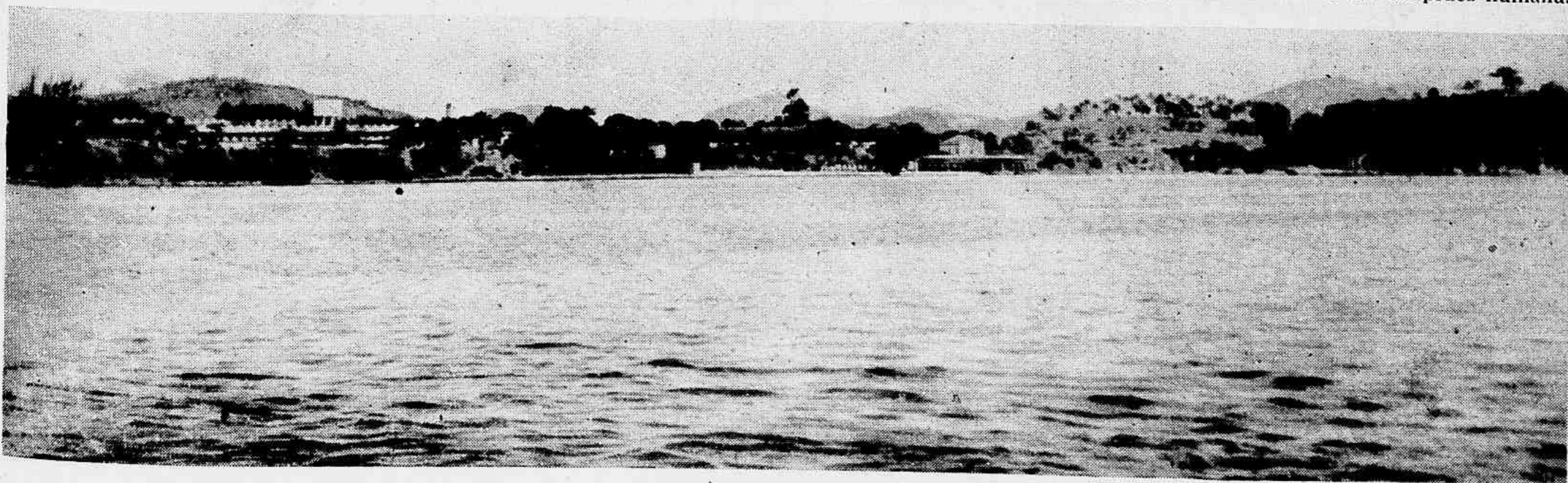
A VIDA ESTÁ PARA OS FELIZARDOS...

PARECE que isto aqui é mesmo uma terra infeliz. Tudo de ruim, de irremediável, de pior, neste país acontece, é prestigiado e frutifica. Somos um povo de vocação incoercível para o "trouxa", o "otário". Possuído do desencanto perene pela realidade nacional, precisamente por haver mergulhado fundo na meditação sobre nossos destinos, nossos homens e nossas coisas, Monteiro Lobato mais eno-

A verdade acêrca da ilhota florida da Guanabara que alberga verdadeiros falsos imigrantes ★ Rebotalhos do que sobrou de bom e de mau na Europa desgraçada pela guerra ★ Falam fatos ★ Eis um punhado deles

Reportagem de **ARMANDO PACHECO**

jado que cético, preferiu viver o resto de seus dias de escritor para o doce mundo da literatura infantil, encontrando entre os guris tudo que os adultos lhe negaram: compreensão e etc. Várias vèzes meu amigo Lobato me disse ser partidário do ponto de vista de que Pitinkin devia ter estudado muito a nosso respeito, isto é, devia ter-se inspirado no Brasil, quando escreveu a sua breve história da estupidez humana.



A ILHA

Uma ilhota florida e amena da Guanabara donde se desfruta um bellissimo panorama. Gente de fisionomia diferente, bem nutrida, êsses chamados "deslocados" da Europa, fazem aqui um estágio, gozando as delicias dessas praias! Que estarão fazendo daqui a cinco ou dez anos? E saberão, mais tarde, recompensar tão generosa hospitalidade?

NADA MAU!

Qualquer um de nós trocaria os labores cotidianos por duas semanas de férias nessa ilha providencial, em contacto com a Natureza — e com refeições oferecidas pelo Governo. Mas acontece que semelhante dádiva, a têm os que imigram

“Com este calor quem é que
[não quer
Bebida gelada e uma boa
[mulher?”

Sim, como indaga a música aceita pela Censura, não há quem não deseje viver na Ilha das Flores com todas as benesses dos dinheiros públicos, sem que o Parlamento faça alguma coisa. Das centenas de imigrantes acotados naquele valha-couto edênico, a grande maioria não tem profissão definida ou que justifique sua vinda para cá, sendo o resto de tipos que, possivelmente, farão concorrência aos pássaros notívagos da Galeria Cruzeiro, Lapa, Praça Mauá e que tais. Rebotinhos de centros mundanos avançados na malandragem de alto colurno, muitos deles comprometidos até à raiz dos cabelos, lá estão, sob o céu azul, na ilha tropical, gente suspeita, canastrões e artistas fracassadas, exapaches e mariposas das margens do Sena, do Reno, do Volga, do Danúbio talvez azul, travestidas de mamãs respeitáveis ou respeitadas. Escritores, jornalistas e técnicos que debateram o assunto-imigração condenaram as fórmulas a que se agarraram autoridades que deviam ser competentes. Porém, como se trata de uma terra onde às vezes se cometem asneiras com onus pesados para o Tesouro, e com a *melhor das intenções*, foi adotada a pior política, e a seleção deu nisso. *Nisso* que está na Ilha das Flores.

E COMEÇA O DESFILE DAS MÁSCARAS...

Dizem que o inferno está cheio de boas intenções, mas foram elas o “leit motiv” desta reportagem,

Essas reflexões me vêm agora ao tomar pé no caso dos imigrantes instalados na Ilha das Flores.

NÃO QUEREM OUTRA VIDA

Lá na florida ilhota da Guanabara, desfrutando soberbo panorama, levando um vidão, se espremem, se comprimem mil e muitos indivíduos de todos os quadrantes, predominando — e aqui está o busilis — os loiros órfãos de Hitler. Nédios, bem nutridos pelo Estado, homens, mulheres e crianças, dos chamados deslocados da Europa faminta e exaurida, vítimas da guerra, arrebanhados para a nossa pátria como trabalhadores úteis, sangue novo para movimentar e incrementar a nossa produção agrícola e industrial. Resultado de uma complicada política imigratória — sempre optamos pelo pior — esse punhado de apátridas de vários naipes e procedências diversas, gozando de regalias, privilégios e comodidades, vive feliz na Ilha das Flores. Há meses que esse exército de párias goza as delícias da paisagem, dos banhos de sol e mar, dos passatempos esportivos, dos ócios oficiosos, dos jogos de azar, em suma, do incrível protecionismo com casa, comida, roupa lavada, diárias, pesca, caça, mulher e outras coisas de colher. Até agora nada de prático e útil fizeram para que aceitemos suas existências de boas-vidas.

“COM ESTE CALOR QUEM É QUE NÃO QUER?”

Depois de uma visita àquele paraíso de vagabundos internacionais, ficamos com este trechinho da marcha carnavalesca, bolindo na memória:

ADVERTÊNCIA

“Na Ilha das Flores apresentamos ao imigrante um retrato em miniatura, do Brasil. Ajude-nos a manter o espírito de ordem, disciplina e cordialidade”. — Resta saber se essas criancinhas estrangeiras sabem ler em nosso idioma, a fim de que não venham a esquecer essa advertência



MATANDO O TEMPO

Um baralho de cartas serve para distrair, na falta de melhor ocupação. Os imigrantes têm sempre tempo para se dedicar a esse entretenimento e longe das preocupações da cidade, enquanto esperam o destino, vão jogando uma partidinha.

feita com o intuito de, conhecida a realidade sobre o material humano hospedado na I. F., acenderem o sinal vermelho com quatro letras: *stop*. Falam aqui fatos, somente eles. Exemplos? Ei-los: Otto Hensell — foi este o nome que nos deu — se diz cabeleireiro de senhoras. Que diabo veio fazer ou buscar, quando existem profissionais dessa espécie do Catele a Irajá, da Pavuna ao Leblon, de Santa Teresa a Jacarepaguá com baldeações pelo Grajaú? Karl Monzi ou Ponzi é flautista, tocava num cabaré de Hamburgo e quer desbancar o nosso Dante Santoro. Theda Wilhelm é meio-soprano e quando está vaga, manicura. Seu "partner" Johann Krupp — ele adverte não ser parente próximo ou remoto do canhão do mesmo nome — é versado em leis e foi oficial de Justiça em Dresden. Giovanni Teldeschi, ex-garçon de Milão e Gênova, aspira fazer América entre Rio e S. Paulo. Carlo Laino, "book-maker", outrora corretor de algo, sonha viver dos mesmos expedientes. Mario Baracho, sem-cerimônia se afirma rei do carreado, e aproveita o "dolce far niente" no poquerzinho cotidiano. Frida Grecco trouxe uma "troupe" de aspirantes ao "ballet". E Stani Waszislaw, como pintor, virá concorrer com seus patrícios e colegas Dimitri Ismailovitch e Georges Wambach, com planos também de achar seu Mecenas.

ESTÁ TUDO AZUL...

De relance vimos uma coleção soberba dos floridos ilhéus. Vagando pelas alamedas estivemos em vários grupos. E anotamos: uma pianista; um organista mormon, dois engra-



xates; um estatuário em alabastro; motoristas amadores; nove egressos da frente italiana que, sem dúvida, lutaram contra os pracinhas; dois barbeiros, um "barman"; um ex-ferroviário de Varsovia; um antigo diplomata no Benelux; três "vendedores"; duas steno-dactilógrafas; uma tecelã de Lion; um ex-estudante de Praga; um taxidermista polaco; e onde cavalheiros de calças de veludo e boina, que não quiseram declinar suas profissões, por quatorze motivos, primeiro motivo: não têm profissão. Chega, não? Incuráveis simpatizantes de Hitler e Mussolini, soldados de Ardens, portadores de vícios e taras, foram trazidos para a nossa terra e na primeira oportunidade disseminarão seus males atávicos e darão coices. Vimos criaturas apáticas ou nostálgicas, fanfarrões impenitentes e alguns cínicos. Cínicos e pouco interessados no trabalho. Uma ilustração a capricho: Cecilio Beppo ou Pepino, com seus cabelos encaracolados, seu bigodinho untado de cosmético, costeletas que não se usam mais, de olhos vivos, melifluo feito um réptil, apresenta o auto-retrato:

— Sei de tudo um pouco, o suficiente para não saber nada a fundo. Antes sou poliglota. Na Somália e Argel aprendi francês; no Cabo e no Cairo treinei inglês; em Casablanca cultivei o espanhol e inimizadas que me recambiaram para o outro mundo, o europeu. Estive em Paris, Amsterdam, Berlim, Roma, Nápoles, Madrid, Londres, Bruxelas, Montecarlo e Lisboa, onde aprendi o português, inaudível para vocês brasileiros. Já fui soldado, mineiro e desertor. Fui conspirador, ajudante de toureiro, garçon, cozinheiro, marítimo, e, acrescente-se, jogador profissional. Servi a Abdel Krin e fui comensal do Mufti de Jerusalém. Agora que estou longe do cenário

(Cont. na pág. 44)

PIQUE-NIQUE

A pescaria é farta e muito fácil na ilha. O fogo se improvisa em qualquer parte. Há sempre um "mestre cuca" disposto a preparar os acepipes — e a turma, ao lado, se prepara para a comensal. Assim vivem os imigrantes, gozando a placidez e amenidade da Ilha das Flores...



COISA RARA

Enquanto no Rio os mascarados desapareceram quase por completo, na capital pernambucana eles ainda são o "forte" do Carnaval. Desde semanas antes eles dão um ar de sua graça



Complicada vestimenta dos participantes de um "cordão"

O FREVO EM PERNAMBUCO

era homem, mesmo no Carnaval; mas a influência do Rio quebrou essa resistência dos pernambucanos e hoje saracoteiam no "frevô" muitos foliões metidos em roupas de Eva.

O Carnaval do Recife sempre foi uma festa de rua, do povo, festa de multidões. Os clubes elegantes e aristocratas sempre existiram e os seus bailes deslumbravam; mas a animação total era nas ruas, nas praças, nas pontes.

O "frevô" recifense invadiu outras capitais nordestinas, e é hoje usado em Maceió, João Pessoa, Natal, Fortaleza. Mas não se sabe por que motivo misterioso não consegue dominar o povo como em sua terra natal: o Recife.

Para dançar o "frevô" é preciso ter agilidade de acrobata, saúde nas pernas, nos braços, no tronco. E tudo é desempenhado ao ritmo de bandas afinadas, com os trombones a estalar sobre aquele oceano de cabeças a pular, a voltar, a deslocar-se, a emergir como borbulho de imenso caudal de crânios de toda qualidade...

Aqui no Rio há um clube pernambucano que todos os anos sai à rua e arrasta muita gente; mas seu entusiasmo não contagia a multidão, que vê e ouve impassível, sem nada sentir nas pernas.

No Recife, quando um clube dêsses desfila em plena folia, o povo todo entra na pagodeira e dança, e torce, e se retorce, e "coita a jaca" e cambaleia, agacha-se, levanta-se, empinado, rodopiando enfeitado ao som estridente das fusas e colcheias do "frevô" irresistível.

O samba do Rio é água fria na fervura pernambucana. As letras melancólicas do poetar carioca, as músicas e ritmos tristonhos do samba dos nossos compositores são o reverso da medalha do vigor tropical do "frevô" recifense.

Lá a música é para dançar, mexer com os nervos e os músculos; aqui é para cantar. O estilo do samba nos ranchos e cordões cariocas é uma litania, um queixume, enquanto o "frevô" pernambucano é um grito de prazer, um estalo musical na cabeça de todos, um convite à farrá, mensagem para os abraços, as gargalhadas, o sorriso, a alegria de viver...

No dia em que no Rio imperar o "frevô", estará salvo na Capital da República o Carnaval de rua. O "frevô" será a vitamina para o nosso Momo enfêrmo. Nossa festa máxima já não é aquela que o carioca via até 1929. A multidão que enchia os bairros e descia para o centro, desde cedo, no último dia, remansava até a Central do Brasil, forçando a volta dos bondes da zona norte daquele local, sem poderem vir até ao largo de S. Francisco.

Por sua vez os bondes da zona sul não desciam à Galeria Cruzeiro. Toda a praça Paris e adjacências eram um só mar de gente. A Avenida e ruas confluentes estavam sempre cheias, a partir das primeiras horas da tarde. Às onze horas da noite, começava o desfile das Sociedades. Carros alegóricos de deslumbrante efeito arrancavam pal-

(Cont. na pág. 19)

○ Carnaval do Recife é considerado, e com justiça, o mais alegre e vibrante do Brasil e, conseqüentemente, do mundo. A razão dessa especialidade está na música e nas danças de rua.

Quem já esteve nas ruas centrais da capital pernambucana, no tríduo carnavalesco, desde o bairro do Recife, centro comercial e bancário, até ao Choro Menino, passando pela Pracinha, ruas Nova, Imperador, Imperatriz, Hospício, Aurora, etc., sabe perfeitamente que não exageramos.

O Carnaval do Recife não se confunde com qualquer outro do País. Possui música, ritmo, letra e animação "sui-generis". Além disso, desfilam pela cidade dos rios e das pontes velhos "clubes" tradicionais e típicos: os caboclinhos, os cabindas, todos metidos em seus indumentos característicos, guiados pela música tradicional.

As grandes sociedades carnavalescas como "Vassourinhas", "Pás Douradas", etc., exibem enorme cortejo, tendo à frente orquestra afinada a entusiasmar até ao delírio a imensa massa popular que ferve no "frevô" do passo coreográfico de origem capoeira.

Até há pouco não se via nas ruas do Recife nenhum homem vestido de mulher. Aquêlo que tal fizesse seria considerado indigno da amizade dos seus amigos. Homem



O grande passo, em que se vão desmilinguindo os foliões. Gente de todas as classes mistura-se e se confunde no frevo

UM MONUMENTO QUE
ENOBRECE SÃO PAULO

OS "BANDEIRANTES" EM GRANITO

O que vem a ser a imponente obra em granito ora em construção no planalto de Piratininga ★ Espírito moderno preside um monumento que reverencia a bravura e o denodo dos desbravadores do sertão

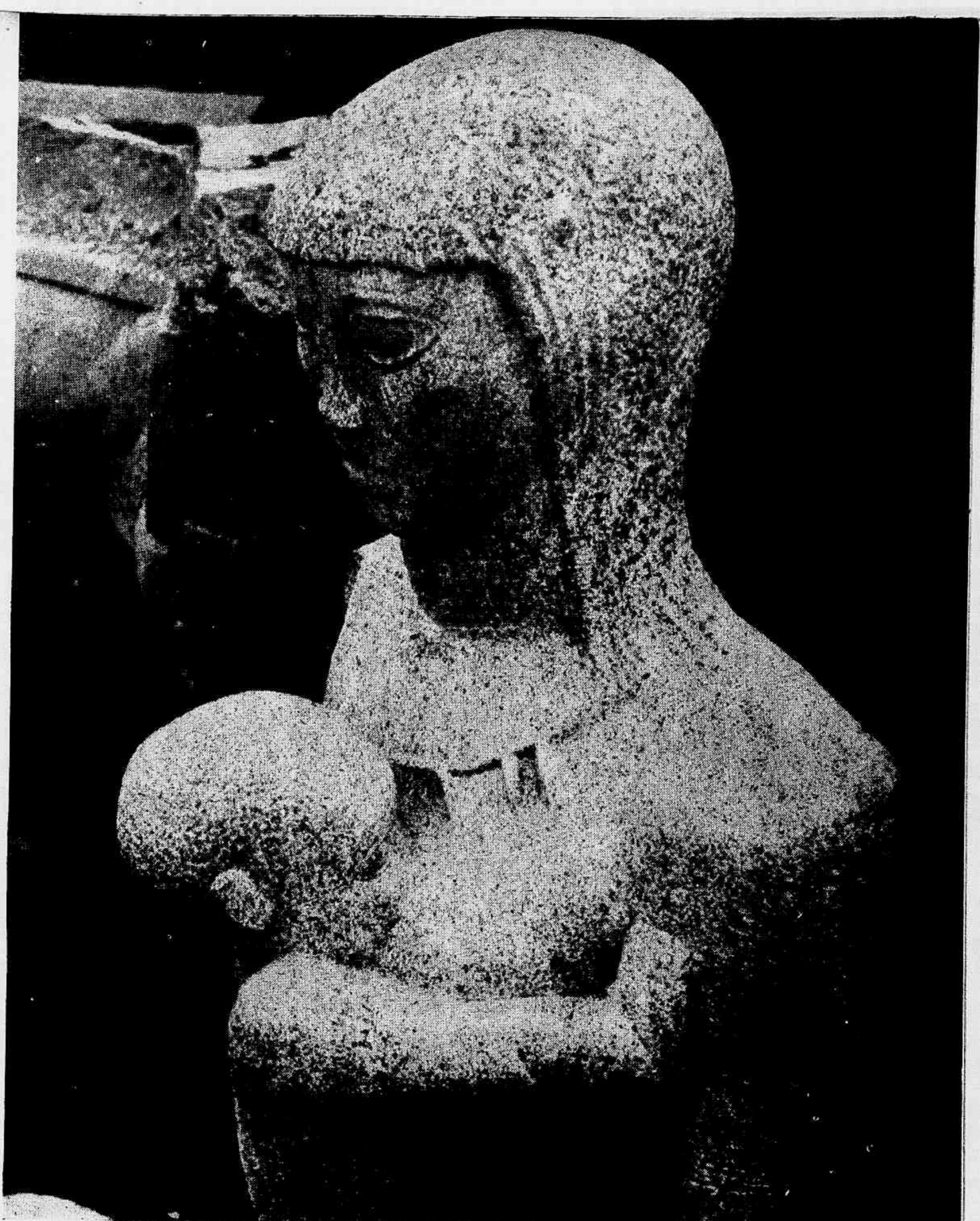
Texto de JOÃO ALVARENGA
Fotos de INDAIASSU LEITE

SE alguém ainda sustentar aquêlê velho conceito de sermos um país eminentemente pobre e escasso em monumentos públicos, que dê um pulo a São Paulo e procure conhecer o dos Bandeirantes. Na certa há de modificar o seu juízo, ao menos nesse particular. Porque, é, de fato, uma obra de requintado sentido artístico e de imponente aspecto visual, essa que ali nos espera.

O monumento dos Bandeirantes está sendo trabalhado — e êsses trabalhos vão bem adiantados — no próprio local em que há de desafiá, por muitos anos, a ação do tempo, na Praça Princesa Isabel. E' qualquer coisa de impressionante. Foge por completo à linha rotineira de tantos que existem no país, e mesmo em São Paulo, embora não tenha a grandiosidade da altura. Em troca possui, no sentido da extensão, tudo quanto realmente precisa para dar conta da sua finalidade — a de constituir uma grande alegoria e um preito de homenagem eterna à obra dos pioneiros que, em tempos idos, constituindo-se em bandeiras de penetração pelas selvas, iam, em desafio à própria vida, rasgar clareiras, conhecer rincões ainda não desbravados, Brasil a dentro. Dali mesmo onde nossos olhos agora repousam nessa obra de arte monumental, muitas bandeiras saíram, para dar conta do seu destino histórico.

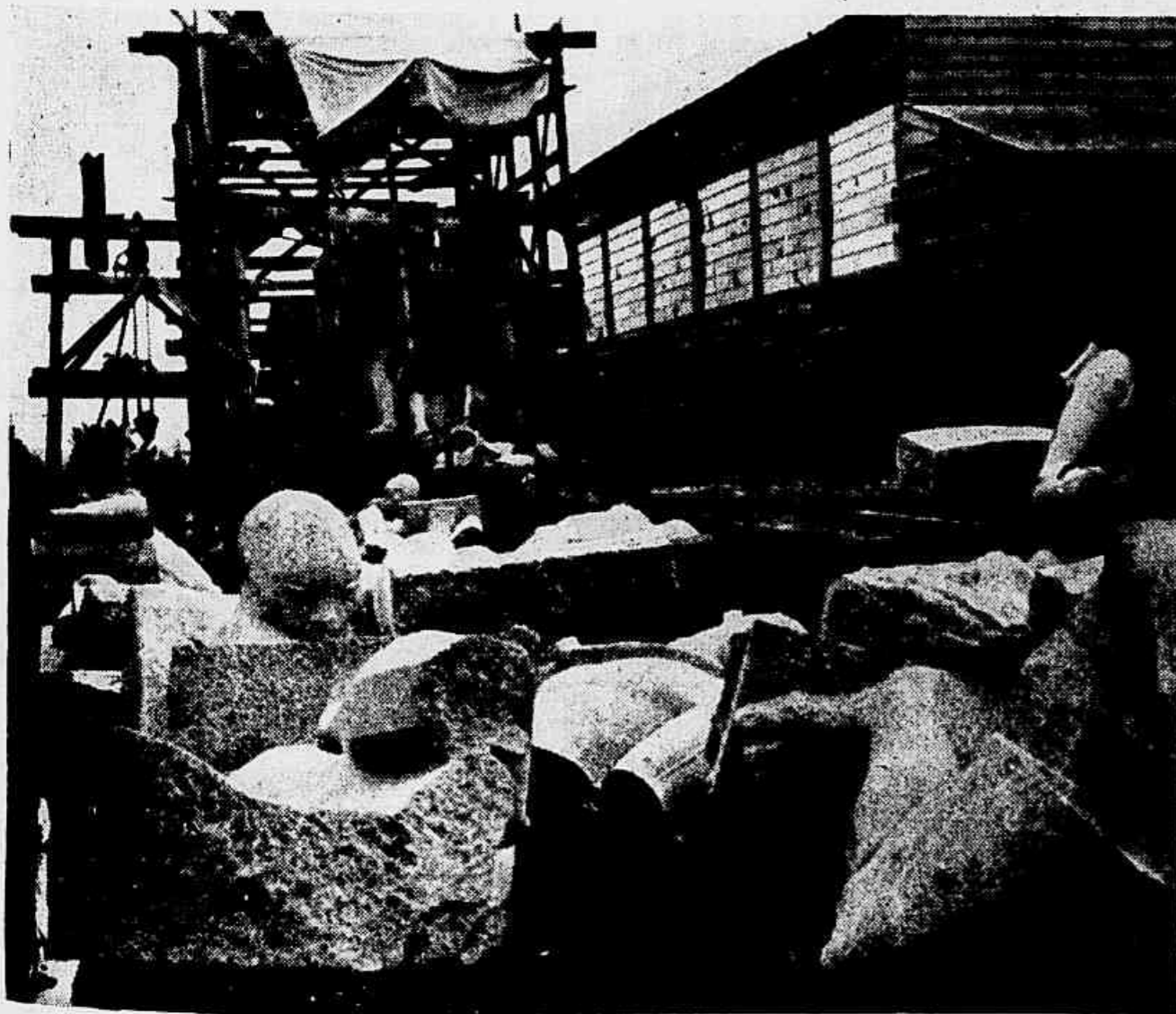
Por isso quiseram os paulistas contemporâneos que o monumento se localizasse naquele ponto exato. E' como se novamente dali rumassem os bandeirantes de outros séculos, para repetir a façanha imortal.

Quando, faz dois anos, pela primeira vez fizemos uma visita a essa obra de arte, ela estava consideravelmente atrasada. Em princípios de 1947, já o dr. Victor Blacheret, autor do projeto, fiscalizava seus homens, enquanto êstes procuravam dar forma ao granito em bruto, para o relêvo das figuras humanas, o contôrno de todos



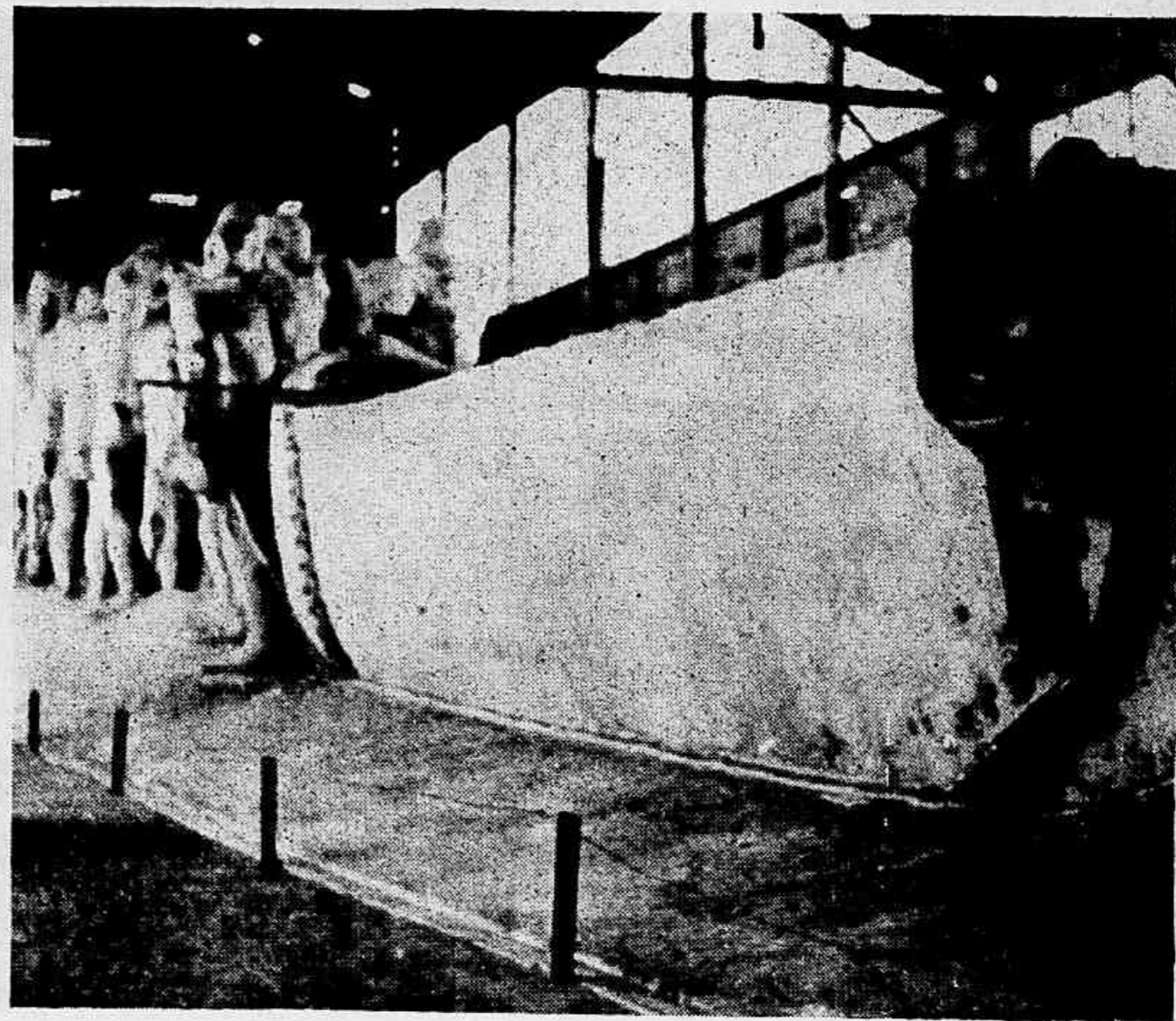
DETALHE

India amamentando o filho — precioso detalhe do monumento aos Bandeirantes, trabalhado em granito, que está sendo confeccionado no próprio local onde ficará situado. E' realmente uma obra de arte de grande expressão



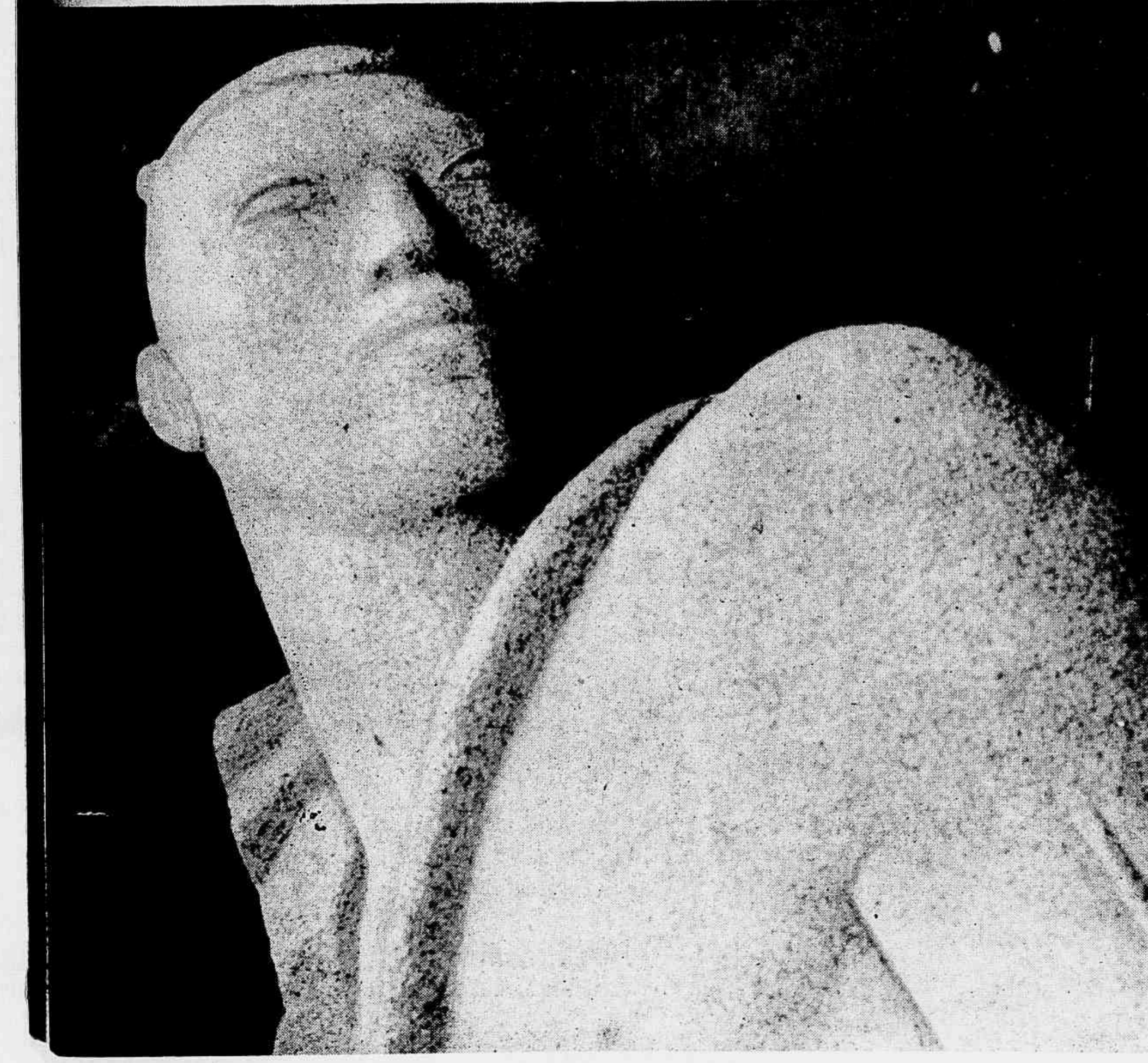
BLOCOS AVULSOS

Espalhados pelas imediações da base do monumento, os blocos de granito, dos quais vão saindo, aos poucos, as figuras que formarão o conjunto: cabeças, braços, pernas...



A BANDEIRA

Aqui já se pode ver um lance concluído: a parte dianteira do barco e um grupo de homens, dorsos curvados, puxando para a frente a canoa que val singrar os rios do sertão



Como se vê pelos pormenores do monumento das Bandeirantes, as linhas são firmes, atitudes marcadas, perfis bem talhados.

os pormenores. Representa o monumento, como se vê nas gravuras, a arrancada suprema de um grupo de heróicos bandeirantes, a caminho do sertão. Tudo ali obedece ao sentido artístico modernizado, no traçado das linhas, no sintético das formas. Será, de fato, um monumento que obedece à escola moderna da estatuária — não deixa de impressionar quando se observa o trabalho laborioso dos operários, de ferramentas em punho, ao sol e à chuva, martelando o granito para lhe dar a reprodução exata das figuras imaginadas pelo escultor.

Quanto tempo ainda vai passar antes que os "Bandeirantes" estejam concluídos e o monumento inaugurado? Não é fácil prever. Talvez um ano, talvez mais. Porque tudo se faz sem precipitação, antes com paciência e cuidado. Trata-se de um empreendimento destinado a atravessar séculos, obra maciça, pesada, e da qual desconfiamos agora todos os paulistas têm justo motivo de orgulho.

Falamos com o escultor. Ele nos diz: — Tudo já poderia estar concluído há muito tempo se não fôsse o propósito de dar a São Paulo uma obra à altura do seu progresso e

sua gra...
suir, n...
e de h...
a sua...
Ao h...
veis es...
— a es...
demos...
equestr...
quaren...
outra c...
O qu...
Brasil...
de "Os...
reprod...
jar, o...
ainda...
tância...
lizamos...
Porm...
dois m...
os cofr...



ARTE MODERNA

ato das Baza que as gravuras nos mostram, as linhas modernas prevalecem nesse importante trabalho de arte escultórica. Sem- bem talhada pontos altos que se destacam em algumas figuras, são as referências deixadas para o controle dos trabalhadores

mento, com sua grandiosidade. Não de os bandeirantes pos- rema de m suir, neste monumento, um preito de memória e de homenagem condignos com o seu valor e a sua indomável bravura.

★

Ao lado, um "hangar" de proporções respeitá- veis esconde outra obra de extraordinário vulto — a estátua de Caxias. Trata-se, como então pu- demos certificar-nos, do mais alto monumento equestre da América do Sul, com um total de quarenta e cinco metros. Dêle falaremos em outra oportunidade.

O que desejamos, neste momento, é revelar ao Brasil os mais recentes flagrantes fotográficos de "Os Bandeirantes", e embora eles não possam reproduzir, com a fidelidade que seria de dese- jar, o verdadeiro mérito dessa tarefa de arte, ainda assim servirão para alertar quem, à dis- tância, não puder fazer a visita que agora rea- lizamos ao Jardim América.

Pormenor interessante: A construção desses dois monumentos faz-se sem maior agrave para os cofres públicos, mas financiada pelo povo.

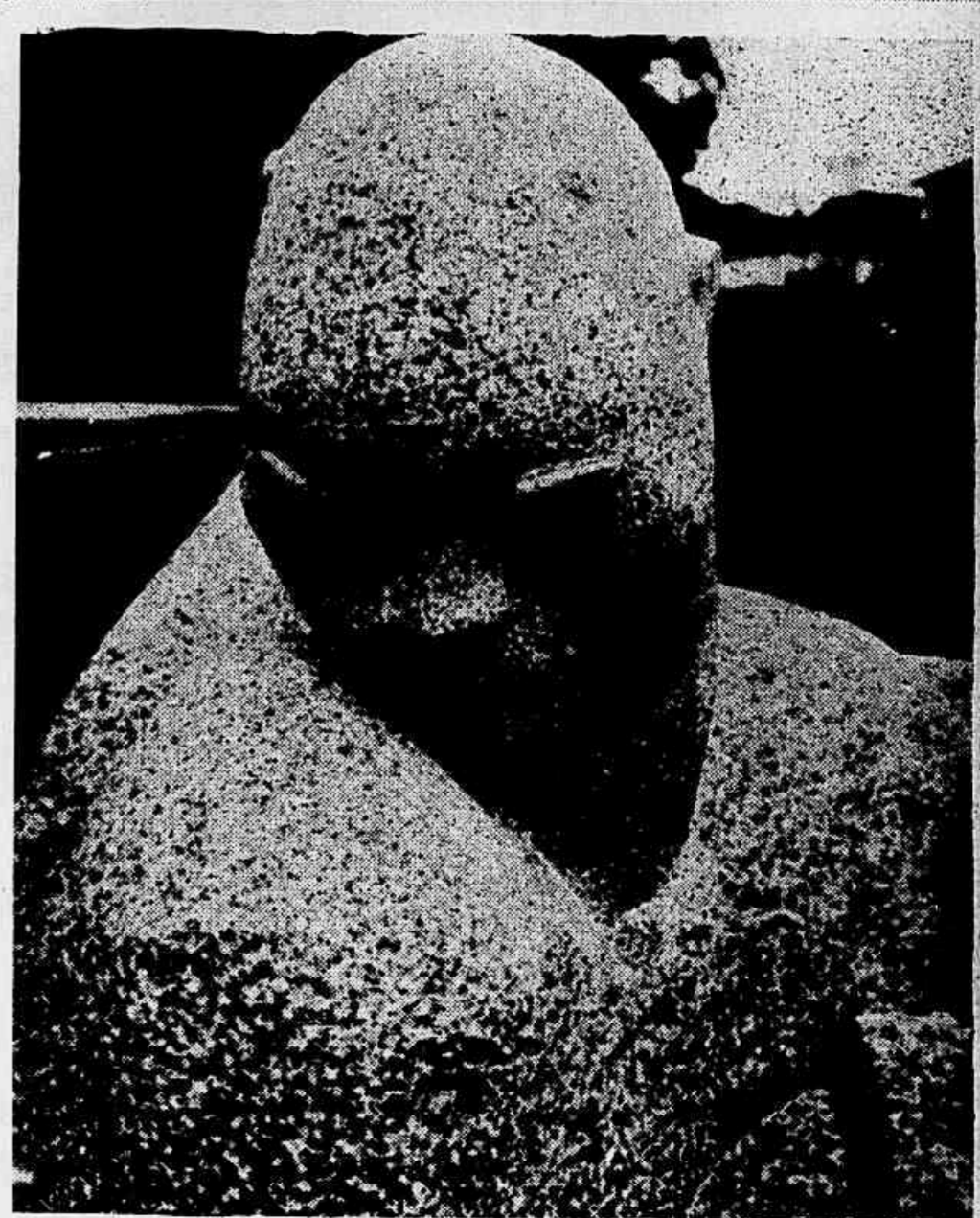
Foi com o produto de um movimento coletivo, patrocinado pela Imprensa, que os animadores desses empreendimentos puderam torná-los rea- lidade.

— Nem é possível contar exclusivamente com os poderes públicos para tudo que se desejar — diz-nos, com mal disfarçado orgulho, um confrade paulistano. São Paulo está disposto a levantar outras estátuas reverenciando a memória de brasileiros ilustres, cuja imortalidade mais se firmará então.

★

Realmente, há muitos monumentos senão ri- dículos e grotescos, pelo menos de um incontes- tável mau gosto, espalhados por toda parte. Mas podemos garantir que pelo menos duas exceções, ambas respeitáveis, serão abertas quando São Paulo ostentar a estátua equestre de Caxias e o monumento dos Bandeirantes. Contribuindo para um realce maior, há que levar em conta o local onde ambas serão colocadas. O que muitas vezes prejudica o efeito arquitetônico de uma estátua é justamente a sua má situação.

(Cont. na pág. 49)



A MORTE LENTA DE UMA RUA ALEGRE

APÓS VINTE E CINCO ANOS DE ESPLendor, VAI DESAPARECENDO A FAMOSA RUA 52, EM NOVA YORK, VÍTIMA DE CIRCUNSTÂNCIAS INEVITÁVEIS ★ TRADIÇÕES DA VIDA BOÊMIA QUE PASSOU

Nova York, Janeiro (Por Jack Former, via aérea)

DEPOIS de ter vivido em permanentes espetáculos de alegrias e farras, encorajando empresários de jazz e de festas dos mais variados caracteres na seara interminável do buslesco, a conhecida e afamada Rua 52 — Fifty-second Street — entra na mais completa decadência em face das demolições e dos ventos que sopram de outros horizontes de progresso.

Essa rua, que um cidadão dedicado aos negócios de publicidade já classificou como sendo "Swing Street", ou a rua do swing, está situada entre a 50ª Avenue e a Avenue of the Americas. É um bloco sólido e forte, de alentadas construções nova-iorquinas.

Viveu perigosamente durante estes vinte e cinco anos passados, entrando agora no mais espetacular declínio, iluminada pelos tubos de gás neon em cinco côres. Últimamente os "naufragos" da rua 52 têm feito tudo para mantê-la em forma, sustentando comédias musicais de bom efeito.

Mas os primeiros sintomas de perigo iminente surgiram quando Rockefeller Center levantou o edifício Esso, majestoso gigante de ferro e granito naquela rua de prédios vetustos, contrastando com o progresso arquitetônico da imensa metrópole do Hudson.

Coube agora ao National City Bank a iniciativa de instalar uma agência ali, ao mesmo tempo que a firma Lord & Taylor se dispôs a pôr abaixo outros blocos da rua em pânico, para erguer em seu lugar um edifício de monumentais proporções e nele instalar seu novo "magasin", dentro de dois ou três anos.

Nos últimos vinte anos aqueles velhos edifícios de côr escura com seus cinco andares, foram ocupados pelos Rhinelanders, Iselins, Wagstaffs, Mrs. S. Stanwood Menken e Bernard M. Baruch. Foram seguidos depois pelos mais destacados taberneiros da América, incluindo Leon & Eddie e Jack & Charlie's "21".

Numa entrevista à imprensa, quando de seu regresso da Europa, em 1932, George Jean Nathan, crítico dramático, declarou: — "A meu ver, Jack e Charlie, os meus favoritos empresários de boas farras com música e espetáculos, dariam excelente chapa para Presidente e Vice-Presidente. Esses homens sabem fazer dinheiro e, tanto os seus clientes como os financiadores, ficam perfeitamente satisfeitos e felizes com os resultados. Em que outro negócio isso se daria?"

Antes de cair nesse crepúsculo de sua existência longa e agitada, a velha rua 52, já prenunciando essa agonia, passou a sofrer grande falta de programações espetaculares. Os seus velhos frequentadores tinham sido testemunhas do quanta gente se divertia naquelas famosas tabernas, onde fervia o entusiasmo das músicas logo que aparecidas em New Orleans. Tomavam parte nessas farras colossais, numerosos foliões, entre os quais o extrovertido Tommy Manville.

Uma das mais famosas e sempre lembradas proezas desse incrível Manville foi aquele espetáculo que ofereceu aos frequentadores de uma das casas de diversões da rua ora em crepúsculo.

Estávamos em pleno inverno de 1940. Noite frígida. Os salões de Leon & Eddie repletos de gente a beber, a rir, a divertir com as cenas de palco, ao som de orquestras excitantes. Súbito ecoa pela casa um murmúrio de estupefação. Um senhor

muito bem vestido entra na sala, montado em velho cavalo de côche, espora-o fortemente para que o lerdo e sofrido animal faça alguma coisa que mereça aplausos. Era o extravagante Tommy Manville, que assimbrava os assistentes, músicos, artistas, garçons e donos do estabelecimento; depois do primeiro momento de perplexidade, reboou pelo enorme salão, repleto de gente, estrondosa manifestação de aplausos ao excêntrico "artista" extra-programa...

Houve ainda outras cenas de grande efeito levadas a cabo por clientes brincalhões. Havia até uma associação conhecida pelo nome de "Clube 18", justamente no mesmo sítio em que hoje se acha funcionando o restaurante Schrafft. Era esse clube presidido por um comediante chamado Jack White e que, não somente pela arte como pelo físico torlo, muito agradava os seus clientes.

Hoje essa pobre e decadente Rua 52 está deformada, irreconhecível em face das modificações que foram executadas neste quarto de século, incluindo certas coisas já obsoletas como esse tal de "hop" ou "bebop", espécie de música de estilo contraditório e burlesco, abolido em Nova York em 1942, pelo falecido La Guardia.

Atualmente, funcionam na rua 52 oito clubes noturnos, bem como cinco restaurantes franceses, um suíço, dois italianos, um russo, dois americanos, além de dois outros estabelecimentos para refeições, cujas características não são facilmente descritas. São mais um meio de vida do que propriamente um restaurante.

Vê-se ainda muita coisa digna de nota pela honestidade de seus propósitos. Assim, há três salões nos quais são exibidos museístas; um armazém de licores ou bebidas alcoólicas, uma escola de golf, a Podles Inc., um sapateiro remendão, dois armazéns de secos e molhados, vários alfaiates, diversas modistas, o Escritório Suíço de Viagens, fotógrafos, uma agência de publicidade, etc.

De todos os estabelecimentos dessa rua tradicional e na iminência de desaparecer pela evolução do tempo e fome de "espaços", o mais digno de registro é, incontestavelmente, aquele que tomou o nome de "21", de Jack & Charlie.

Atualmente, já não é mais um simples restaurante. Mas, uma das páginas mais interessantes dessa casa é ser a única no mundo talvez que já homenageou a memória de um freguês.

Conhece o leitor, naturalmente, o que foi o artista de Hollywood, Robert Benchley. Atraz humorista, era muito querido dos nova-iorquinos e, especialmente, dos proprietários do "21". Por quê? Pelo justo motivo de ter frequentado permanente aquele estabelecimento, indo sempre ocupar certa cadeira do bar para bebidas ou comidas, como velho cliente que sempre foi. Por esse motivo se vê sobre a mesa número três, pequena placa de bronze com a inscrição: "Robert Benchley, His Corner, 1889-1945".

O restaurante "21" não foi, porém, a primeira casa do gênero aberta nessa rua. É possível, segundo os registros, que a pioneira, tenha sido fundada por um senhor Jean Billie, em 1926, que sempre se orgulhou com o fato. A casa "21" foi inaugurada a 27 de janeiro de 1930, e foi a terceira na ordem dos aparecimentos, sendo a segunda, a de Leon & Eddie.

O mundo, porém, avança e tudo o que é velho em meio de modernismos, está sujeito à fatalidade da substituição. Por esse motivo entra em pleno crepúsculo a famosa Rua 52 de Nova York...



A MARCA DO BATON NA TESTA E' MERA COINCIDENCIA



A ALEGRIA DO JAZZ NA FAMOSA RUA 52 DE NOVA YORK



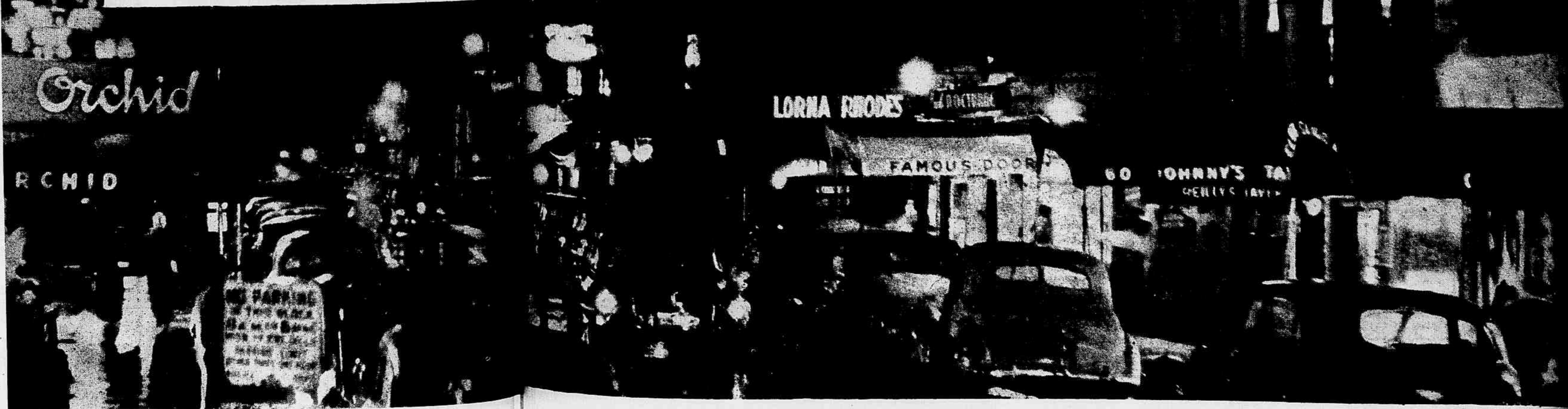
A HAVAIANA REMEXE AS CADEIRAS DESPERTANDO CIUMES



A ALTA SOCIEDADE GOSTA DE JANTAR NO CELEBRE "21"



SOBRE OS PESADOS SOBRADÕES, A AMEAÇA DO ARRANHA-CÉU



1 — No salão de danças do "Leon & Eddie", este par se desmilinguindo todo. 2 — Sob a melodia da orquestra de Tommy King, esta "nativa" de Samoa se remexe inteligentemente em seus números de sensação. Por fim, uma visão noturna da parte externa da rua 52 em que estão os seus mais famosos centros de alegria e diversão mundana

3 — No "Jimmy Ryan" é tradicional o uso intensivo da música turbilhonante do jazz. Sob muitos ouvidos sensitivos, agressiva contração da arte. 4 — Entrada para o "21", considerado como uma das boas contribuições para a vida. Este par entra para um jantar alegre. Em baixo — Outra vista noturna da rua que está morrendo

5 — Eis o arranha-céu com todos os seus requisitos de progresso vertiginoso. E' a este monstro de aço e cimento, de vidro e linhas horizontais e verticais, que a rua 52, esplendorosa e alegre, vai dever sua morte dentro de pouco tempo. "Sic transit gloria mundi"...



CONTO DE GLÓRIA LAMEIRÃO
ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO PACHECO

O sol batia-lhe nas costas, aquecendo-o mais do que faria o casaco que ali estava dependurado. Levantou a vista para mais uma vez apreciá-lo. Era realmente um belo casaco... o pêlo farto e luzidio, assim exposto ao sol, maior contraste fazia com os das colegas, que ao lado daquela opulência, mais humildes pareciam.

Sempre batendo à máquina continuou pensando: "Realmente, eu sou diferente das outras, e quem entrar aqui, verá logo a quem êle pertence. Vê-se que é de uma pessoa de classe. Sim, porque não pode haver comparação entre nós... Eu trabalho por esporte, e elas só o fazem para no fim do mês receberem o tão cobiçado envelope verde..."

O prestígio que a cercava ali na repartição, onde a fama da sua riqueza, cujos pais tinham propriedades no Braz, moravam no Jardim América e tinham automóvel, era-lhe necessário, pois o brilho e cotação que não conseguia noutros ambientes, era ali enorme, e satisfazia-lhe plenamente a vaidade.

Lúcia Vinatti, descendia de uma família italiana, gente simples, boa, e sem pretensões. Morara no Braz, até que o pai em melhores condições financeiras, decidira que as filhas, já mocinhas, precisavam de um melhor ambiente. Vieram, então, para o Jardim América, entraram para o clube "chic" da cidade, e foram formando o seu círculo de amigos. Enquanto as irmãs, realmente inteligentes, atraíam as simpatias, não fazendo segredo da origem modesta dos pais, e antes pelo contrário, orgulhando-se do valor daqueles que numa terra estranha, tanto haviam conseguido, Lúcia, já "snob", e puxada ao granfinismo, não conseguia disfarçar o despeito, quando as outras "snobs" de "quatrocentos anos" davam-lhe indiretas, talvez por ela provocada, devido à sua constante e pretensiosa pose.

Provavelmente a culpa não era dela, pois Deus dotando-a fisicamente melhor do que às irmãs, dá-lhe um espírito não muito brilhante, e uma visão muitíssimo limitada.

E assim quando arranhou aquêlo emprêgo público, onde se sentia acima das outras, não só financeira como também fisicamente, sua vaidade foi a tal ponto, que convenceu-se de que era realmente irresistível, e que nenhum homem dela se aproximava, sem ficar perdidamente enamorado...

E é agora que verdadeiramente principia a nossa história. Não irei começar pelo tradicional: Era uma vez... pois já vos falei sobre uma das personagens, e portanto, já sabem metade do que vou contar...

Naquele dia, justamente às seis horas, Lúcia saía da repartição com o casaco a reluzir pelas costas, ansiosa para chegar a casa, pois hoje era o jantar da Vera Albuquerque, que sempre reunia muita gente alegre e interessante. Precisava chegar cedo para arrumar-se, pois ia esmerar-se na toilette mais do que habitualmente, para assim fazer uma boa impressão no convidado, em honra de quem era dado o jantar, e que, segundo Vera lhe havia dito, era um rapaz americano, ainda novo, mas já professor de uma universidade nos Estados Unidos, e com certo renome pelos seus trabalhos sobre psicologia.

As oito horas era introduzida na sala de estar da amiga, onde já se encontravam vários convidados. Cumprimentando êste, sendo apresentada aquêle, chegou finalmente à presença do Professor Lester Howard, que achou logo terrivelmente simpático. Enquanto Vera se retirava para atender aos outros convidados, Lúcia procurava

impressioná-lo discutindo o que julgava ser filosofia:

— Podia dizer-me Mr. Howard, qual a sua opinião sobre Freud? O senhor acredita que a psicanálise cure todos os complexos humanos? E o existencialismo? Acha que Paul Sartre tem ou não razão?

— Senhorita...

— Vinatti, mas é mais fácil chamar-me Lúcia.

— Lúcia? Bonito nome. Vai desculpar o meu português ser tão vago, mas já há muito tempo que não tenho a oportunidade de usá-lo, e não fôsse o ler muito em português, teria esquecido tudo o que aprendi durante os cinco anos que passei no Rio de Janeiro. Mas, não acha melhor falarmos sobre si, do que sobre Freud e Sartre?

— Esteve então cinco anos no Rio de Janeiro?

— Sim, como adido cultural na Embaixada Americana.

— Tenho muita vontade de fazer-lhe uma pergunta, mas temo que me ache muito fútil...

— Garanto-lhe que jamais faço juízos precipitados...

— Pois bem, diga-se se nos Estados Unidos já se usam estas saias exageradamente compridas.

— Hum... as saias compridas? Oh! the new look! Creio que sim, mas na verdade não posso garantir, pois não costumo reparar muito na moda feminina.

— Pois então, é o primeiro que não reparou na nova moda, porque todos que conheço, acham horríveis estas saias que encobrem quase totalmente as pernas femininas. Mas, já que não se interessa por

modas, diga-me em que consiste o curso de psicologia que ensina na universidade.

— Bem, trata de tudo que se relacione com a natureza humana, suas reações, complexos, enfim, é um assunto que acho extremamente fascinante. Estou agora reunindo dados para o meu próximo livro, que se baseia em saber se o homem inteligente é, na vida prática, mais feliz do que o homem não inteligente. A resposta a essa pergunta, embora pareça fácil, é realmente difícil.

— Que interessante! Vamos indo? Vera está nos chamando.

E pela noite afora, Lúcia conseguiu reter a seu lado Lester Howard, que, realmente, parecia estar muito interessado na sua conversa.

No dia seguinte logo de manhã, Vera telefonou-lhe, dando-lhe parabéns pela conquista, o que Lúcia aceitou com naturalidade; pois não tinha ela realmente brilhado na noite anterior, conseguindo com a sua prosa fácil e interessante, prender a seu lado o principal convidado?

A tarde saiu mais cedo da repartição, e encontrou-se com Lester na Confeitaria Marabá, onde conversaram largo tempo, parecendo êle cada vez mais interessado pelo seu espírito brilhante...

E assim durante o resto de sua estadia em São Paulo, Howard e Lúcia viram-se quase diariamente, e quando êste embarcou para os Estados Unidos, enviou-lhe um magnífico "bouquet" de rosas, em cujo cartão se lia:

"Mil agradecimentos pela contribuição que as nossas palestras trouxeram para o meu novo livro. — Sinceramente, Lester Howard."

★

Passados alguns meses, Lúcia recebeu dos Estados Unidos a nova obra de Lester Howard, cujo título era:

"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque dêles será o reino do Céu"...

Bem aventurados os pobres de espírito...

"MAKE-UP" DE VERÃO



ESTÁ iniciada, com estas belas manhãs de sol e estas longas e claras tardes de verão, a nossa temporada de praia. Será interessante, pois, que as leitoras desta página se recordem de que o queimado da praia, o "tan", deve ser conservado brilhante e não opaco, escuro, como muitas vezes acontece. Tanto as morenas como as claras de pele amorenada pelo sol devem adotar uma base própria à tonalidade de pele queimada e um pó "rosa-raquel", combinação que dá uma aparência radiante, macia e rosada ao rosto.

As senhoras de mais idade devem também procurar um tom mais quente de rosa, para seu "make-up". Dar-lhes-á uma aparência mais jovem do que as côres esmaecidas e contrastarão muito bem com cabelos grisalhos ou brancos.

A aplicação deve ser feita da seguinte forma: espalhe a base com os dedos molhados em loção ou água; deite em seguida bastante pó sobre o rosto e, depois, pulverize um pouco de loção; seque com papel próprio e aplique mais pó com abundância, retirando finalmente os excessos com escova ou pedaço de algodão. Faça o mesmo no pescoço e nos ombros, particularmente se usar um "maillot" ou um vestido esporte mais decotado. Sua base de "make-up" evitará que o "rouge" encha os poros e, assim, ficará com melhor aparência. Aplique o "rouge" sempre antes do pó. Ai estão alguns detalhes que, de aparência insignificante, muito contribuem para a beleza e a perfeição do "make-up" do verão, tão importante entre nós, onde a sedução das praias é cada vez maior. Atender a tais detalhes é garantir uma aparência sempre fresca e suave, embora o calor excessivo, tão prejudicial ao "maquillage"; porque, dificultando a exsudação, não nos dá essa coisa desagradável que é um rosto gorduroso ou uma cútis opaca.

Lyse



PENTEADOS MODERNOS

NUm grupo de mulheres, encontramos os mais variados cortes de cabelos e penteados. Não há um padrão geral, embora os cabelos curtos continuem em grande moda. Há as que adotaram os cabelos curtos, lisos, com pastinhas dos lados, as que continuam usando compridos, soltos ou para cima, e ainda se vê muito permanente. Damos algumas sugestões de penteados, seja qual for a moda adotada. Nesta página apresentamos alguns variados e modernos penteados para todos os gostos. Em cima, cabelos longos penteados para cima, em tranças bem arrumadas; em baixo, cabelos curtos e soltos, penteados em cachos e ondas largas, e finalmente cabelos longos graciosamente arrumados sobre a nuca.



BLUSAS DE VERÃO



COM algumas saias e blusas é possível fazer as maiores variações e, conforme os tecidos e o corte, se adaptam para todas as horas. Estes modelos de fácil execução e lavagem serão de grande utilidade. É interessante notar como os trabalhos de "ruchês" estão em grande moda. Duas destas blusas apresentamos, sendo uma em crepe e outra em seda. Um adorno que está sempre na ordem do dia é a renda, sendo usada das mais variadas formas, em lindos desenhos e recortes. Para as blusas mais esporte, continuam a ser empregados bordados em uma ou em várias cores.





MODELOS ESTAMPADOS



QUER em ramagens ou quadriculados ou ainda "pois", os estampados constituem os tecidos próprios para primavera ou verão, alegrando, com as suas cores, os trajes e as fisionomias. Um tecido muito em voga atualmente é o "surah", podendo-se executar com ele desde o modelo mais simples ao mais "habillé". Aqui apresentamos criações de Molynieux, Lanvin, Maggy Rouff, Jacques Heim, Christian Dior e Jean Dessès.



NO DOMINIO DO ALGODÃO

N O verão aparecem sempre os algodões, quer lisos ou estampados, aumentando o frescor dos vestidos da época. Os modelos aqui apresentados, de Bruyère, Vera Boréa, Jeanne Lafaurie, Schiaparelli, etc., são todos executados nessa espécie de tecido e todos de uma simplicidade muito elegante.

SCHIA





INÚMERAS têm sido as fontes inspiradoras da moda. Em todos os motivos os figurinistas procuram descobrir idéias novas para oferecerem sempre novas contribuições à elegância das mulheres de todo o mundo. Uma das permanentes fontes de inspiração dos modistas de todos os grandes centros tem sido a história. Épocas e costumes de tempos idos têm fornecido as mais variadas sugestões. Ainda agora, acabamos de ver "O Favorito dos Borgias", filme que apresentou um dos aspectos da vida turbulenta dos Borgias. Esse filme serviu para inspirar a Sally Victor, uma notável figurinista de Hollywood, os modelos de chapéus que apresentamos nesta página, modelos bastante originais e elegantes.

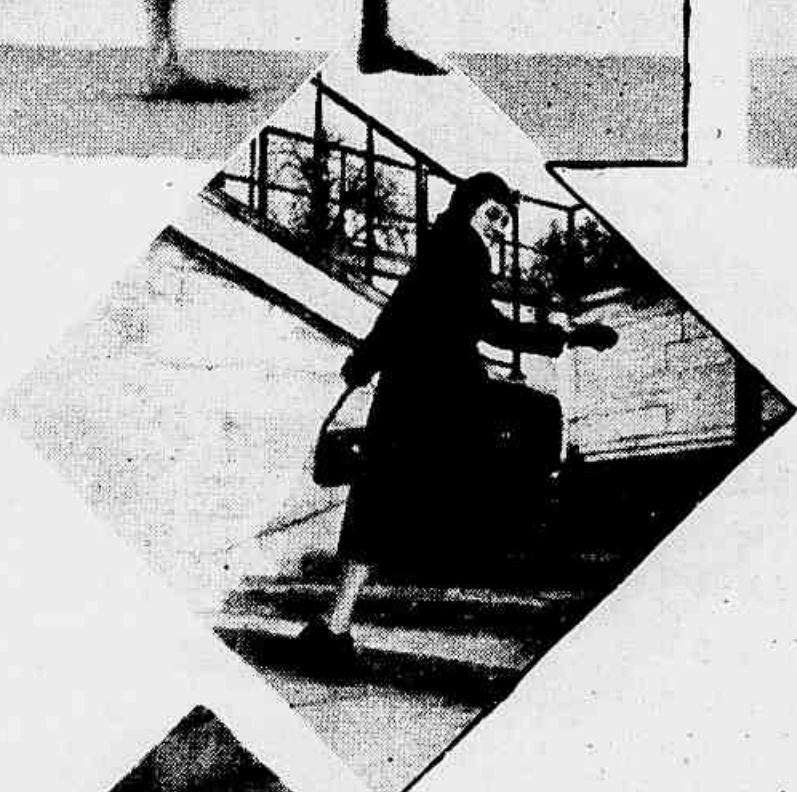


A MODA INSPIRA-SE NA HISTÓRIA





**PARA MANTER
A FEMINILIDADE**



NOSSAS avós criticam, com alguma razão, as maneiras e atitudes um tanto masculinas e — por que não? — um tanto vulgares, das jovens de hoje. Algumas procuram mesmo se identificar com os rapazes, achando nisso uma demonstração de modernismo, "igualdade", etc., etc... No entanto, nada mais encantador, nada mais gracioso do que uma jovem bem feminina, com movimentos naturais à sua feminilidade. A dança natural é um dos meios para o reencontro da feminilidade. Cada gesto, cada atitude, é repetido na vida real, nos seus mais diversos momentos. Aqui, por exemplo, a jovem que estira os braços preguiçosamente, sorrindo para o dia que começa; a outra que diante do espelho executa movimentos rítmicos penteando ou escovando os cabelos; aquela outra que ao atender a porta sabe receber com graça uma visita; a outra, ainda, que denota na maneira com que serve o chá toda a sua feminilidade; e ainda a outra que vai colocar um quadro na parede ou a que arruma as flores de um vaso, ou que sobe escadas. Enfim, em qualquer situação, em qualquer momento, ela sabe ser graciosa e feminina, suave e encantadora. E os exercícios aqui mostrados são facilísimos, podendo ser praticados mesmo em casa por qualquer pessoa. E vale a pena...

O SENHOR ENCONTRARÁ EM

EU SEI TUDO

de Fevereiro

(JÁ A VENDA NOS JORNALEIROS)

Entre outros assuntos:

A TERRA PASSARA' A GIRAR EM OUTRA POSIÇÃO ? — OS POLOS SERÃO DESLOCADOS ? Eis o que perguntam os cientistas norte-americanos, depois que um deles apontou as geleiras do Polo Sul como "a maior ameaça para a Humanidade". É uma ameaça que poderá ser concretizada num pavoroso cataclismo... a qualquer momento! Estarrecedoras visões do que pode acontecer até mesmo hoje!

SENSACIONAL DEFESA DE UMA MULHER BONITA: CLEOPATRA FOI UMA VÍTIMA DA PROPAGANDA ROMANA, A SERVIÇO DOS SEUS INTERESSES POLÍTICOS !

Um artigo que estuda a posição dessa mulher pequenina, quase uma anã, frágil e delicada, mas que, sozinha, teve a coragem de reconquistar um trono e soube expandir as fronteiras do seu reino, tornando-o o mais poderoso do Oriente. A justificativa do seu proceder com César e com Marco Antônio.

COMO AUMENTOU A POPULAÇÃO DO MUNDO DESDE ANTES DA GUERRA ?

A HISTÓRIA COMPLETA DO "OSCAR", que é a maior ambição de glória de todo artista do Cinema. (Fotografias de todos os premiados).

Revelando o Brasil aos Brasileiros: BARRA, no Estado da Bahia

E, ainda :

Dois romances ★ Contos e narrativas históricas ★ Novidades e invenções ★ A vida do campo ★ Diversos ★ Páginas para a mulher ★ No mundo dos selos ★ Resolvendo pequenas dificuldades ★ Para o seu recreio ★ A ciência ao alcance de todos ★ Cartas ★ Informações científicas ★ Charadas, etc., etc.

COMPRE HOJE MESMO O SEU EXEMPLAR !

★

CIA EDITORA AMERICANA

pelo reembolso postal ou mediante vale do Correio

RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

WEEK-END**KNEDEL DE PÃO**

125 grs. de pão amanhecido, 2 colheres de manteiga, 3 ovos, sal, pimenta, noz moscada, 100 grs. de farinha de rosco. Amolece-se o pão amanhecido em água fria, espreme-se bem e mistura-se com os ovos, manteiga, sal, pimenta, noz moscada e farinha de rosca. Quando a massa estiver bem mexida, tiram-se colheradas que se deitam em água fervendo com sal, onde devem cozinhar por 15 minutos. Servem-se estes knedels com manteiga derretida ou molho de salsa.

REFRESCO DE FRAMBOEZA

Deite numa vasilha 1 litro de xarope de framboeza, 1 garrafa de vinho tinto fino, 1 cálice de Kirsch, pedacinhos de um abacaxi pequeno, e de 2 maçãs, e gelo picado. Mexa e guarde. Na hora de servir, junte sifão ou água mineral e sirva em cálices.

CLARET LIMONADE

Tome um grande jarro, encha de gelo até ao meio, junte o caldo de um limão, o caldo de uma laranja, açúcar à vontade, 1 copo de Claret e acabe de encher com sifão. Junte pedacinhos de frutas sirva em cálices com uma colherzinha ao lado.

BIFES DE BATATAS

Descasque 1 quilo de batatas, deite em água fria e rale cruas, adicione 5 ovos, 1 xícara de leite e sal. Misture bem e frite aos bocados como panquecas e do mesmo tamanho. Arrume os bifes de batata num prato e sobre cada um coloque um pequeno monte de ameixas.

RECHEIO DE LEGUMES

Parta em dados de um centímetro um punhado de vagens, 4 cenouras e 2 nabos; leve a cozinhar em água a ferver, sal e ½ colher de açúcar; escorra bem e guarde. Toste uma colher de cebolas raladas com 1 colher de manteiga. Molhe com 2 xícaras de leite, ferva um pouco e vá juntando farinha, batendo com o batedor até ficar com um creme ralo; incorpore 3 ovos,

sempre batendo. Retire do fogo; junte 3 colheres de queijo ralado e os legumes.

PATO COM LARANJA

Prepare um pato de véspera e tempere com sal e gotas de limão, ½ xícara de vinho e ½ xícara de água. Na hora de ir ao forno, cubra com fatias finas de toucinho inglês ou manteiga, e leve a assar, sempre regando com o próprio molho. Depois de assado, parta em pedaços, arrume num prato e ao redor faça uma grinalda de pedaços de 10 laranjas descascadas. Desengordure o molho, junte o caldo de 1 laranja, leve ao fogo para ligar e sirva à parte. Forno moderado.

BOLINHOS DE REPÓLHO

Parta um repólho o mais fino possível e leve a cozinhar em água e sal. Depois de cozido, escorra bem a água, junte 1 colher de manteiga, outra de farinha de trigo e 3 ovos. Misture tudo e leve a assar em forminhas untadas de manteiga. Não deixe secar de mais.

**RABANADAS MIMOSAS**

Corte rodelinhas de pão de forma de uns 4 centímetros de diâmetro sobre 1 centímetro de espessura. Molhe em leite com um pouco de sal, passe em ovos batidos e frite dos dois lados em manteiga bem quente. Deite sobre cada uma um montinho de recheio de camarão ou de galinha e sirva dentro de caixinhas de papel frisado.

BISCOITOS DE ARARUTA RECORTADOS

Misture 500 grs. de araruta, 250 grs. de farinha, 250 grs. de açúcar, 60 grs. de manteiga, 4 gemas, 4 claras em neve e 1 colher de café de sal. Amasse, abra com o rolo até 1 centímetro, corte com cortadores próprios, e leve ao forno.

POLENTA À MODA DE GÊNOVA

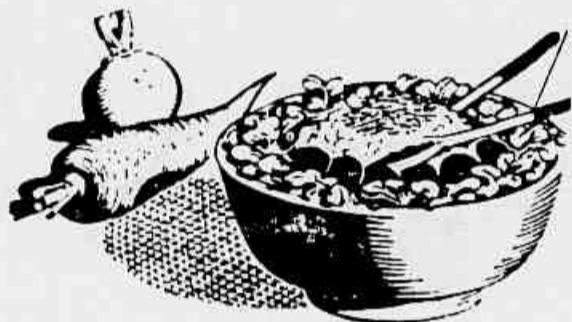
150 grs. de fubá, ½ litro de água, sal, manteiga, 4 colheres de queijo parmeizão ralado. Despeja-se o fubá, aos poucos, na água fervendo com sal, mexendo-se sempre com uma colher de

NA COZINHA

pau. Quando estiver bem cozido, junta-se-lhe o queijo e despeja-se a massa em uma fôrma untada com manteiga. Leva-se ao forno por 20 a 25 minutos. Em seguida, vira-se sobre um prato, cobrindo-se então com bastante manteiga derretida.

BRASILEIROS

450 grs. de farinha, 150 grs. de açúcar, 260 grs. de manteiga, 2 ovos e casca ralada de limão. Mistura-se tudo e faz-se uma massa compacta. Fazem-se uns rolos do feitiço de charutos, põem-se em assadeira limpa, achatam-se um pouco, por cima, com uma faca, pincelando-se com gema e levam-se ao forno quente.



TIRAS DE AMÊNDOAS

150 grs. de açúcar, 150 grs. de amêndoas descascadas, 2 claras e 100 grs. de cidra cristalizada picadinha. Ralam-se as amêndoas, batem-se com o açúcar e com as claras durante 20 minutos e junta-se a cidra. Põe-se esta massa em cartucho de papel e espremem-se numa assadeira untada tiras do comprimento de um dedo e leva-se ao forno pouco quente, mais para secar que para assar.

ESPARGOS COM TOMATES E AGRIÃO

Toma-se um prato redondo, em cujo centro se arruma um monte de maionese. Dispõem-se em seguida espargos cozidos e temperados, em forma de cruz. Sobre a maionese colocam-se algumas rodela de tomates temperados com molho de vinagre. Em volta do prato, distribui-se o agrião que previamente se temperou com molho de salada. Querendo, enfeita-se ainda a salada de agrião com rodela de ovo.

BARQUINHA DE BANANAS

Corta-se a casca de uma banana, pelo meio, no sentido do comprimento, utilizando-se para a barquinha a metade apropriada, deixando-se a outra para com ela se cortarem os remos. Corta-se a banana em rodela, que se pulverizam com açúcar e se borrifam com Maraschino. Com estas rodela se enchem as barquinhas.

CROQUETES DE NOIX

Passe na máquina 250 grs. de nozes (sem casca), junte 200 grs. de miolo de pão amanhecido, embebido em leite e bem espremido. Incorpore 1 ovo, sal, 1 pitada de noz moscada e 1 colher de café de salsa picadinha frita. Amasse tudo, faça croquetes pequeninas, passe

em pó de pão torrado, em ovos batidos, em pó de pão novamente, e frite em banha bem quente, sem deixar escurer.

OVOS MOLES DO AVEIRO

Faça uma calda em ponto de pasta com 500 grs. de açúcar. Cozinhe bem 100 grs. de arroz, passe na peneira, junte à calda e leve ao fogo, sempre mexendo até aparecer o fundo do tacho. Retire, deixe esfriar um pouco, ligue com 12 gemas coadas e leve de novo ao fogo para engrossar.

CONSOMMÉ SIMILES GELADO

Deite numa panela ossos de galinha, pedaços de carne magra, e com ossos, cenouras regulares picadas, 1 cebola regular partida, cheiro, 2 cravos e 1 pé pequeno de aipo. Molhe com 6 xícaras de água e leve a cozinhar por umas 3 horas em fogo muito fraco. Depois junte 2½ litros de água fervendo e cozinhe mais 2 horas. Tempere com sal e passe por um guardanapo molhado, clarifique. Deite num jarro, deixe esfriar e guarde na geladeira, sirva em xícaras próprias. É bom medir pelas xícaras a quantidade que vai precisar, para aumentar ou diminuir a água quente.

CREME MOSCATEL

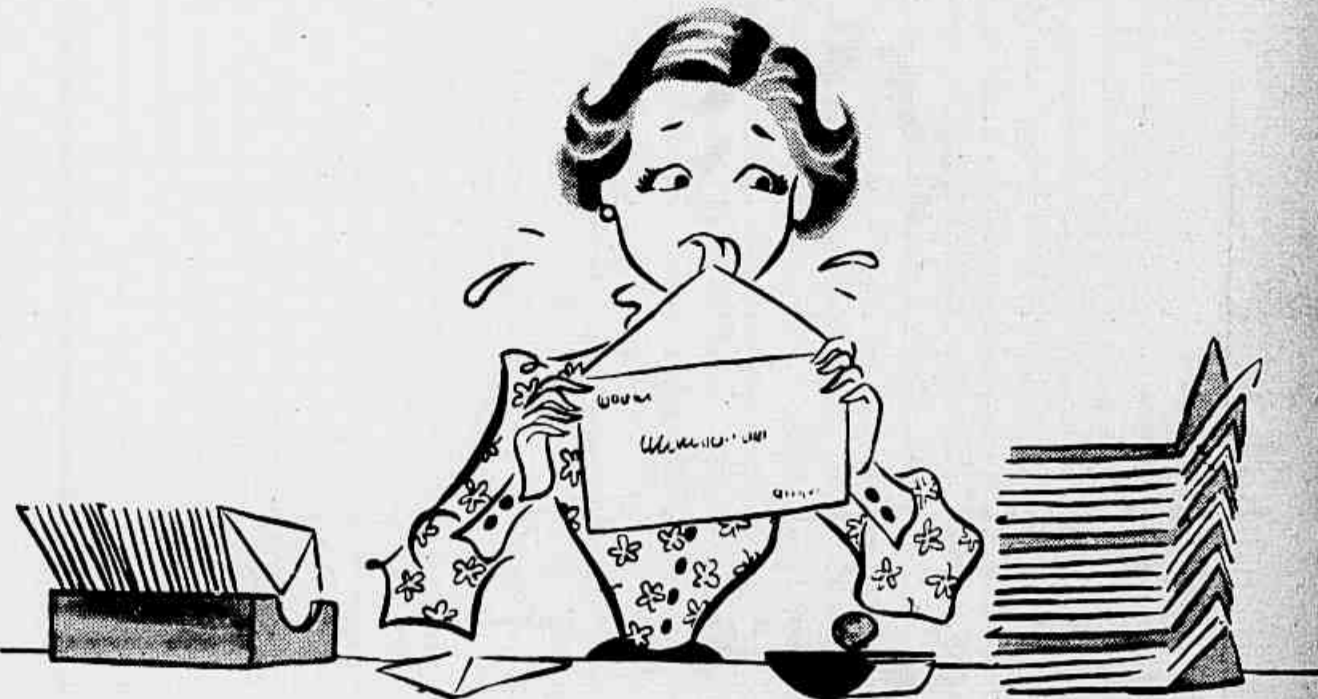
Misture 6 colheres de maisena com 300 grs. de açúcar e 2 litros de leite fervido. Leve ao fogo, deixe ferver por alguns minutos, depois retire sempre mexendo, adicione 8 gemas e torne a levar ao fogo, sem deixar ferver. Quando estiver completamente frio, leve a congelar na sorveteira. Quase na hora de servir, junte 1 garrafa de vinho Moscatel, ou outro vinho doce, e 8 claras em neve. Bata mais um pouco e sirva em taças.

ARROZ À MODA TURCA

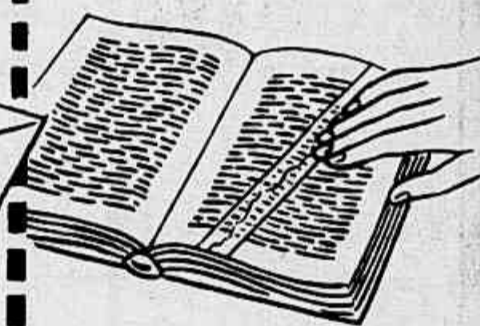
Limpa-se muito bem o arroz, com um pano. Refoga-se em gordura quente, juntamente com cebola picada. Cobrese com caldo quente de carne, acrescentando-se-lhe sal e um pouquinho de açafrão. Deixa-se cozinhar em fogo brando com a panela tapada. Antes de servir, cobrese com molho de tomates.



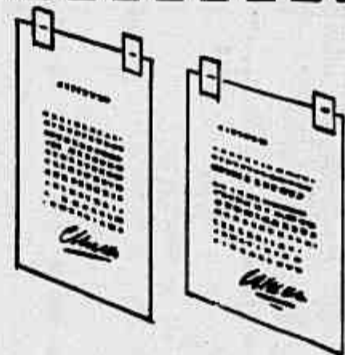
Você ainda faz ISSO?



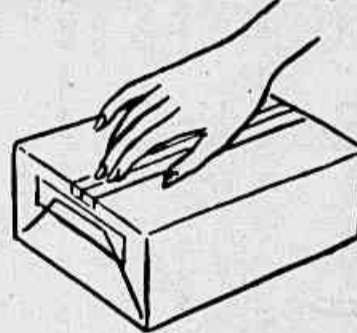
Pregue uma **peça** em seus problemas...



Para consertar livros



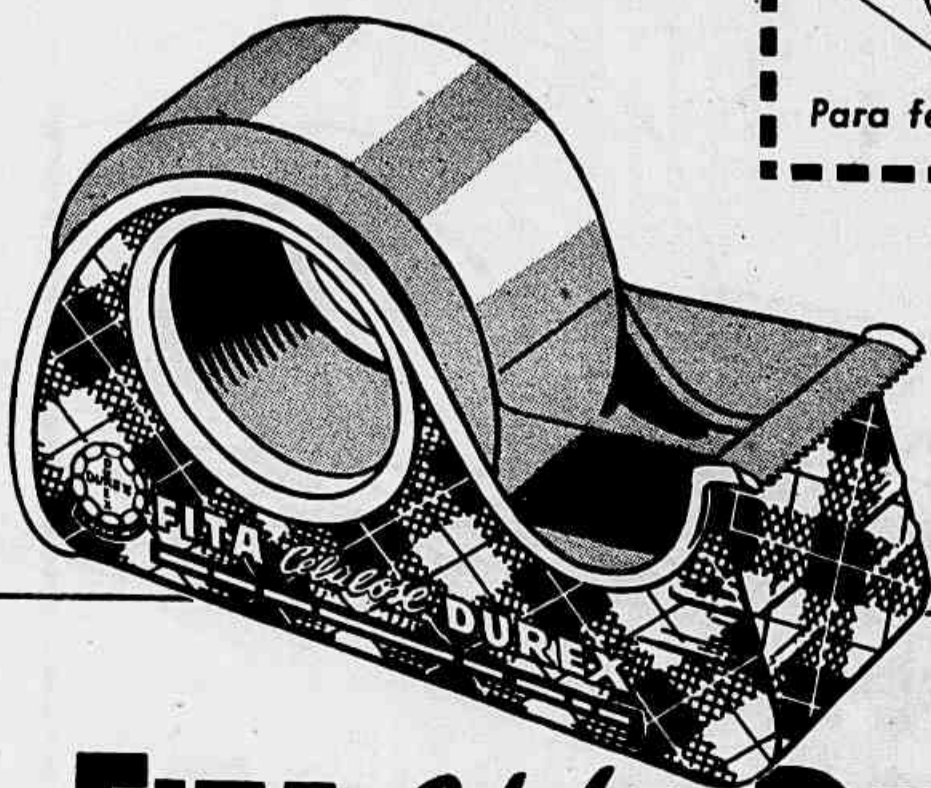
Para afixar boletins



Para fechar embrulhos

Use DUREX!

- Adere instantaneamente
- Fixa sem molhar
- É transparente como cristal
- Tem mais de mil aplicações



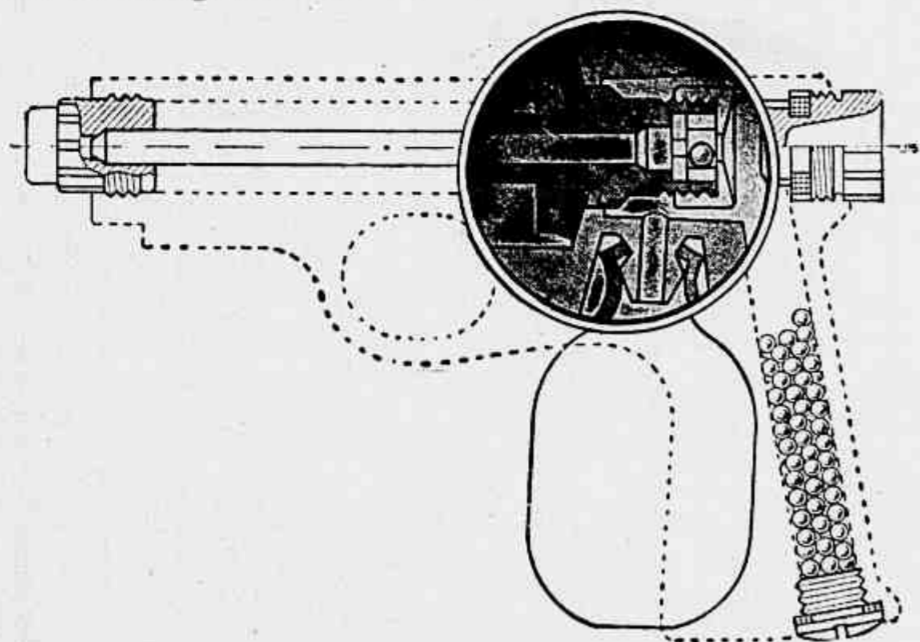
FITA Celulose DUREX

À VENDA EM TÔDAS AS PAPELARIAS E CASAS DO RAMO

Pistola "PNEUMA TIR"

PATENTEADO EM TODOS OS PAÍSES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência.
Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros
A pistola mais perfeita que se construiu no gênero
Não tem peças móveis, nem moias
Garantida contra qualquer defeito
Fabricada em várias côes

FABRICADA POR
ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.
RUA URUGUAIANA, 104
Tel. 43-0766 — RIO

ESTOJO CONTENDO:

Uma pistola — Um desentupidor — Uma alça de mira
2.000 balins c/2 membranas sobressalentes
Cr\$ 250,00 pelo REEMBOLSO POSTAL
Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas
sobressalentes — Cr\$ 15,00

Passou a dor?

- um SORRISO -



graças a

ASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA



A VIDA ESTÁ PARA OS

(Cont. da pag. 27)

oriental, acho que os judeus mereceram vencer. Sou insuspeito, pois não tenho uma gota de sangue semita, *per la madona! Dio benedeto!*

HAJA DINHEIRO...

— Que veio fazer no Brasil, Pepe?...

Ele corrigiu depressa:

— Pepino, se me faz favore... Vim tentar a sorte. Vim fazer fortuna e parece que já vim tarde... Tenciono trabalhar na Quitandinha, segundo ouvi na Europa, o maior e melhor centro de turismo do mundo. Não sou santo, porém juro por Deus que nunca fui fascista. Posso entrar no Brasil de cabeça erguida. Olhe, não tenho nada com isso, mas devia haver sindicância acêrea do pessoal que vem para o Brasil. Há muita gente válida e merecedora de uma oportunidade; mas, bem, que tenho eu com isso?...

Assim falou o sonhador napolitano com seu jeitão de urubu-malandro do Bósforo, de vagabundo e vaganundo que acertou relógio em todos os meridianos. Ele não quis avançar sobre o rebotalho da Ilha das Flores. Não faz mal, o que vimos bastou. Dinheiro haja para trazer, instalar e sustentar a turma que sobrou na Europa. Até inimigos declarados das Nações Unidas, bandidos que pegaram em armas contra nós, se infiltraram no meio dos "imigrantes". Indivíduos sem escrúpulos, sem moral, sem profissão, sem folha corrida, sem exames de saúde físico-mental, estão sendo cevados para o momento da traição. Biscateiros por biscateiros, temos bastantes e não necessitamos importar os da Ilha das Flores. Dinheiro haja!

RECURSO SINGULAR

(Cont. da pag. 24)

tarei o monstro, que não acontecerá como da outra vez em que o fascínio, o anseio de maior perfeição chegou a me cegar! "Ela" morreu porque não a retive em tempo, mas você... com você será diferente, estarei armado para libertá-la! Olhe...". Mostrou-me um facão de lâmina luzente. E eu alucinada, tentei livrar-me dele, do seu contacto viscoso, gritei que não, eu me negava obstinadamente, que ele estava louco. Aquela recusa tão formal teve um poder destruidor para ele. Num segundo, o nosso homem se transmutava, deixando que a maldade, a perversão de sua mente viessem abocanhar o resto de bondade que até ali teimara em existir nele, mesmo durante o delírio. Chorando, implorando, esgurei pela parede, bati repetidas vezes contra a porta, cai de joelhos aos soluços. Quando ele investiu para mim outra vez, tentei reagir, lutamos desesperadamente corpo a corpo, eu para me libertar, ele para me atrair ao tanque...

A esta altura, a moça ofegava diante do círculo que se ia apertando em torno da mesa, e rostos aflitos viviam a cena da tragédia. Desafogando a gola da blusa, contou em seguida:

— Foi horrível... Nem posso saber direito como se deu aquilo... Quando me vi rasgada, destrocada, quase nua, de braços à beira do tanque escancarado, aquele homem me retendo a força, e o monstro repelente lá em baixo, cheio de braços carnudos ondulado feito cobras gordas, apelei para todas as minhas forças. Num arranco supremo me libertei, e essa impetuosidade inesperada para o homem, me valeu a salvação, fazendo com que, sem o apoio do meu corpo, o seu resvalasse, rolando escada abaixo, vítima do sacrifício. Ouvi-lhe os gritos terríveis, vi-o com esses mesmos olhos que a terra vai comer, submergir nos braços possantes do polvo como presa fácil, e escutei desalentada o machucar dos seus ossos em estalidos repetidos, o estertor da morte na sua respiração entrecortada. E enquanto a vitória da posse se processava, um estranho fenômeno se passou em mim. Sem poder destigar os olhos da cena, horrorizada e fascinada ante o que me estivera reservado, senti de repente como se o renunciado se cumprisse. Era o meu corpo moço que estava sendo sugado, a minha mocidade que se destruía aos pouquinhos, na fúria satânica daquelas ventosas possantes... Fui sentindo a seiva da vida a se extinguir numa absorção intensa, num contacto físico verdadeiro. Não era a minha imaginação que trabalhava, não era o corpo do homem que se consumava. Era o meu. Era a minha carne moça que estava sendo espremida, meu sangue quente que estava sendo sugado, meus ossos, esmigalhados. A dor parecia tão forte, tão nítida que num gesto desesperado tentei arrancar os braços viscosos que se apertavam gelados nos meus seios, cingiam a minha cintura, envolviam todo o meu corpo numa sucção hedionda! Mas minhas mãos tocaram os trapos que me cobriam, depois o nada, e um abismo se abriu diante de mim. Desfaleci...



Ergueu-se, apoiando-se à mesa, extenuada. Passava tudo outra vez com a mesma dolorosa intensidade. Todos os olhares a seguiam, acompanhavam-lhe os mínimos movimentos. Esmagando o cigarro na beira do prato com restos de comida, ela tentou sorrir, trêmula, confusa:

— Bem... desculpem... sem querer, acabei estragando o Natal de vocês... Antes não tivesse contado... Essa passagem de minha vida sempre me faz muito mal...

Cambaleando por entre as mesas, deixou todos em suspense, seguindo direto à porta da rua. Então, vendo-a sair, eu tive uma idéia esquisita. Paguei às pressas ao garçon, apanhei a bolsa, e corri-lhe no encalço. Encontrei-a já à esquina falei-lhe com simpatia:

— Desculpe... Acabo de ouvir o seu relato... Compreendo a sua emoção... mas gostaria de conhecer o final da história...

Inesperadamente tranquila, seus olhos se iluminaram para dizer:

— A senhora não percebeu que escapei em tempo de esconder esse detalhe? O acontecimento perderia metade do efeito de "suspense" se não fosse cortado naquele ponto. Tudo o que culmina, tende a decair normalmente. E eu não posso permitir que minhas histórias declinem assim no gráfico do interesse geral...

Espaniei-me. E ela:

— Olhe-me bem: veja como sou feia, como são grosseiros, trágicamente grosseiros os meus traços... Se eu fosse bonita como as minhas duas companheiras de mesa hoje, seria muito fácil a todos perceberem também o meu encanto pessoal, os meus valores espirituais... No entanto, ante a verdade da minha feiura, quem se daria ao trabalho de uma apreciação razoável, se eu não tivesse esse recurso? Sempre que me acontece ser ofuscada pela beleza física, lanço mão desse estratagem, exibindo em público a minha inteligência. E o milagre acontece, começo a atrair, a seduzir, a fascinar. Destruo a mediocridade das carinhas bonitas de cabeceira vazia e, revelando a esplêndida beleza de meu íntimo, saio vencendo sempre... sempre...

Eu a escutava surpreendida, dolorosamente surpreendida. Sorriu:

Há maldade em tudo isso, eu sei... Mas acaso não foi maior maldade a natureza ter-me impingido uma fisionomia assim grotesca, tão em desacordo com o eterno anseio de perfeição de minha alma?

Então, vendo-a afastar-se a sofrer aquele sorriso triunfante, foi que compreendi a tragédia da sua vida. E ali na rua mesmo, voltando para casa, pedi aos céus como presente de Natal, que lhe desse forças para se sentir verdadeiramente feliz diante de um recurso tão singular...

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação de óleo de peroba.

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça
do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal,
Estado do Rio, Estado de São
Paulo, Estado de Minas Gerais

Todas as operações bancárias,
inclusive câmbio

VISTA ALEGRE

(Conclusão do número anterior)

— Assim passeiam os namorados dos subúrbios, de mãos dadas...

Flávio riu alegremente e retrucou-lhe:

— Não, querida, assim passeiam os namorados em todas as partes do mundo, e não só os namorados dos subúrbios, como você diz...

★

Ângela deitou-se, os olhos abertos na escuridão do quarto. Pensava ainda em Flávio e tornava a escutar-lhe a voz dizendo: — Querida!

Virou o rosto no travesseiro e murmurou, mergulhando na inconsciência do sono:

— Boa-noite, Flávio! Boa-noite, meu amor!

★

Se as três semanas tinham passado rápidas, os dias e as noites, depois desta primeira noite em que tinham passado de mãos dadas, voaram, céleres. As relações de Flávio e Ângela, imperceptivelmente, haviam mudado. Haviam deixado de ser somente amigáveis, para se tornarem ligeiramente amorosas. Não que tivesse havido beijos ou declarações de amor. Não, somente um grande e sempre renovado prazer, em todos os instantes que estavam juntos, olhos que se procuravam a nuído, palavras de carinho entremeadas nas conversas comuns. Quando estavam sós, e procuravam ficá-lo sempre que fosse possível, já que não diziam quase: — Flávio ou Ângela, mas sim meu bem e querida.

D. Isabel compreendia o desejo de ambos e sentia-se alegre em procurar serviço que a colocasse longe dos moços. Gostava de Ângela como de uma filha e teria prazer em vê-los casados, povoando a velha casa de amor e alegria, trazendo crianças para encher-lhe os dias de velhice que se aproximavam...

★

Chegou o sábado, e a semana que iria iniciar-se seria a última em que Ângela deveria permanecer em Vista Alegre. Terminavam os dois meses de férias, o seu Serviço na Secretaria de Educação estaria à sua espera. Recomeçariam os passeios, os divertimentos, os cinemas e as idas ao cassino... Seria mesmo que ela teria coragem de recomeçar tudo outra vez, longe de Flávio? Será que seu coração não ficaria para sempre em Vista Alegre, naquelas paragens de tamanha sedução, onde a beleza parecia ser maior do que em qualquer outro lugar? Onde a relva era mais verde e mais fresca, e o céu mais puro e mais azul?

Iniciou uma carta para a mãe, avisando-a da próxima partida, quando uma ligeira batida na porta do quarto interrompeu-a. Era a criadinha, avisando:

— D. Ângela, um moço procura pela senhora.

Sem se preocupar em dar uma olhadela ao espelho, desceu correndo a escada e foi encontrar de pé, na sala, a figura elegante de Alfredo.

Antes de cumprimentá-la, conteve as palavras que teve vontade de pronunciar.

— Você não combina com este ambiente, Alfredo! Aqui é a casa de Flávio!

Mas guardou estas palavras consigo e foi ao seu encontro, com a mão estendida e um sorriso nos lábios:

— Alfredo! Que surpresa vê-lo aqui! Onde ficou a sua alergia pelo campo?

— A saudade que senti de você foi maior

do que o horror pelo interior, pelos campos. Você está linda! Rosada e gordinha como uma camponesa! Estes dois meses fizeram-lhe bem! Há um novo brilho em seus olhos, um brilho alegre e meigo que não havia na cidade...

— Oh! Alfredo, você é o mesmo galanteador de sempre!

E se lhe dissesse que o brilho que havia em seus olhos fora lá colocado depois que amava e se sabia amada por Flávio?

Não, não diria nada. Depois ele mesmo compreenderia...

Pediu-lhe notícias da mãe, do pai, dos amigos, e ficou escutando a voz dele, alegre e cheia, contar-lhe sobre as últimas festas, as últimas anedotas, os últimos comentários.

Consigo mesma pensava:

— Meus Deus, quanta futilidade! Como pude pensar que o amava? Como me preocupei com ele e desejei despertar seu amor?!

Agora, porém, Alfredo estava sério. Aproximou-se mais dela e aprisionou-lhe as mãos:

— Mas como tudo foi sem graça, com você longe, Ângela! Não pude resistir e vim falar-lhe, confessar-lhe o que você significa para mim, e que a sua ausência veio mostrar-me...

A moça interrompeu-lhe as palavras:

— Por favor, Alfredo, não me faça uma declaração de amor, porque euerei que dizer-lhe que não posso corresponder.

— Contudo, você sempre demonstrou gostar de mim!

— Sim, eu gostava e ainda gosto de você. Mas gostar não é amar... E eu amo um outro.

Na fisionomia de Alfredo lia-se o assombro que esta notícia lhe produzia. Como que a medo, ainda insistiu:

— Você ama um outro?

Ângela não teve tempo para responder-lhe, porque uma voz chamou-a de fora.

Ela saiu da sala e logo voltou, de mãos dadas com Flávio. Alfredo compreendeu então o motivo da luz que brilhava nos olhos de Ângela, pois que uma luz idêntica se refletia nos olhos deste homem moreno e forte.

A voz de Ângela soou, alegre e confiante:

— Flávio, quero apresentar-lhe um amigo meu, Alfredo Chaves, que, passando por Rio Vermelho, lembrou-se de subir até aqui, para me trazer notícias de casa.

— Muito prazer em conhecê-lo. Os amigos de Ângela serão sempre bem-vindos em Vista Alegre!

Alfredo procurou mostrar-se natural ao responder:

— O prazer é todo meu — e virando-se para Ângela, risonho, continuou:

— Quem algum recado para D. Teresa?

— Não, diga-lhe somente que nunca me senti tão feliz como atualmente...

Mas Flávio interrompeu-a, dirigindo-se para Alfredo:

— O senhor volta já? Ainda hoje?

— Sim, devo voltar agora, para pegar o trem das 12 e 56.

— Pois então, faça-me um favor. Avise D. Teresa que Ângela concordará em casar-se comigo, e que, quando ela voltar, eu irei junto, para depois poder trazê-la de volta oficialmente. O lugar dela, agora, será sempre junto de mim!

— Pois não, o seu recado será dado, hoje ainda. Despediu-se cordialmente e começou a descer o caminho calçado com grandes pedras retangulares. Mais em baixo, esperava-o um automóvel já velho.

Ao passar pelo portão olhou para trás e viu o casal na porta da casa. O homem, alto e moreno, cercava com o braço os ombros delicados da bonita jovem. Não, ainda não se sentia com coragem para presenciar o beijo de amor que seu olhar experimentado via avizinhar-se.

Entrou no automóvel, e com voz rouca ordenou ao chofer que tocasse para Rio Vermelho.

E lá em cima, os lábios unidos no seu primeiro beijo de amor, Ângela e Flávio, inteiramente entregues à sua felicidade, já se tinham esquecido por completo do homem que voltava, cheio de amargura e desilusão.

★

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.



Antes, era preciso repetir diariamente as pulverizações com os inseticidas comuns... Que trabalho incômodo e cansativo!

Agora, é só polvilhar algumas vezes por ano bastante NEOCID EM PÓ nos esconderijos e caminhos dos insetos... Enquanto descansar, NEOCID EM PÓ elimina os insetos durante semanas e meses...



Peça hoje mesmo NEOCID EM PÓ na farmácia, no armazem ou em qualquer loja de ferragem e verificará, também, como é fácil livrar-se de baratas, formigas, pulgas, percevejos e traças.



DESCOBRIDORES DO DDT



NEOCID em pó

A SAÚDE DO BEBÊ

A CRIANÇA PROBLEMA

DR. SABOIA RIBEIRO

A anormalidade no comportamento infantil se revela em numerosos casos sem que haja, contudo, anormalidade constitucional, de modo que se preferiu entre a denominação de criança-problema à antiga de criança anormal.

Sem dúvida, em muitos casos, a anomalia se prende exclusivamente ao fator hereditariedade, porém, noutros não menos numerosos, se não até mais numerosos, aquela se prende, em absoluto, a nocivas influências ambientais, ou seja, do meio cultural, social e familiar, podendo evidentemente até associarem-se as duas ordens de fatores.

Como anormalidade do comportamento, referimo-nos principalmente à criança que bebe, fuma e usa linguagem imoral; é desobediente, turbulenta, mentiroso, impulsiva e agressiva, ou tem tendência manifesta à vadiagem. Os investigadores modernos atribuem a essas crianças crianças mais vícios de educação ou meio de seu convívio, do que defeitos de herança propriamente, trazendo a anormalidade psíquica.

Seja como for, a criança-problema, máxime as portadoras da anomalia psíquica, já se deixa entrever, desde cedo, através de um conjunto de caracteres, entre os quais se destacam:

1.º — uma incoercível tendência à agitação do movimento;

2.º — inconstância em face de qualquer ocupação ou entretenimento;

3.º — índole inata à desobediência, à indisciplina;

4.º — reduzida capacidade para con-

centrar a atenção, durante a aprendizagem.

Se é certo que o movimento é o próprio, mesmo das crianças normais, contudo, estas se detêm por vezes diante dessa ou daquele objeto novo, para em estudo, intrigado com qualquer segredo novo, que se lhes autolham, ou procurando desvendar o sentido ou o conteúdo, guardar, reter a forma nova, "compará-la".

Nelas já existe o germe da disciplina, e assim atendem sem conflitos as recomendações que lhes fazem seus responsáveis sejam os pais, a ama, os mais velhos.

A criança anormal, não. Doudejando daqui para ali, resistentes a toda sanseira, ao menos na aparência, nada supera em interesse a essa espécie de atração à corrida, à vida solta, ao movimento nas suas mais variadas formas. Nenhum brinquedo será capaz de retê-las a um canto, por mais interessante, de preferência a essa expansão desordenada de músculos e de nervos.

Nada as detém nem faz mudar de maneiras. A versatilidade é seu caráter pró-

prio, e assim, será incapaz de repetir o mesmo brinquedo em horas determinadas, senão que irá sempre a outros indefinidamente.

O professor Czerny lembra a seguinte experiência: dando-se, por exemplo, à criança ao mesmo tempo, vários livros coloridos, os meninos normais apoderam-se, encontrando em cada gravura alguma coisa que lhe interesse. "Cada quadro motivará que faça várias perguntas ou manifeste suas impressões. Passa-se, às vezes, mais de meia hora, permanecendo a criança eventualmente entretida com o mesmo livro, sem empreender facilmente revistar os outros. A criança dificilmente disciplinável folheia, ao contrário, em poucos minutos todos os livros; julga logo após liquidada a tarefa e, sem demora, vai à cata de outro passatempo".

Com essa versatilidade inata falham, em grande parte, todas as tentativas para discipliná-las, corrigir certas práticas condenáveis, pois em regra, gera-se a insubordinação como uma reação da criança ao que lhes parece uma restrição à sua própria liberdade de ação. Só a poder, afinal, de incontáveis admoestações, poder-se-á chegar a um resultado em face dessas práticas condenáveis, na criança, mas ainda assim, nunca estaremos seguros de que não voltem a fazer o que antes faziam, de errado.

Na aparência, a criança anormal, com essa obstinação tamanha, parece trazer em si uma farta personalidade, uma vontade vigorosa.

E' na idade escolar que a criança vai revelar o deficit mental evidente, expresso numa reduzida capacidade da atenção.

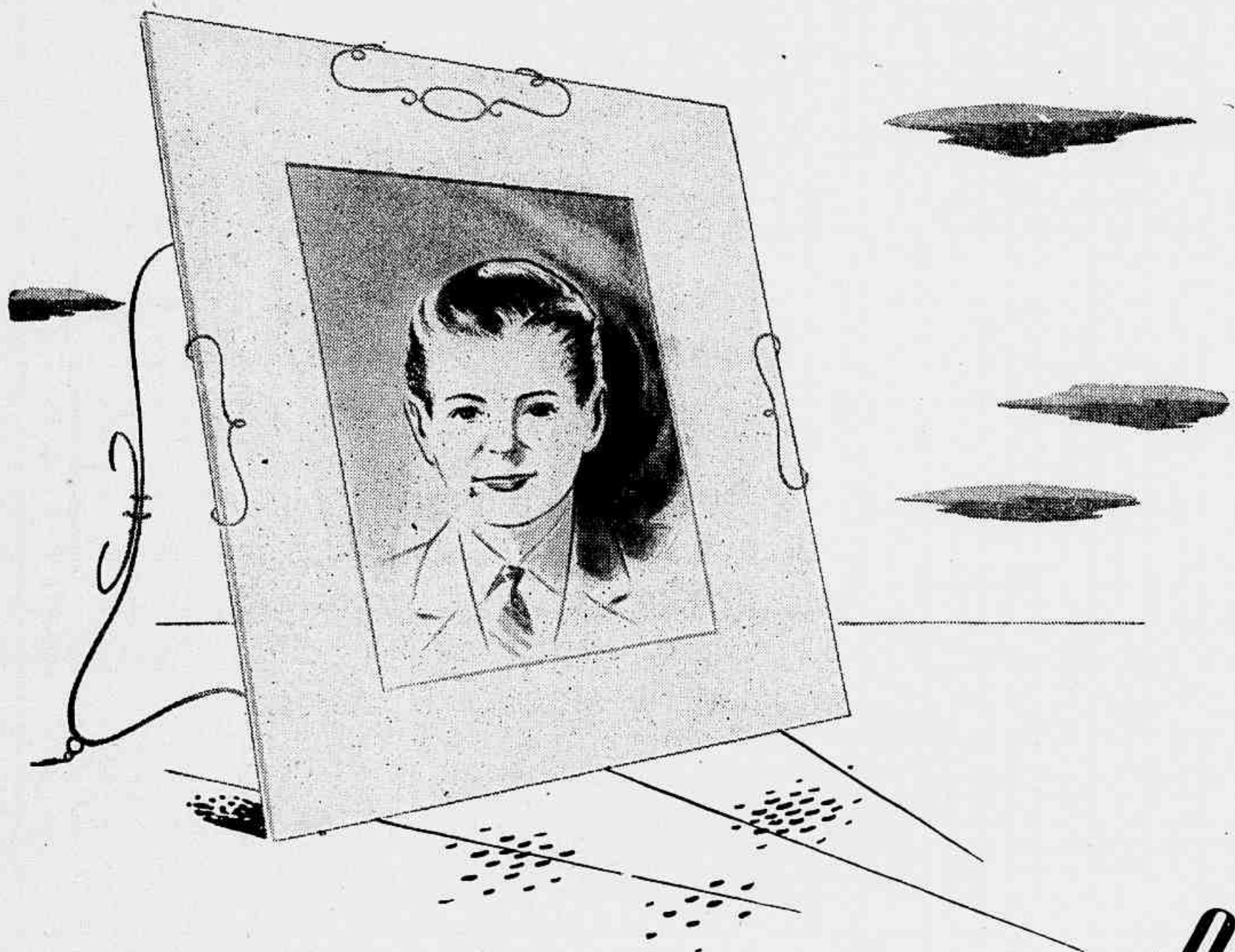
Como tratar esses anormais, de modo a, pelo menos, reduzir os efeitos funestos da sua anomalia.

Muitas vezes não é o próprio meio honesto o melhor para a educação da criança anormal. "A experiência (escreve o professor Czerny) nos mostra cada dia que, nos casos difíceis, raramente se alcança esse objetivo na casa paterna, tornando então indispensável entregar a educação da criança à autoridade de um estranho, fora de casa".

A multiplicidade de brinquedo se distrações não é de bom efeito, pois todo o esforço deve constituir no interesse de fixar a atenção da criança em determinado objeto ou fim. Somente depois de conseguido esse resultado é cabível tentar a aprendizagem na escola.

Em suma, coincidindo com a criança anormal indisciplinada uma falha no processo da atenção, é na educação desta, evidentemente, que se há de procurar corrigir a anomalia, com método e disciplina, gradualmente, em ambiente apropriado, e desde o primeiro momento que reconhecida a anormalidade da criança.

Como lembra Czerny, nunca é supérfluo acentuar que muitos defeitos facilmente modificáveis numa criança de sete a oito anos não se corrigirão mais aos quatorze.



Que será seu filho AMANHÃ!

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênio, iodo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colégio exemplar... amanhã, homem de verdade.

TÔNICO INFANTIL



A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME
RUA Nº
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35 00

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.



LYTOPHAN

VENDEDORES(AS)

PARA CASIMIRAS, LINHOS E TROPICAIS

Precisam-se em todas as cidades. Mostruário variado e gratuito. Ótimas comissões e adiantamentos. Vendas pelo sistema de Reembolso Postal. Escrever para o depósito da fábrica: — TECIDOS MEHERO — Rua Pagé, n.º 33 - 2.º andar — SÃO PAULO.

IMPULSOS DO CORAÇÃO

(Continuação do número anterior)

— Oh! E' você?... — perguntou ela, estacando surpreendida. — Percebi um ruído aqui e tive medo que... Hugues não dormiu bem à noite passada e eu lhe dei um vermífugo.

— Não, êle dorme bem.

— Jantou bem? — perguntou ela.

— Sim — respondi sêcamente.

Não sei por que, mas tive a curiosa impressão de que éramos dois artistas posando para algum filme. Depois de lançar um olhar ao meu filho, abracei Frederique com a maior naturalidade. Beijei-a e exclamei:

— Boa noite, minha querida...

Meu beijo foi mais ou menos do mesmo caráter daquele de Judas.

Dois dias depois tia Elise veio a Paris. Isto ela fazia de quando em quando, desde o nascimento de Hugues, que ela considerava como seu netinho. Depois do almoço eu a levei em meu auto para os lados da Ópera, onde ela devia deixar, e, aproveitando a excursão lhe narrei o que se passava.

— Nada tenho que censurar a Frederique — disse-lhe eu, por fim. — Meu erro foi apenas o de querer transformá-la numa dama da alta roda.

— Em todo caso — disse minha tia — é ela uma boa mãe, e esta qualidade sempre constituiu a essencial em nossa família. Além do mais, ela é sua esposa.

— Huguetta tomará o seu lugar.

— Frederique ainda não está a par de suas intenções, Xavier?

— Não... Era meu desejo primeiramente falar a êste respeito com você, minha tia. Para isso tencionava ir a Roubaix.

— Reflita bem, Xavier. Eu sou uma velha que só deseja isto: a sua felicidade; mas, desde muito, aprendi a apreciar Frederique, e um divórcio é coisa grave... muito grave...

Ao deixar tia Elise senti vontade de espreitar um pouco e fui ter à casa dos Legris, isto é, onde morava Huguetta. Toquei a campainha. Apareceu uma empregada.

— A senhorita Huguetta está ao telefone. Logo que ela terminar eu anunciarei sua presença. Se o senhor quiser ter a bondade de entrar para o salão...

Na impaciência em que eu estava não pude ficar sentado e comecei-a dar voltas pelo salão. Ao passar perto de uma porta de comunicação ouvi perfeitamente a voz de Huguetta. Parei e fitei bem a atenção.

— Sim... é isto mesmo. Êle ainda não tinha vinte annos e já me namorava — dizia ela falando ao telefone

com alguém. — E êle está caindo como um patinho! Sua alma, sua palma. Isso eu faço para vingar-me quando se casou com a secretária. E se você me visse a dirigir essa farsa a meu jeitinho! Como são tolos os homens! Mas desta vez eu acho que o tenho prêso. Já fazia certo tempo que eu o via a rondar em volta do pôço; mas ontem à noite se verificou a grande cena do terceiro ato: êle se dirigiu a mim com estas palavras cheias de amor: "Huguetta, você desposaria um divorciado?" E' como você mesmo o diz, meu querido: eu o peguei de jeito! E agora poderá ficar tranquilo. Dêsse embrulho dos diabos vai sair alguma coisa certa: desmoronarei o lar de Frederique, ficarei com Xavier e... não me esquecerei de você, amor!"

O salão parecia rodar comigo. Eu acabava de descobrir quem era a verdadeira Huguetta, tão diferente daquela que hipócritamente me dizia: "pobre Xavier!", fingindo que me dava conselhos e que eu devia ter paciência, muita paciência com Frederique...

E eu que, desde muito moço, tinha horror a certas situações sociais, ia divorciar-me de Frederique para criar em torno de mim uma dessas inconfessáveis situações. Num impulso, saí daquela casa sem nada dizer à empregada, e ao entrar novamente em meu auto eu reconhecia que Frederique, em sua simplicidade, já havia, de há muito, percebido toda a perfídia de Huguetta, enquanto eu, somente agora, chegara a essa conclusão, casualmente!

Comecei a refletir na diferença entre ambas. O olhar puro e franco de Frederique, e a voz maligna e traiçoeira de Huguetta. Para dar à minha esposa um verniz mundano ia eu sacrificar o amor de uma mulher de grandes virtudes, dificilmente encontradas nos tempos atuais. Por estupidez, ia eu perder a verdadeira felicidade! Súbitamente vi claramente o que devia fazer. Dirigi-me decididamente para minha casa e, sem dar atenção aos criados, fui gritando portas a dentro:

— Frederique! Frederique!

Ela apareceu à porta do quarto com um dedo à boca, pedindo silêncio:

— Psiu!... Hugues está dormindo!

Mas eu já a havia alcançado e, cobrindo-lhe o rosto de beijos, exclamei:

— Frederique! Minha querida! Uma grande novidade: vamos para a Austrália! Vamos morar ali um, dois, cinco, dez anos talvez! Que lhe parece?...



A beleza dos seus móveis consiste unicamente em tratá-los constantemente com óleo de proba.



MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotuejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho
Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA.

MEIO SÉCULO DE CARNAVAL...

(Cont. da pág. 5)

Flora" e a alegoria "O chinelo", dentro do qual viam-se dois bonecos representando os Fenianos e os Democráticos, vencidos no concurso dos préstitos. O número de 23 de fevereiro ostentava uma capa de Bambino, "Abandonada". Charge à Rua do Ouvidor, que cedera lugar à nova avenida, como rua mais importante da cidade.

Para a revista, o assunto carnaval ainda não era motivo bastante forte para encher as páginas de fotografias e artigos. Havia quase uma orientação preconcebida evitando focalizar êsse período com maiores detalhes. As figuras não correspondiam à verdadeira animação que ia pelas ruas. Pareciam mais bonecos de museu.

1910. Notava-se uma pequena evolução. Um maior número de páginas digna-se abordar o Carnaval. Há um desenho de Raul, que deve corresponder com mais fidelidade ao movimento das ruas. Muitas fantasias, predominância de Pierrots e Colombinas. Um artigo assinado por Dominó Prêto dá a seguinte definição do Carnaval: "Parêntesis aberto de época em época e logo fechado, no seguimento dos capítulos ordinariamente monótonos da existência humana". Poético, não é? Outro de Sadinoel: "Você me conhece?", é uma sátira à estulta e velhíssima pergunta que em voz de falsête fazem os que se escondem por trás das máscaras. Até as crianças compreendiam a triste figura representada pelo marmujo que perguntava: "Você me conhece?". Trataram-no de tólo, de bocó. — "Pedaco de burro, pois se tu estás de máscara, como queres que te conheça? Asno!" — As três sociedades que já se empenham pelos préstitos apresentados, eram as mesmas que até hoje permanecem fiéis às velhas tradições recebidas por herança do século passado. Carros grandes, luxuosos, com movimentos, belas esculturas em que predominava o assunto mulher. A êsse respeito convém observar o seguinte: nos carros já há muito tempo eram aproveitadas moças para embelezar a alegoria. Agora, porém, acompanhando a moda e os costumes, já vestiam mais sumariamente, já mostravam as pernas. Muito paradas, desajustadas, assus-

ASSOCIAÇÃO RURAL DA ZONA DA MATA

Rua Halfeld, 805 - Sala 402 - Fone 1710
Juiz de Fora - Minas



Em dezembro próximo passado foi fundada a Associação Rural da Zona da Mata. Por essa ocasião foi eleita e empossada a sua primeira Diretoria, que ficou assim constituída:

Presidente — José Augusto de Araujo; Vice-Presidente — Dr. Theophilo Custodio Ferreira; 1.º Secretário — Dr. Wilson de Lima Bastos; 2.º Secretário — Dr. Homero Gonçalves; 1.º Tesoureiro — Cel. Antonio José Sobreira; 2.º Tesoureiro — Cel. José Albano Fernandes; 1.º Diretor Técnico — Dr. Fernando Otílica Lins Filho; 2.º Diretor Técnico — Dr. Clovis do Nascimento.

COMISSÃO FISCAL

Dr. Ricardo Fortini Filho — Dr. Altamiro de Oliveira — Dr. José de Alencar Almeida — Cel. Ademar de Aquino Castro — Cel. Mario Rezende do Vale.

SUPLENTE

Cel. Alcides Gerhím — Cel. Pedro Leite de Oliveira — Cel. Henrique Surerus Sobrinho — Dr. Edval Cortes de Araujo — Dr. Nelson Fernandes de Oliveira.

ladas mesmo, imaginamos o sucesso que alcançavam, em época em que Copacabana ainda não existia. Os Democráticos apresentavam um carro alegórico "Recordações de Pompéia"; os Fenianos "A gôndola de Cleópatra"; o carro-chefe dos Tenentes era "Refúgio das bacantes". Havia mais as fotografias das respectivas diretorias, das comissões organizadoras e dos estandartes de numerosos grupos que saíam à rua: Vamos misturar minha gente — Prazer do Leme — Tudo pega na garrafa — Destemidos do propósito — Mão Negra — Aventureiros da Praia Pequena — Mamãe lá vou eu — Os três jacarés. Já era reconhecido o valor dos artistas que trabalhavam para a confecção dos prêmios. Seus nomes eram citados: Marroig, Fiúza, Emilio Silva, Adolfo Lima, Ramiro, Cordovil, Pacheco, Joaquim Azevedo, Irênio e Tomaz. Baríssimas, pequenas e confusas eram as fotografias da massa que afluía às ruas para observar ou para pular. Flagrantes de movimento ainda não se usavam. Talvez deficiência técnica das máquinas dos repórteres de então. Numa das mais antigas fotografias noturnas da Avenida Central, focalizando os espectadores que esperavam pela passagem dos prêmios, vê-se u'a multidão compacta, na maioria homens, todos de chapéu côco, ou de palha, na cabeça, vastos bigodes, alguns de barba, colarinho duro, roupa escura, pousando e olhando diretamente para a objetiva da máquina. Isto quer dizer que então o fotógrafo era olhado como uma fantasia exótica, pois, conforme relata o nosso atual fotógrafo, bater uma chapa naquela época, era uma verdadeira palhaçada. Precisava-se de tão incômodos e estranhos aparelhos, fazia-se tal ginástica, demorava-se tanto tempo, que se acabava por chamar a atenção das pessoas. Depois vinha o estouro do magnésio, com relâmpago, barulho e fumaça. Não é à-toa que todos mostrassem olhos arregalados e fixos na objetiva. Isto prejudicava o valor da fotografia, pois se houvesse flagrante digno de registro, passaria a ser pousado, com gestos e atitudes estudadas, sem naturalidade, forçadas.

Em 1915 a guerra açambarcava completamente o espaço da REVISTA. Pouco sobrava para o Carnaval. Este começava a invadir os clubes. Apareciam as primeiras fotografias dos salões, grupos bem arrumadinhos de gente em pé, em cima de cadeiras no fundo, em pé no pavimento adiante, ajoelhados e deitados na frente. Que trabalho não dariam essas fotografias! Lá aparecem fotos tiradas no Fluminense e no Automóvel Clube. Fantasias caríssimas e luxuosas, sedas, lantejoulas, fitas, pedrarias, e as indefectíveis máscaras de meio-rostro para ocultar a personalidade.

1920. O Carnaval devia estar no auge. Nota-se pelas fotos dos corsos. Muitas caleças entremeadas aos automóveis. Serpentinhas, confete, fantasias, máscaras. Porém, grande era o número dos que só assistiam, dos trajas completos à paisana, dos chapéus de palha. Mostramos essas coleções ao Renato de Alencar, que, vendo algumas fotos de senhoras na rua, disse:

— A moda daqueles tempos já era uma fantasia. As moças nem precisavam recorrer às máscaras.

De fato, os vestidos eram compridos, cinturas lá em baixo, chapéus grandes, cheios de plumas, laços, flores, e nem faltavam as infalíveis sombrinhas, compridas feito pescoço de girafa. Que suplício não devia ser a moda então, e pensar que as Evas a ela quiseram voltar!

Fotos dos primeiros banhos à fantasia. Para que fantasia, se os próprios "maillots" eram verdadeiras máscaras? A nota curiosa é dada pelas poses do baile dos artistas, no número de 21 de fevereiro de 1920. Aparecem Luiz Peixoto, Calixto Cordeiro, Luiz Edmundo, Hélio Selinger, Asdrubal, Franciscone, Navarro da Costa. Todos a fantasia. Bailes nos Clubes Fluminense, Flamengo, Botafogo. As fantasias predominantes eram de motivo clássico: pierrot e colombina, gregos, egípcios, romanos, bacos, príncipes indianos, ussaros. Nada de baianas, piratas, ou chiquitas bacanas! Já nos salões começavam as que deixavam ver as pernas. Mas ainda faltava prática. As moças ficavam de joelhos juntos e pés a periquito, nada de gestos à la Carmen Miranda. Empertigavam-se frente ao fotógrafo como diante de um pelotão de fuzilamento. Começava então a decadência da virilidade dos homens, pois já ostentavam saiotas, combinações, laços nos cabelos, sombrinhas e outros acessórios femininos. Freud diz que são desejos do subconsciente. Será mesmo? Que dizer hoje, então?

Após perambular pela páginas do passado, qual a impressão obtida sobre o Carnaval de antes? Apenas uma! Não está de acordo com o que dizem os velhos foliões. Haverá exagero no que eles contam, já que se trata de memórias pessoais, que com certeza recordam através de um rosado esquecimento, atenuante, aliás, pois lembram coisas da juventude, em que tudo parece belo e bom?

Ou será, conforme dissemos acima, falha da técnica jornalística, em que a crônica não se importava de registrar com mais detalhes as ocorrências diárias? E essas

falhas seriam causadas pelo material obsoleto à disposição dos fotógrafos?

Preferimos acreditar nessas últimas. Quando tiverem desaparecido as gerações que assistiram aos Carnavais antigos, não existindo documentos suficientemente comprovatórios do que contam, cairá no esquecimento o fulgor das festas de então. É pena, pois afinal trata-se de história da cidade, que, como a dos Clubes, só será conhecida pelo que contarão os filhos dos que a ouviram contar dos que a assistiram...

A ORIGEM DOS TENENTES

(Cont. da pág. 20)

O tesoureiro do clube, sr. Eugênio Rios, sócio desde 1904, lembrou um fato interessante, no qual tomou parte junto com outro, cujo apelido é Tisana, acontecido justamente quando o clube voltara para a sede da rua Senador Dantas. Foi em 1909. Os Tenentes nos anos anteriores de 1906, 1907 e 1908 haviam conseguido alcançar o ambicionado tri-campeonato, por obra do inesquecível Marroig. Os outros dois grandes clubes, os Democráticos e os Fenianos, já estavam por conta e os "filinhas" de ambos, excitados e enraivecidos, reuniram-se, armaram-se de pedras e de paus e encaminharam-se para assaltar a Caverna, durante o carnaval de 1909, e evitar mais um ano de vitória para os "bactas". Chegada a notícia na sede da Rua Senador Dantas, o atual tesoureiro Eugênio Rios mandou fechar as portas e junto com o Tisana, já citado, saiu à rua para enfrentar a turma contrária. Vendo que os ânimos estavam muito exaltados e que os "filinhas" dos "carapicus" e dos "gatos" preparavam-se para assaltar o prédio, Eugênio Rios não teve dúvidas, puxou do revólver e deu alguns tiros para o ar. Isto foi água na fervera. Os assaltantes dissolveram-se logo, em precipitada fuga! Terminado o parentese, o presidente Marques Junior continuou a enumerar as sedes do clube:

— Do Palacete Leque da Rua Senador Dantas, passamos para a Rua da Carioca perto do local em que hoje está o cinema Iris. Ai, em 1912, após o Carnaval, mais uma vez a nossa sede era presa das chamas, destruindo o poço que havia escapado do primeiro. Tivemos em seguida uma sede provisória na Rua Sete de Setembro. Passamos depois para a Rua do Passeio, onde hoje está localizado o Mesbla. Fomos para a Rua Uruguaiana 9, no atual local da Companhia Singer. Daí pulamos para a Avenida Rio Branco em que estivemos antes no 179, onde hoje é o cinema Parisiense, e depois no 181, hoje Cineac. Vimos para a Lapa, antes para a Avenida Mem de Sá, 10 e em 1928 nos instalamos na atual sede, Maranguape 24, sendo que devemos sair daqui também, em vista de haver sido desapropriado o prédio para dar lugar à Avenida Diagonal. Iniciamos, portanto, a campanha da sede própria, que esperamos concluir em breve.

Os Tenentes vangloriam-se de terem sido os primeiros a abandonar a Rua do Ouvidor, após a abertura da Avenida Central, hoje Rio Branco, pelo tamanho exagerado dos carros, que não podiam manobrar na tradicional, porém estreitíssima Rua do Ouvidor.

Os principais componentes da atual diretoria são os seguintes: Marques Júnior, presidente; Silvestre Leite, diretor social; H. Vieira Machado, secretário; Eugênio Rios, tesoureiro; Ayres Câmara, procurador.

Os artistas incumbidos do prêmio deste ano, são os mesmos que alcançaram a primeira colocação para os Tenentes no ano passado. Eis a relação completa: Manoel Faria, artista-chefe e pintor; Francisco de Andrade e Carlos Meireles, escultores; Bustamante Sá e Max Slobad, pintores; Elécio Paula e Antônio Pamplona Filho, maquinistas; Manoel Cardoso, empastador; Evaristo Rodrigues, orlador; Olímpio Silva, enformador; R. Ro-

PERFUMES EXÓTICA



Lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes Cr\$ 55,00
Pelo Reembolso Postal, sem qualquer outra despesa
Pedidos à

PERFUMARIA EXÓTICA
RUA CAMPOS DA PAZ, 165 — FONE: 48-8137

Enviamos catálogos a quem solicitar

Pasta Dentifrícia

S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

UM MONUMENTO QUE ENOBRECE SÃO PAULO

(Cont. da pág. 31)

Haja vista a preocupação das autoridades municipais, na Capital da República, transferindo alguns dos mais antigos monumentos para lugares onde venham a adquirir melhor relevo. O senso da proporção tem de ser levado em conta, claro. E foi justamente esse predicado que se fez sentir na escolha dos pontos da grande metrópole paulista onde, daqui a tempos, seus visitantes poderão deslumbrar-se com essas duas maravilhosas obras de arte. A colocação da estátua de Caxias será feita oportunamente na Praça Princesa Isabel, que vai sofrer sensíveis modificações para esse fim. Quanto ao

monumento das Bandeiras, esse já está sendo levantado no próprio local, Avenida Brigadeiro Luís Antônio com Avenida Brasil, no Largo Pirapuera. É uma vasta planície, que permitirá o máximo de amplitude visual para o seu majestoso conjunto arquitetônico. Bom será que o exemplo de São Paulo frutifique em outras cidades do país, a começar pelo Rio, onde por muito tempo um espírito de restritas dimensões presidiu, com irreparáveis falhas de estética e critério artístico, empreendimentos semelhantes.

N. da R. — Por engano, a situação do monumento das Bandeiras é dado na pág. 29, como sendo na Praça Princesa Isabel, quando, nesse local, ficará realmente o de Caxias.

liberdade contra o obscurantismo da época. Após muitos e muitos anos acharam, esquecidos entre outros papéis no fundo de um cofre, dois jornais, dois folhetos mais propriamente, que se tornaram os documentos mais antigos e autênticos de posse do clube. Um é humorístico: "Caverna, 4 de fevereiro de 1888 — Título: CHOPP, alambique dedicado à propaganda das camuecas, fabricado pelo Grupo dos Torneiras da S.E.C. Tenentes do Diabo — Copo VII, Segunda Chuva". Sentimos não poder reproduzir alguns dos melhores artigos aí contidos, pelo assunto e a maneira livre de expô-lo. Pensamos que naquela época a popularidade e a influência de Eça de Queiroz deviam ser muito grandes no Brasil.

O outro é um folheto de quatro páginas: "Os Tenentes na Kermesse". Data: 25 de Março de 1884. Ostenta na primeira página um belo e sugestivo desenho de Belmiro, com a efígie do Visconde do Rio Branco. É uma homenagem ao Ceará, por ter sido a primeira unidade do Brasil a declarar extinta a escravatura. Todo o folheto vibra de entusiasmo pela causa abolicionista e nele há assinaturas do porte de Belmiro de Almeida, o desenhista; Leite Ribeiro (Maduro), presidente do então Conselho Municipal; Luiz de Andrade, da "Gazeta da Tarde"; João Clapp; J. F. Serpa Júnior; Júlio de Lemos; Albino de Almeida; F. Cypriano Júnior; Matheus dos Santos; Augusto Bastos. Belmiro, para justificar a escolha da figura do Visconde do Rio Branco para a capa, dizia, entre outras coisas: "...apenas me limito a destacar um vulto que a geração brasileira deve venerar com respeito e admiração e que, inquestionavelmente, prestou relevantes serviços à causa, cujo desfecho glorioso vejo acenar-me de bem perto". Há ainda a cópia de uma carta ao "Ilmo. Sr. João Fernandes Clapp, Digníssimo Presidente da Confederação Abolicionista. Possuída do máximo contentamento, a comissão dos Tenentes... toma a liberdade de vos comunicar que, por ocasião da Sessão Solene de 25 do corrente, serão comissionados três membros para fazer entrega de duas cartas de liberdade aos escravizados Maria, parda, de 18 anos, e a Rufina, preta, de 43 anos de idade, cujas cartas foram generosamente doadas aos Tenentes pelo Sr. Antônio José Ribeiro Guimarães..."

Esta é um pouco da história dos Tenentes do Diabo, visitando a Caverna, dos quais tivemos a surpresa de verificar que, apesar de localizada em plena Lapa, o ambiente é familiar. O elemento feminino é representado pelas senhoras, filhas, irmãs dos sócios, numa prova eloquente de que pode haver decência num clube eminentemente carnavalesco, onde famílias inteiras possam ir se divertir, sem preocupações de ordem moral com o ambiente que irão encontrar.

CONCLUSÃO

Nesta série de três reportagens sobre os principais e mais antigos clubes carnavalescos existentes no Rio de Janeiro, observamos, conforme tivemos oportunidade de relatar, que as notícias sobre as origens dos mesmos, apesar de nenhum deles contar ainda com um século de existência, são constituídas de memórias transmi-

É o dever de um lar a perfeita conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

O SEGRÊDO DE SUA BELEZA...

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

Para completar a sua beleza e personalidade use estes produtos da Multifarma:

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a cor natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua cor natural.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação de óleo de peroba.

tidas verbalmente. Não há provas nem documentação, de modo que às vezes, para quem deseja saber a história do Carnaval no seu conjunto, surgem dúvidas e confusão, especialmente no que diz respeito às datas, ao por quê de alguns nomes e apelidos, e a quem de fato cabe a primazia de ter sido o primeiro a sair com os préstitos nas ruas, de ter estreado os préstitos com movimentos mecânicos, de ter abandonado a Rua do Ouvidor pela Avenida Rio Branco. É natural que os três clubes queiram ter a glória da prioridade, é a velha rivalidade dos "fitinhas", mas que de maneira alguma diminui o valor dos esforços e dos sacrifícios enfrentados pelos três velhos clubes para manter o brilho de um dos mais famosos carnavais do mundo inteiro. O detalhe histórico interessa mais aos estudiosos. Aqui deve ser realçado o trabalho de conjunto das três sociedades para criar o maior motivo de afluência turística para a Capital da República, e a luta contra os homens e os tempos para manter alta a tradição carnavalesca do Rio de Janeiro, o governo absoluto do Rei Momo durante o período da folia, e não deixar morrer o espetáculo de gala oferecido à população pelo desfile dos grandiosos, artísticos e luxuosos préstitos. É o suficiente para demonstrar gratidão a quem oferece alegria em troca apenas de aplausos.

O FREVO EM PERNAMBUCO

(Cont. da pág. 28)

mas e exclamações do povo. O corso era quádruplo, na avenida Rio Branco, e dava a volta em Botafogo. Hoje... Para quê corso se os carros são uns túmulos fechados, não havendo mais batalhas de serpentinas, nem de lança-perfume?

No Rio o Carnaval de rua vai morrendo ano a ano. Só os bailes conseguem atrair milhares de adeptos da farrã em recinto fechado.

Para restaurar o Carnaval de rua nesta cidade é necessário que seja introduzido o "frevo" pernambucano e as músicas passem a ser, não as de sambas modorrentos e chorões, mas do "passo" música vibrante, alegre, sacudindo braços e pernas, ressuscitando até os mortos...

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

	Essên-	Extra-	Lo-
	cias	tos	ções
TIPOS DE PERFUMES	10 gr.	50 gr.	¼
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super	25,00	35,00	40,00
Preix — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembólso	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr\$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBÓLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.
RIO DE JANEIRO

busto, electricista; Martho, pintor; Teobaldo Soares Pinto, empastador.

Apesar de todas as vicissitudes pelas quais passou o clube, apesar de se ter extraviado grande parte dos troféus e de se terem perdido nos incêndios os arquivos e os preciosos documentos do século passado, todavia é o clube dos Tenentes do Diabo que apresenta o maior número de taças conquistadas em concursos, de artísticos estandartes — alguns de autoria de Jaime Silva — de flâmulas dos numerosos grupos internos, como o "Vai haver o Diabo", "Embaixada do Sossêgo" e "Pierrot da Caverna", de cujas dissidências às vezes surgiram outros clubes. Aliás os próprios Fenianos são consequência de uma dessas dissidências. Na secretaria do clube podem ainda ser admirados vários albuns contendo verdadeiras reliquias do passado glorioso dos Tenentes, recortes de jornais e revistas, fotografias desde 1908 e um grosso volume cheio de convites, alguns de autoria de Raul e de Calixto, que as diretorias distribuíam para as suas festas, preciosos pelo que contém de arte, de delicadeza, de tradição e principalmente de saudade.

— Dos grandes Carnavais e préstitos — respondeu Eugênio Rios à nossa pergunta — podemos citar em primeiro lugar o tri-campeonato de 1906 a 1908. Depois o de 1928, também de autoria de Públio Marroig, cujo motivo era "Apoteose do Império Romano" e que apresentou os últimos grandes préstitos do carnaval carioca, que de então para cá arrefeceu muito. Grande préstito, também, pelo valor artístico, foi o de 1930 "O Inferno de Dante", de Jaime Silva e o de 1942 "Coração do Brasil", de Raul Braga.

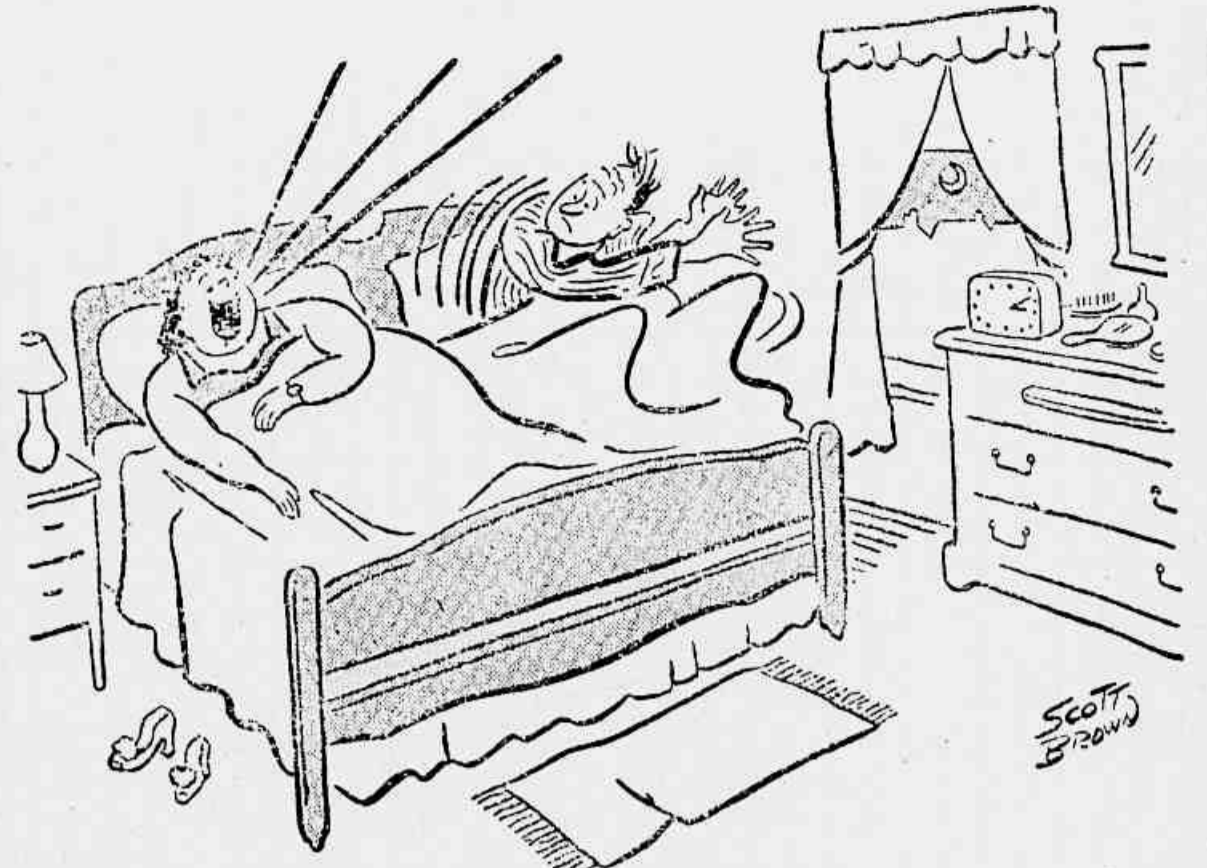
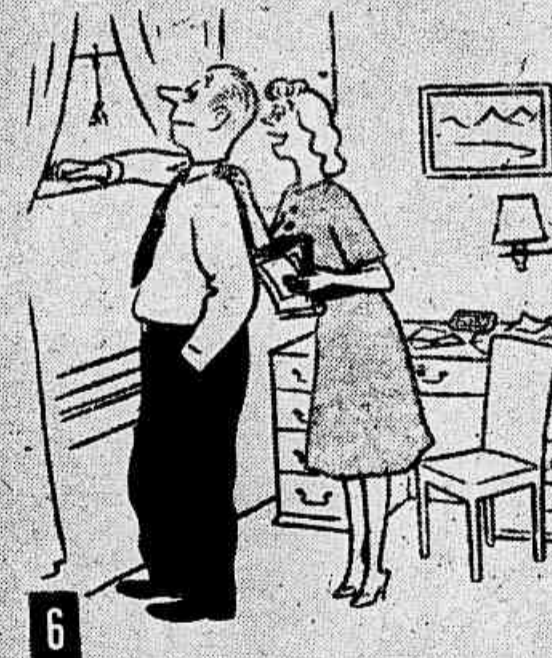
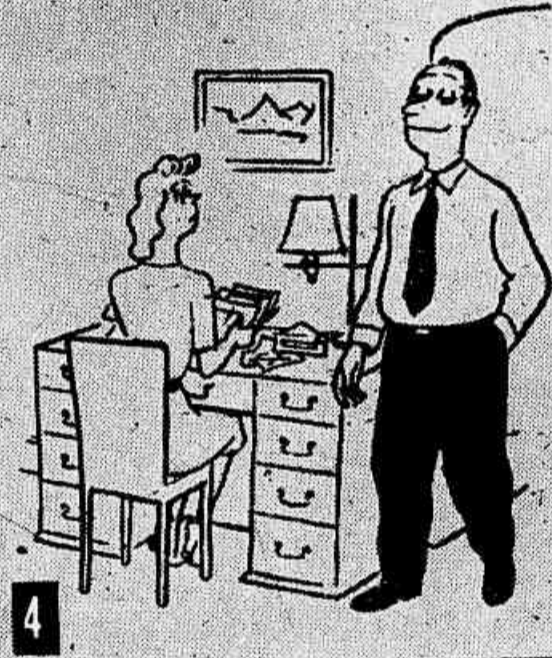
Mas não se pense que as atividades dos Tenentes se restringiram apenas a festejar o tríduo carnavalesco. Eles foram também os primeiros a declarar guerra aberta contra a escravatura e a monarquia. Baluarte ativo da



BOM HUMOR

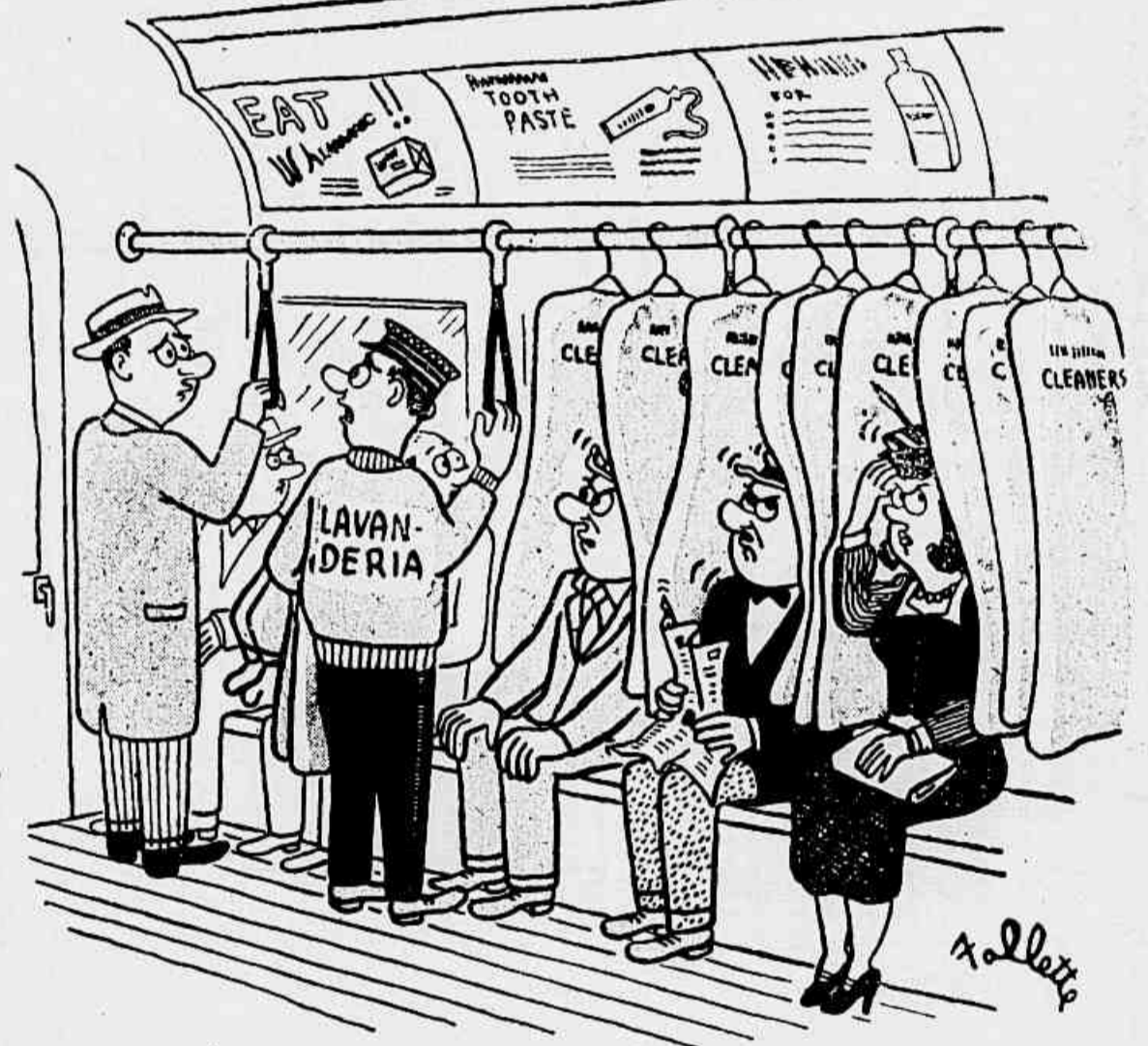
— Não, seu guarda, não aconteceu nada, apenas minha mulher estava gulando.

(SEJA CALMO E BEM HUMORADO)



— BINGO!!!

Scott Brown



— Eu também estou doído para que a minha camionete fique logo pronta.

Fallete



— Penal, o senhor poderia nos emprestar o seu carro? O Zequinha amassou o dele hoje à tarde...

Marquez



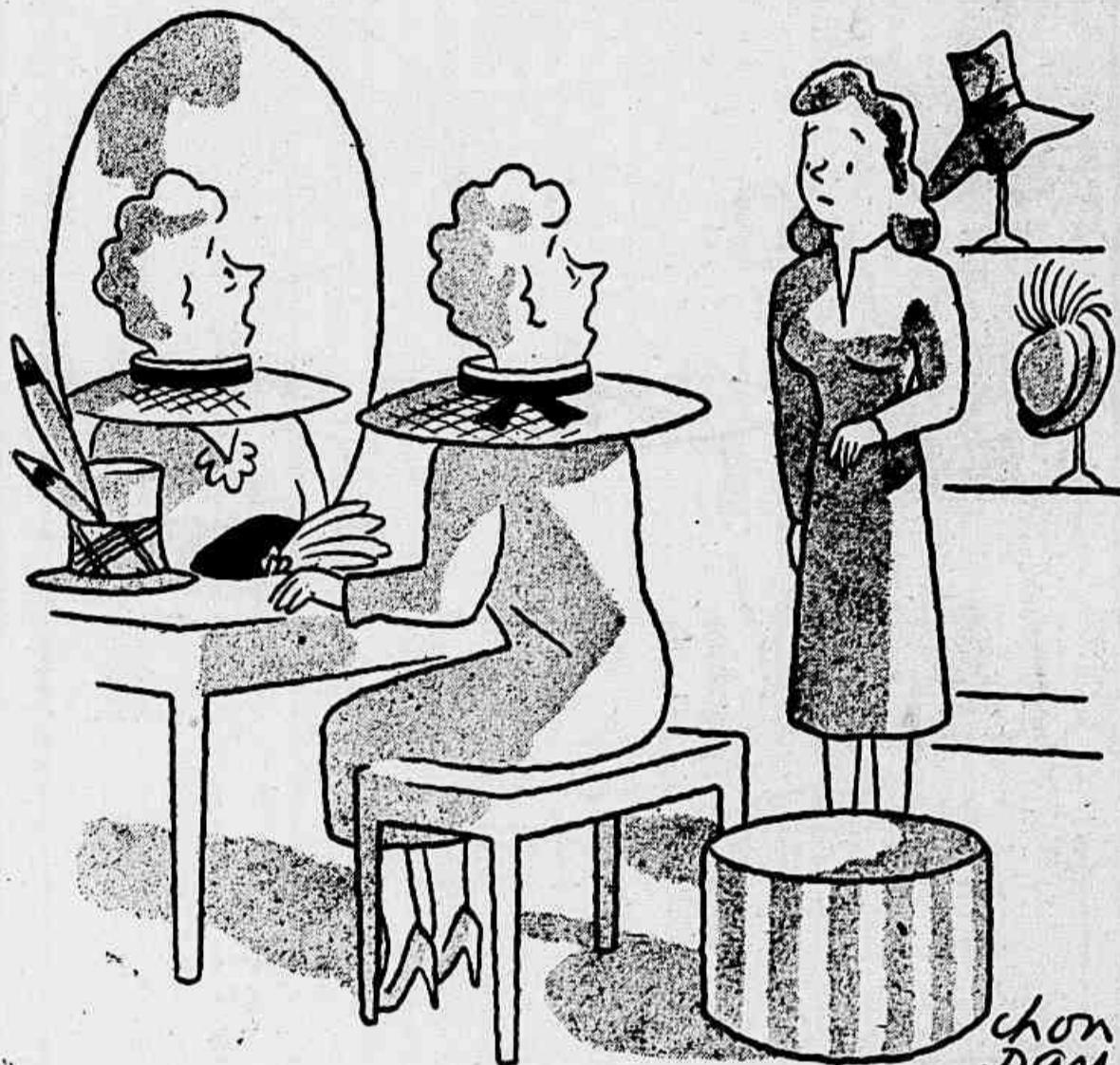
— Alguma coisa me diz que devemos ir pela escada...



— Traga-me uma aspirina e por favor, não bata com a porta...



TOM HENDERS

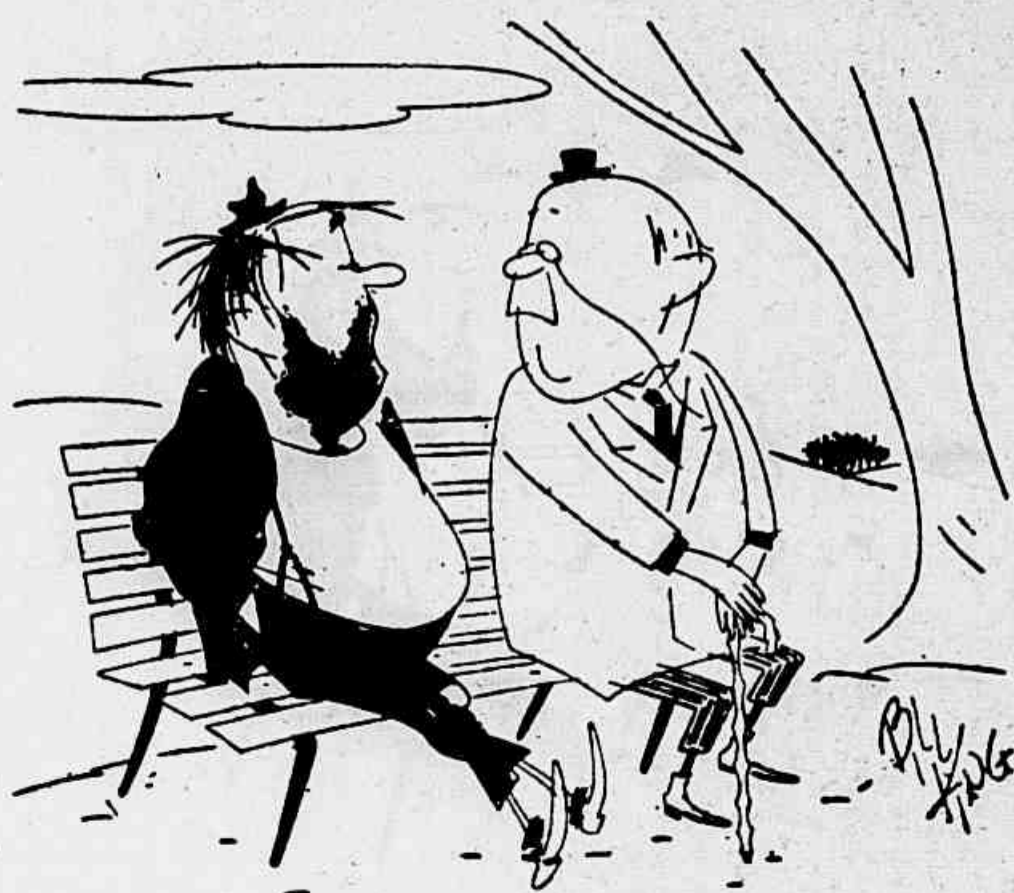


— E' esse mesmo o modelo que eu quero, apenas um pouco menor.



TOM HENDERSON

— Como estão lindos e sedosos os seus cabelos, hoje, querida!



— Prefiro vestir-me DISPLICENTEMENTE, como o Bing Crosby.



O IAPETC COMEMORA COM NOVAS INAUGURAÇÕES O



○ governo do general Eurico Gaapar Dutra tem sido pródigo em realizações, tôdas visando o bem-estar social da Nação.

No campo da previdência social tem o governo amparado as classes trabalhadoras, desenvolvendo amplo programa de assistência social, notadamente a assistência médica, com a criação de hospitais e serviços ambulatoriais.

Para levar a bom termo esse programa, tem sido feliz o presidente da República na escolha de seus auxiliares e dentre as acertadas medidas de sua excelência, destaca-se a escolha do sr. Hilton Santos que, na presidência do IAPETC, transformou essa instituição em um grande instituto, hoje justamente considerado como uma das vigas mestras da Previdência Social brasileira.

A ação do sr. Hilton Santos na presidência do IAPETC tem-se caracterizado por um trabalho fecundo e empreendedor, fazendo de sua administração exuberante fonte de confiança para os trabalhadores no setor da previdência social. A sua obra no IAPETC é uma dessas realizações que consagram não apenas uma administração mas um governo.

DADOS EXPRESSIVOS

Basta atentarmos para o fato de que, ao assumir o sr. Hilton Santos a direção desse organismo previdenciário, o número médio de segurados era de 213.690, o qual, segundo as apurações mais recentes, em 1948 subia a 270.788. Enquanto àquela época o valor da receita total atingia apenas Cr\$ 160.000.000,00, em 1949 alcançava a impressionante cifra de Cr\$ 725.000.000,00 aproximadamente. Em 1945 a despesa com os serviços de assistência médica orçava em Cr\$ 3.542.874,00, enquanto que, em agosto de 1949 subiam a Cr\$ 45.103.094,50. Concomitantemente, o total



4.º ANIVERSÁRIO DO GOVÊRNO DO G.º AL EURICO DUTRA

de benefícios pagos, em agosto de 1949 subia a Cr\$ 26.550.000,00 em agosto de 1949 o IAPETC pagava Cr\$ 65.275.787,50 de benefícios diversos.

A INDÚSTRIA DOS SEGUROS

É ainda digno de menção a vitoriosa ação do sr. Hilton Santos, fazendo reconhecer, pelas empresas particulares que exploram a indústria dos seguros, os direitos do IAPETC quanto ao monopólio do seguro acidente do trabalho de todos aqueles que se achem vinculados ao Instituto, constituindo-se, assim, essa instituição, em segurador exclusivo desse gênero, com vantagens incalculáveis, dada a organização de seus serviços médico-administrativos que abrangem todo o litoral e interior do país e com a inauguração, agora, dos serviços de recuperação e readaptação profissional, o que, incontestavelmente, representa um passo decisivo para colocar o IAPETC em situação privilegiada em relação às instituições congêneres e aos seguradores comerciais.

No período de janeiro a agosto de 1949 foram registrados no IAPETC 7.628 novos seguros com a arrecadação total de Cr\$ 30.405.484,80 contra 14.543 acidentes, cujas indenizações foram de Cr\$ 6.085.342,50.

AS RECENTES INFORMAÇÕES

Devemos ainda mencionar em particular a mais recente realização do IAPETC, de inestimável alcance social: a Crèche, Escola Maternal e Jardim de Infância, construída e inaugurada nesta capital, destinada aos filhos dos segurados da instituição e onde é prestada às crianças desde quatro meses até sete anos de idade toda assistência médica e educação pré-escolar, girando suas atividades em torno da formação de hábitos de ajustamento social e moral, sem ser em mera formação para a vida futura, recebendo ainda, essas crian-

ças, cuidados e atenções especiais, numa complementação aos carinhos maternos.

Como se vê, em apenas quatro anos, o desenvolvimento do IAPETC é algo de notável.

OS HOSPITAIS

A par da assistência médica ambulatorial, dispõe esse Instituto de hospitais próprios, em número de 5, no Recife, Salvador, S. Paulo, S. Francisco do Sul e o do Distrito Federal, o mais completo e que constitui um conjunto hospitalar impressionante, sendo o IAPETC a primeira instituição de previdência social brasileira a construir uma rede de hospitais, adaptadas às necessidades específicas da massa segurada.

O projeto inicial de construção do Hospital IAPETC do Distrito Federal, ao tempo da administração anterior do Instituto, que antecedeu a atual gestão do sr. Hilton Santos, consignava como capacidade desse nosocômio apenas 60 leitos.

Ao assumir a Presidência do Instituto, em 1946, verificou o sr. Hilton Santos que a obra projetada não poderia, de forma alguma, por sua exiguidade, preencher os fins colimados, pois que, só nesta capital, o número médio de segurados do IAPETC, em 1945, já atingira cerca de 38.000, número esse que, forçosamente, seria aumentado nos próximos anos. Baseando-se em dado tão positivo e eloquente e consoante o programa de assistência social traçado pelo Presidente da República, de prestar aos trabalhadores ampla assistência médica e hospitalar, o Presidente do IAPETC, fazendo seu esse programa, pôs em prática a ampliação da obra já iniciada, além da construção de mais quatro grandes hospitais e estabelecimento de vasta rede de ambulatórios e postos médicos, que somam hoje cerca de 150 em todo o país, enquanto que o número de leitos até o fim deste ano atingirá, aproximadamente, 2.600.

A SÁBIA ORIENTAÇÃO DO PRESIDENTE DUTRA

Assim, pois, o modesto hospital de apenas 60 leitos foi transformado em um dos maiores conjuntos hospitalares da América do Sul, encerrando em seus terrenos o bloco principal, os pavilhões de maternidade, anatomia patológica, isolamento, banco de sangue, indústria farmacêutica, hospital ortopédico, casa de saúde, ambulatório, igreja, laboratórios e demais instalações necessárias com a capacidade total de 1.180 leitos, serviços esses que vêm sendo inaugurados paulatinamente, à medida que são concluídos. Trata-se de uma obra de vulto e inteiramente destinada aos trabalhadores vinculados ao IAPETC e devida, exclusivamente, à sábia orientação do Presidente da República, conjuvado pelo sr. Hilton Santos, fiel executor de tão nobres e elevados propósitos em prol dos segurados do Instituto.

Logo após assumir a direção do IAPETC, iniciou o sr. Hilton Santos a ampliação desse hospital e em tempo "record" era inaugurado pelo Chefe do Governo, em 31 de janeiro de 1948, a primeira ala do bloco principal e a casa de força.

Decorridos oito meses, a 28 de outubro do mesmo ano, o Presidente da República inaugurava o pavilhão de anatomia patológica, o pavilhão de isolamento e o banco de sangue. Três meses após, em 31 de janeiro de 1949, o General Eurico Gaspar Dutra presidia a mais uma solenidade: inauguração da segunda e última ala complementar do monumental bloco principal e lançamento das pedras fundamentais da igreja, indústria farmacêutica e casa de saúde.

É interessante ressaltar que esse hospital — que ainda não está totalmente concluído e em pleno funcionamento, eis que, alguns de seus pavilhões e serviços complementares estão em fase final de construção — apresenta um movimento surpreendente: em 1948 o número de in-

tervenções foi de 1.646 contra 4.203 em 1949. Em 1948 foram registrados 730 intervenções cirúrgicas contra 1.715 em 1949.

Agora, com o intervalo de um ano, volta o Presidente da República ao Hospital IAPETC para inaugurar novos serviços complementares desse magnífico conjunto hospitalar, a saber: o pavilhão e instalações dos laboratórios de imunologia, hematologia, bioquímica e o pavilhão-residência das Irmãs.

A SOLENIDADE DE ONTEM

Representou o general Dutra o professor Paulo Lira

As 9 horas do dia 31 de janeiro último, o professor Paulo Lira, representante do Presidente da República, foi recebido no Hospital do IAPETC, à Avenida Brasil, pelo sr. Hilton Santos, Presidente do IAPETC, Diretores, médicos e demais servidores do Instituto, presentes altas autoridades civis e militares, senadores, deputados, vereadores, altos funcionários do Ministério do Trabalho e de outros Ministérios, presidentes de Institutos e de Caixas de Aposentadoria e Pensões, segurados do IAPETC, jornalistas e demais pessoas gradas, sendo S. Excia. alvo de calorosa recepção.

Após inaugurar as instalações dos novos serviços, percorreu S. Excia., demoradamente, as novas dependências do Hospital, manifestando ao sr. Hilton Santos sua magnífica impressão pela obra que vem sendo realizada pelo IAPETC no setor da assistência médica hospitalar.

Finda a cerimônia foram servidos lanches e refrigerantes.

A inauguração desses novos setores de atividades do Instituto, através do Hospital IAPETC do Distrito Federal, representa mais um glorioso marco na política assistencial do atual Governo.

Estão de parabéns os trabalhadores vinculados ao IAPETC.



Hollywood, fevereiro (Por John Dillon, especial para a REVISTA DA SEMANA) — O casamento de Jane Powell fez reviver nesta cidade o fausto das grandes cerimônias sociais. Talvez desde o enlace de Shirley Temple nenhuma núpcia atraísse tanto a curiosidade e a simpatia da colônia cinematográfica. E' que a jovem "estrêla" da Metro soube criar um círculo de fortes amizades constituídas não só de elementos que trabalham nos estúdios da Califórnia, como também de figuras representativas de todas as classes sociais. A mencionar, um detalhe curioso: o noivo de Jane Powell nada tem que se relacione com o cinema, desenvolvendo suas atividades em companhias de seguros. E, portanto, homem de larga visão, pois, ao contrário do que a princípio se esperava, de maneira alguma impediu que sua jovem e encantadora esposa interrompesse a carreira artística de tanto brilhantismo que vem trilhando. Logo depois de uma rápida viagem de lua-de-mel pelas costas californianas, os noivos regressaram a Hollywood. E enquanto o sr. Geary A. Steffen, Jr. voltava à sua banca de trabalho, num escritório de Los Angeles, Jane Powell reaparecia nos estúdios de Culver City pronta para novas filmagens e satisfeita com a vida de casada que ela confessou ser "muitíssimo melhor que a de solteira". A cerimônia realizou-se na igreja de Good Shepherd, em Beverly Hills, e os noivos passaram a residir, discretamente, em um apartamento aliás muito bem instalado, naquele mesmo bairro. As gravuras que acompanham esta correspondência mostram ao leitor sugestivos flagrantes do enlace de Jane Powell, sendo que no grupo em que os noivos estão ladeados pelas damas de honra, distingue-se na segunda, a partir da esquerda, outra simpática "estrêla" cinematográfica — Elizabeth Taylor. Nessa ocasião miss Taylor declarou que ainda este ano pretende também casar-se. Mas não foi ela quem apanhou o ramo jogado por Jane Powell para um grupo de amiguinhas entre as quais muitas e deliciosas garotas de Hollywood...

UM CASAMENTO EM HOLLYWOOD



TUDO ISTO ACONTECEU

A CABANA DA FELICIDADE



A nova organização político-social do sr. Garry Davis, o homem que sonha com uma humanidade feliz, isenta de guerras e de ódios, de aflições e de esperanças, está evoluindo rapidamente para o terreno do misticismo. Davis, que se denomina "Cidadão do Mundo", lançou, faz pouco tempo, uma nova concepção social e política para este mundo cheio de cons-

ternações. Ele quer que tudo seja simples. Nada de complicações que só conduzem ao vício, à devassidão, ao erro, ao pecado. Viver na maior singeleza desta vida, como os ascetas, os apóstolos, os fundadores de religiões.

Por esse motivo se meteu a caminho da Alemanha. Em sua companhia seguiam muitos adeptos do seu credo. Aborrecou-se nas cercanias de Estrasburgo, de onde não pôde passar porque as autoridades lhe vedaram o caminho. O "Cidadão do Mundo" percebeu que eram grandes as forças contrárias ao seu programa; entretanto, homem paciente, não se afobou e ergueu sua tenda, esperando por melhores dias.

Nas proximidades da Ponte Kehl, com seus amigos fiéis, acampou. Construiu uma espécie de cabana. Uma habitação modesta embora dotada de algum conforto, soalhada e até dispendo de estufa para aquecimento nos dias de inverno rigoroso. Ali dentro o "Cidadão do Mundo" continuava a trabalhar pela felicidade do povo, escrevendo em sua máquina as regras da felicidade. Mas a casa de Davis pegou fogo. Diante das cinzas e tendo salvado a máquina, ele disse: "Isto é um aviso da Natureza, para que a respeitemos e não brinquemos com ela como as crianças com fogo"...

A MORTE DE TALKA

PERCORRIA a Inglaterra um circo muito reputado, com palhaços capazes de fazer rir o Pão de Açúcar, excelente elenco de malabaristas, belas atrizes e vários animais amestrados. Dentre estes havia um que era o "pivot" das pantomimas: Talka, a elefanta educada no picadeiro desde muito pequenina. Quando Talka surgia na arena a meninada batia palmas, de alegria. Dizem os entendidos que as elefantas são domesticáveis, enquanto os senhores elefantes não suportam de maneira nenhuma o cativeiro. São indomáveis. Não há balinha de açúcar, nem garrafa de guaraná que consigam convencê-los de que estão bem na companhia dos homens, especialmente nos de circo.

Talka era um exemplo da docilidade das elefantas. Muito obediente, gentil, meiga, sujeitava-se a tudo o que dela exigiam os

seus domadores. Muito inteligente, percebia que o prestígio do circo, em grande parte, era fruto do seu próprio valor como artista do elenco circense. Mas nunca pediu aumento de salário... Um belo dia, quando o circo arrumou a bagagem e tomou um trem na direção de Preston, foi Talka acomodada confortavelmente num carro somente dela. Não se sabe bem qual o motivo, o fato é que a elefanta começou a irritar-se, a bater nas paredes do carro, a dar berros. O zelador dos bichos foi até lá. Nada viu que motivasse esse estado de nervosismo da elefanta. Entrando no seu vagão, foi recebido hostilmente com uma trombada que o pôs "knock-out". Dado o alarme, pararam o trem. O domador dos ursos foi meter-se a conselheiro e Talka quase o matou. Estava furiosa. Para acalmá-la foi preciso dar-lhe uns dez tiros de carabina...

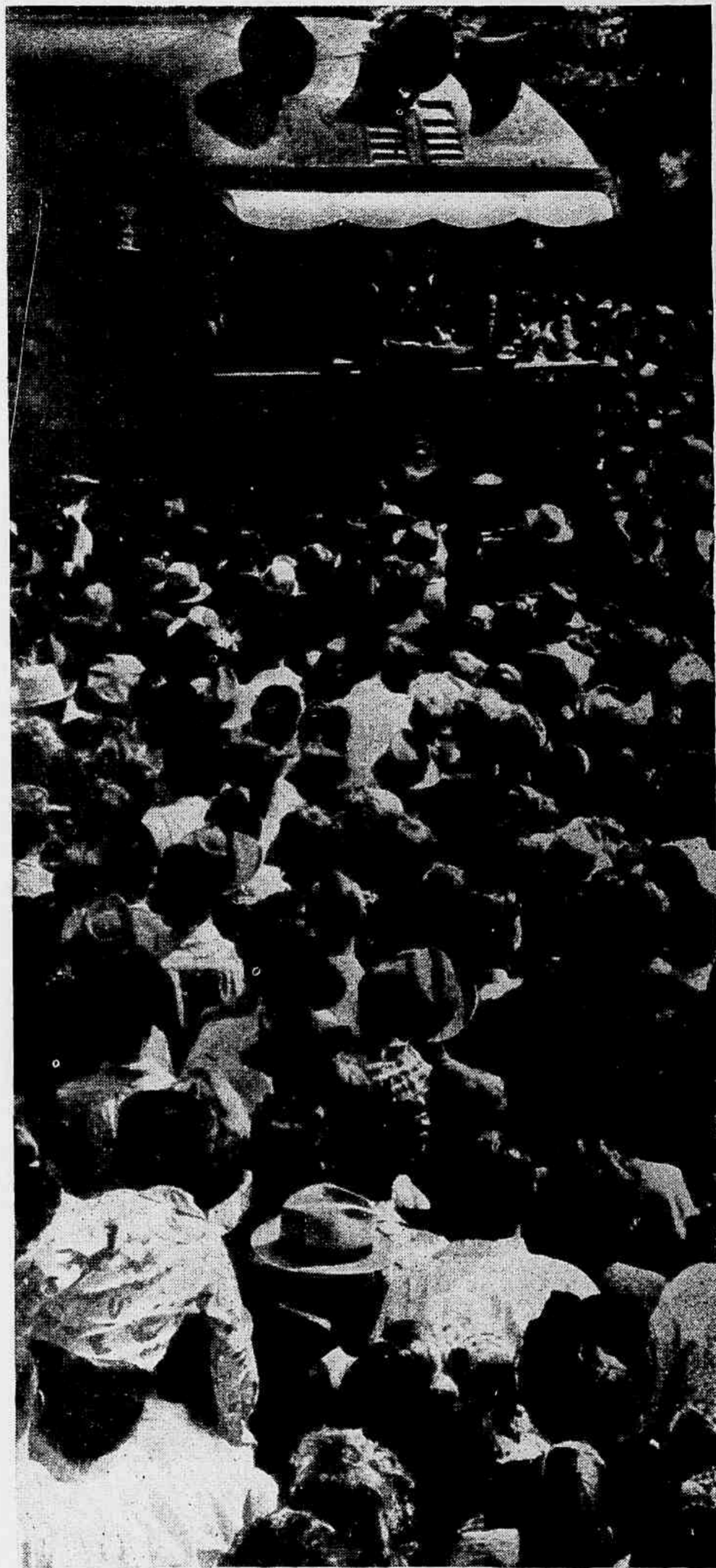
DOIS MONSTROS



NÃO se trata de nenhum bicho fenomenal que houvesse aparecido por aí; trata-se, sim, de um casal residente em Nova York, acusado de ter cometido o mais hediondo, o mais horroroso crime contra dois filhos menores.

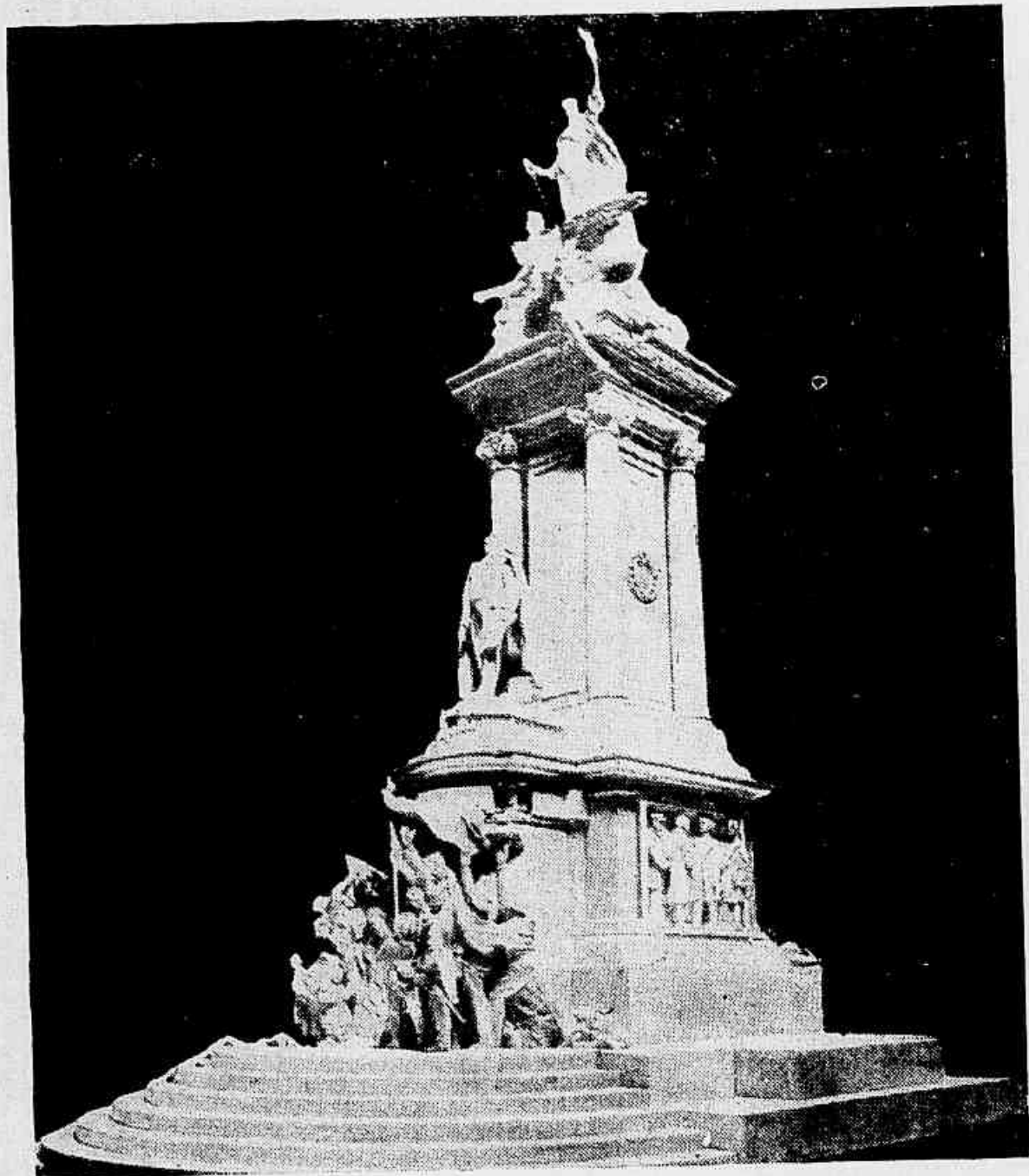
Chama-se o pai Guy Scielzo e ela Mary Scielzo. Ambos jovens, de aspecto distinto, sendo que Mary é muito bonita, de olhos sonhadores, rosto oval, boca bem feita, apresentando moral social de primeira gran-

deza. Ele é um tipão vistoso, de feições regulares, em nada traindo o negrume de um espírito satânico. Guy é comerciante e exerce atividade numa casa comercial de Nova York, com rendimentos que iam de 57 a 75 dólares por semana, despendendo dessa renda uns 30 dólares para a alimentação da família. O casal possuía dois filhos, Guy, de três anos, e Vincenza, de quatro. Em dias da semana passada morreu o menino. Como era natural, teve que ser examinado pelos médicos do serviço de óbitos, tendo-se constatado que a criança morrera de inanição. Como explicar o caso? Denunciados à polícia, a justiça entrou em ação. O sr. Karl Grebow, do Departamento de Homicídios, auxiliado por dois detectives e pela Sociedade de Prevenção contra Ato de Crueldade com as Crianças, desvendou todo o mistério. O casal Scielzo matara o filho de fome, e a menina Vincenza, a outra filhinha, estava às portas da morte, por falta de alimento. Levada para um hospital, está fora de perigo e passa bem. O casal de monstros foi entregue à justiça, tendo o juiz criminal, Mr. Monaghan, declarado à imprensa que não sabia de crime mais horrível como este. O local da morte pela fome em que estavam as crianças era infecto, cheio de polvos...



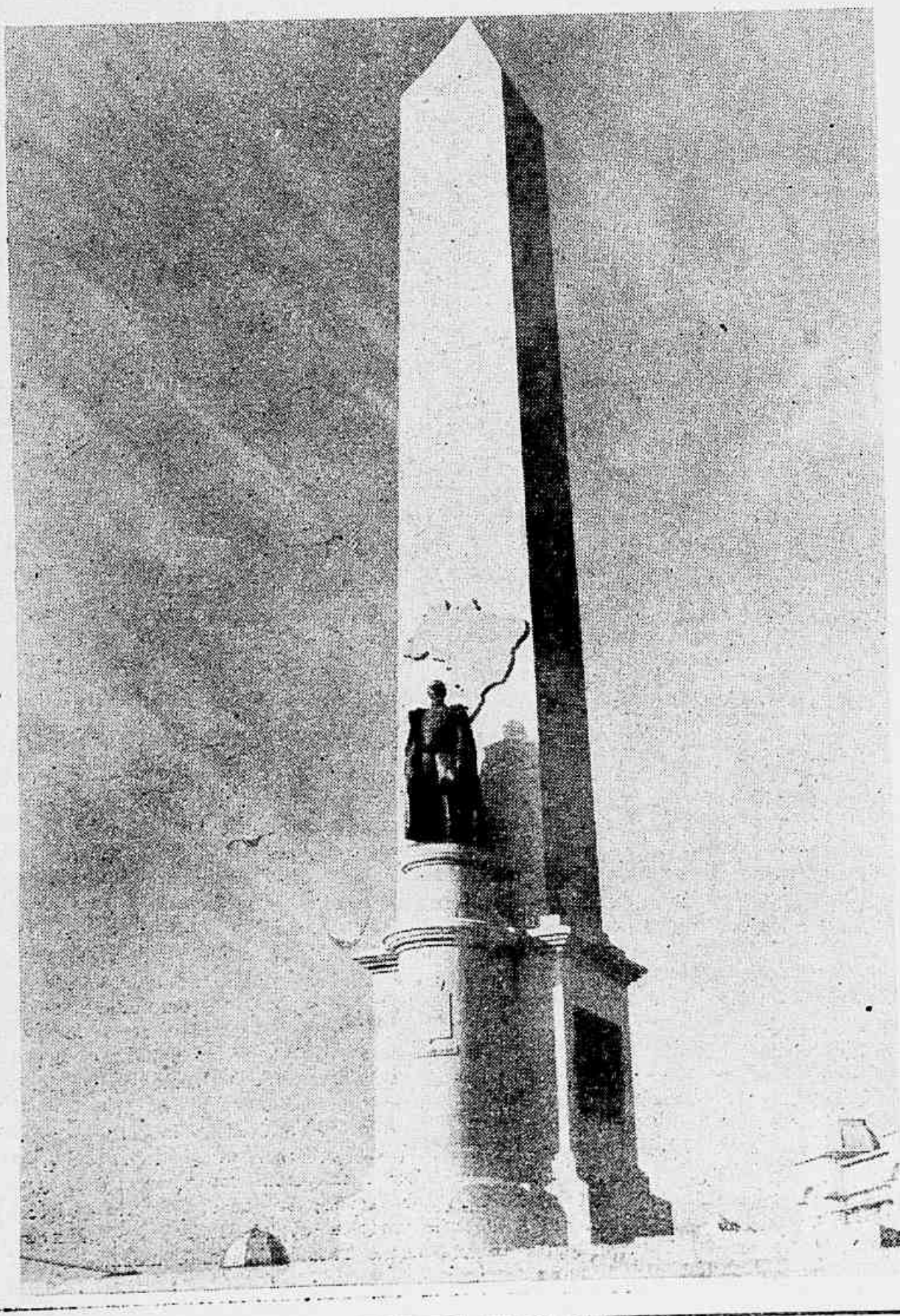
PROPAGANDA POLÍTICA

Ainda há quem fique escandalizado com os preparativos que se vêm articulando no Brasil para a próxima campanha eleitoral. E muitos se surpreendem ao ver que alguns prováveis candidatos, desde agora, fazem um plano de propaganda como se estivessem na iminência de lançar um produto de indústria e não um nome para ocupar o Catete. As reportagens que vêm sendo publicadas pela REVISTA DA SEMANA, sucessivamente, junto aos treze partidos legalizados do país, têm revelado alguns desses preparativos. Mas, em que pese a surpresa de muitos, se levarmos em conta o que é feito nos Estados Unidos, não há motivo para escândalo. Se existe nação onde o lançamento de uma candidatura obedeça a planos adrede trabalhados, com unidade de ação e todas as características de uma publicidade legítima, é a grande nação norte-americana. Esta gravura, reproduzida do suplemento do "The New-York Times" de 8 de janeiro último, mostra o presidente Truman iniciando uma viagem pelos diversos Estados da União, em trem especial, onde não faltam as melhores instalações de amplificadores, usando o microfone para se dirigir ao povo. Aqui ainda não chegou a tanto; mas nos Estados Unidos toda gente encara esses mecanismos publicitários-políticos como simples demonstrações de pura e eficiente democracia. Os adversários do presidente Truman fazem o mesmo.



O PROJETO E A REALIDADE

Folheando uma revista antiga, deparamos com a gravura acima, da "maquette" do monumento que então se projetava em memória do Barão do Rio Branco, a ser erguido aqui no Rio. As despesas para a construção imaginavam-se em um milhão de dólares e sua ereção projetava-se para o largo da Carioca, "perto da avenida Central", dizia a legenda. Também acrescentava que a maior parte desse dinheiro fora levantada por subscrições populares. Era a "maquette" de autoria do escultor francês F. Charpentier, de Paris — e os grupos alegóricos que a ornavam exprimiam justamente "os grandes e nobres ideais que exaltaram esse imortal estadista". Mas a verdade é que os projetos se fazem nem sempre em boa hora. Esse, por exemplo, resultou, quando convertido em realidade, em algo de muito diferente do que sonhara o escultor de Paris. Aqui está, na gravura abaixo, o monumento do Barão, tal como existe realmente, despojado dos grupos alegóricos — ali na avenida Beira-Mar e não no largo da Carioca, mas também nas vizinhanças da antiga avenida Central. Que lhe parece, leitor? A realidade será melhor? Pior?

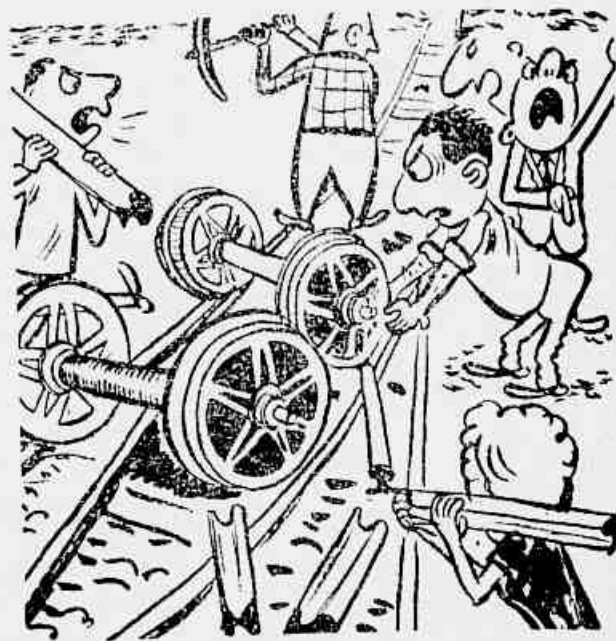


HEROÍSMO DE CAMOCIM

A direção da Rede Viação Cearense determinou que fossem transferidas de Camocim, no Estado do Ceará, as oficinas daquela ferrovia, e instaladas na cidade de Sobral, no mesmo Estado.

A população da velha cidade, ao ter conhecimento do ato e das primeiras providências para a mudança efetiva das oficinas, ergueu-se na mais sólida reação, num movimento que se assemelhou ao de uma praça sitiada. Todos os habitantes saíram à rua onde se sucediam os oradores, na condenação formal da medida determinada pela direção da ferrovia. Uma banda de música executava hinos patrióticos e os alto-falantes gritavam que os trens não sairiam conduzindo o material das oficinas desmontadas.

À frente dos manifestantes se achavam pessoas do maior destaque local. Comerciantes, médicos, bacharéis, professores, inclusive um deputado. A vida da cidade ficou paralisada, tendo o comércio cerrado as portas. Todas as demais atividades ficaram suspensas, enquanto a população se unificava no protesto colossal. Quando se anunciou que o primeiro trem ia partir levando os primeiros operários transferidos e carros com os aparelhamentos, o povo correu ao leito da estrada de ferro e destruiu mais de cinquenta metros de linha.



Não satisfeita com isso, a multidão levou tudo o que foi possível para obstruir a estrada, desde pedras e ferro velho, até uma enorme caldeira de doze toneladas, panelas de uso doméstico, pedaços de trilhos, o diabo. Durante três dias durou a revolução do "não sai!". E não saiu nenhum trem. O ministro da Viação, ao que consta, atendeu à revolta do povo e as oficinas permaneceram em Camocim.

A CONSTITUIÇÃO E AS ILHAS



assunto, sustentando os mesmos pontos de vista e a mesma argumentação constantes da oportuna crônica de Ignez Mariz. E quando já pensávamos que o assunto estava morto, surge na Câmara Federal um projeto de emenda constitucional do sr. Aureliano Leite, que vem reparar uma das mais curiosas omissões de nossas Cartas Magnas, desde a Carta Imperial de 1824, a respeito das nossas ilhas oceânicas.

O projeto do sr. Aureliano Leite recebeu uma centena de assinaturas e na exposição de motivos para justificar a emenda que tomou o número nove, borda o deputado os mais interessantes argumentos sobre tão grave falha em nossas Constituições. Assim, em lugar de dizer-se apenas que o território do Brasil se compõe de Estados, Distrito Federal e Territórios, passa o 1.º parágrafo do art. 1.º a ficar assim redigido: "A União compreende, além dos Estados, o Distrito Federal, os Territórios e as Ilhas Oceânicas". Declara o legislador que só deu pela omissão, por mero acaso, ao examinar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro um mapa das Ilhas Oceânicas do Brasil, que o Conselho Nacional de Geografia acaba de mandar imprimir.

A REVISTA DA SEMANA, em sua edição de 15 de novembro de 1947, numa crônica assinada por nossa colaboradora Ignez Mariz, levantou a questão das ilhas oceânicas brasileiras em face da atual Constituição. Tempos depois, isto é, em 23 de julho de 1949, um dos vespertinos cariocas publicou a respeito interessante reportagem sobre o importante

O CASO DE LÁZARA

ULTIMAMENTE tem a imprensa publicado diversos casos de abandono de menores. Muitos desses fatos terminaram com a morte das crianças, como sucedeu com aquele episódio de Paris, do qual já nos ocupamos. Em S. Paulo ia-se dando um caso fatal desses, e não fosse a coragem da menina Lázara, teria ela morrido de inanição dentro de um apartamento fechado por todos os lados.

Lázara Fogaça é uma garotinha de oito anos, vinda do Paraná para a companhia de um casal que a trouxera da companhia dos pais da mesma menor, com o fim de criá-la e educá-la. Antigamente se usava muito isso. Quase toda família sempre possuía uma "cria da casa", preta ou branca, a qual passava a fazer parte da família. Na sociedade brasileira esse costume era comum. Havia uma espécie de obrigação social para ajudar as famílias pobres, tomando-se conta de alguns de seus filhos e os educando num ambiente melhor, de maior futuro. Hoje, de quando em quando, aparecem desses fatos, mas com resultados muito diferentes. Esse caso da menina Lázara serve de amostra. Vindo do Paraná a fim de viver na companhia de um casal, a menina se viu, de um dia para outro, abandonada num apartamento,



sem alimentação, sem assistência, sem nada. Somente um gato lhe fazia companhia e com o qual ela brincava. Para distrair-se, encrava o soalho... Depois de seis dias sem alimentação normal, comendo apenas um ou outro sandwich que um garçon lhe arremessava, de um restaurante vizinho, a menina resolveu fugir daquela prisão. Hoje está em poder do Juízo de Menores e a polícia procurando situar os seus cruéis "amigos"... da onça!

CURAR PARA MATAR



"Não matarás!" — É uma ordem imperativa, decisiva e terminante. Ninguém tem o direito de matar. Só Deus, quando é chegada a hora de prestar-se contas no tribunal divino pode tirar-nos a vida. Entretanto, na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos, há a pena de morte para certos criminosos. O homem que mata, tem que morrer. Lei de Talião: dente por dente, olho por olho. Essa punição traz, às vezes, consequências iníquas. Muita gente paga com a vida na fôrça, na guilhotina ou na cadeira elétrica sem ter merecido a punição capital. Depois se descobre o erro judiciário, mas é tarde!

Além desse aspecto deplorável, próprio da falibilidade da justiça humana, há outros ainda que inspiram certa repugnância. Exemplo: tratar-se de um criminoso até que ele fique bom a fim de ser executado com todo o ritual. Foi o que sucedeu com Lewis Wolf, assassino de sua esposa, a atriz Paula. Internado num hospício como louco, foi devidamente tratado, e, logo que deu alta como curado das faculdades mentais, foi levado ao tribunal a fim de ser novamente julgado e levado à cadeira elétrica! Pela primeira vez nos Estados Unidos é um homem curado para depois ser executado!

NÃO deixa de ser estranho que, num país profundamente religioso, com base na Bíblia, ainda se mantenha em vigor uma lei penal que permite a execução como castigo máximo a delinquentes de casos de morte. Diz um dos mandamentos da Lei de Deus: "Não matarás!". O Criador não estabeleceu restrições nem executou o artigo do decálogo caso algum para justificar a morte do homem pelo homem.

AMOR ARDENTE

O ciúme faz cada uma! A literatura mundial anda repleta de episódios provocados pelo ciúme. Uns são jocosos, outros dramáticos e quase todos trágicos. Entre os povos deste pobre planeta, os latinos gozaram da fama de ciumentos mórvidos. Aqui se mata por simples suspeita de infidelidade conjugal. Para justificar isso inventaram até uma quadrinha que termina assim:

Quem tem amor, tem ciúme,
Quem tem ciúme, quer bem...

Ora, desde que para cada um demonstrar seu amor à eleita de seu coração basta exteriorizar os ciúmes que lhe queimam a alma, nada mais justo do que esse mesmo ciumento fazer das suas contra a pessoa amada, inclusive dando-lhe tiros... Nada mais falso, porém, do que essa demonstração de amor através do ciúme fatal. Ciúme é uma deformação de amor. Se o indivíduo amado pratica atos atentatórios à moral, humilhantes à pessoa amada, irritantes e imorais, nada mais justo do que acabar-se com esse amor. O ciúme injusto é ridículo, selvagem, pretensioso. Mas, entre nós, as manifestações de ciúme mórvido, doentio, são cada vez maiores e mais alarmantes.

Há poucos dias, verificou-se nesta capital um desses episódios detestáveis de ciúme. Guiomar desconfiara que Consilla estivesse a namorar seu amado, o Damião. E não teve dúvidas: ferveu um balde de água e, quando o líquido estava a cem graus, despejou-o em cima da suspeita rival. A vítima foi recolhida ao hospital e a ciumenta Guiomar declarou na polícia que a matará, se ela restabelecer-se. Se isso não é um amor ardente...



BEATRIZ CONSUELO Aqui está um bonito flagrante da jovem bailarina patricia srta. Beatriz Consuelo, nome que vem de ser pôsto em evidência com o julgamento dos "melhores de 1949", levado a efeito pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais. Nesse memorável prélio, cuja decisão por sinal andou provocando fortes controvérsias, a medalha de ouro para bailarina foi concedida à srta. Beatriz Consuelo, por elevada maioria de votos: 34 — contra cinco para a colocada em segundo lugar. Trata-se de um valor novo e de reconhecido merecimento artístico, na arte coreográfica, moça de incontestável mérito profissional, que este ano fará sua reaparição para novos sucessos.

O PODER DA NATUREZA

COM grande espanto de arqueólogos e botânicos, grãos de aveia com "apenas" 1.800 anos de idade, germinaram, provando-se assim que os grãos antigos não perdem a faculdade de germinação.

A descoberta foi realizada pelo cônsul da França no Cairo, sr. Raumont Pons, na casa de um antiquário desta capital, onde se encontrava uma múmia, que, juntamente com as faixas enceradas, apresentava pedaços de algodão em que se encontravam alguns grãos de cevada, com 1.800 anos de existência e ainda em estado de germinação. O dr. Driton, diretor geral dos Serviços de Pesquisas Antiquárias do Cairo, e o sr. Charles Uentz, diretor do Instituto Francês de Arqueologia Oriental, reiniciaram experiências com os mencionados grãos, sob rigoroso controle científico. Isso mostra o poder da Natureza. O germe vital de uma semente de arroz, trigo, aveia, não morre nunca, a não ser quando as condições do meio em que está lhe são cento por cento hostis. Assim, o frio intenso ou o calor em elevada temperatura podem matar o protoplasma de uma dessas células portadoras da vida; mas, pelo simples fato de estarem com séculos de existência, as sementes não perdem o seu valor vital. A ciência humana, apesar de muito desenvolvida nos dias que correm, ainda não pôde descobrir a origem da vida. Sabe o homem de que se compõe uma célula, com o seu protoplasma e o seu núcleo; mas, como



é a vida? De onde se origina esse "tonus vital", esse misterioso princípio elementar de vida que pode passar 18 séculos sob a terra, sem luz, sem ar respirável, sem sol, sem nada que lhe mantivesse a vida, e, depois de tudo, continua a viver? É assombroso o poder da Natureza.



CAVEIRA-RELÓGIO

Este curioso relógio, em forma de caveira, é considerado o mais antigo instrumento de medição do tempo, de origem suíça. Fabricado por Martim

Duboule (1583-1693), era usado preso a uma corrente. O mostrador feito a mão tem apenas um ponteiro que marcava as horas. Essa verdadeira peça de museu foi uma das muitas raridades apresentadas na exposição de "Montres e Bijoux", recentemente realizada em Genebra, e que reuniu as últimas criações dos relojeiros suíços. (Foto N.P.A.)

IDILIO NUMA ILHA DESERTA



— Eu sempre desejei ir ao México. Vamos passar lá a nossa lua de mel?

EU e Drew já estávamos noivos, havia um ano. Sempre aconteciam coisas que perturbavam nosso casamento. Primeiro, foi a perda do seu emprego; em seguida, adoeceu sua mãe. E assim por diante. Mas, uma noite, quando estávamos em Oleva Street, em Los Angeles...

— Treva, lamento dizê-lo, mas perdi no jogo o dinheiro que estava economizando para nosso casamento...

Eu não acreditava no que ouvia.

— Um amigo me induziu a ir jogar a bordo de um navio. Reconheço que fui roubado!

Oh, Drew!

Sim, eu queria casar, de qualquer modo. Mas Drew estava desanimado.

— Está bem, Drew. Esperemos outro ano. Mas como soube você desse jogo em alto mar?

— Seu irmão Ray me falou nele, certa noite. Chama-se o navio "Gambling Lady". Prometo-lhe, Treva, nunca mais jogar.

INÍCIO, NO PRÓXIMO NÚMERO, DE UMA SÉRIE DE SUGESTIVAS NOVELAS ROMÂNTICAS ★ UMA HISTÓRIETA MENSAL ★ AMOR, EMOÇÃO, AVENTURAS...

A partir do próximo número, nossos leitores, e particularmente as leitoras da REVISTA DA SEMANA, encontrarão nestas páginas o início de uma sugestiva série de historietas românticas, destinadas ao mais completo agrado. Desde algum tempo vínhamos procurando, no gênero, o que mais pudesse agradar a quem nos distingue com a sua preferência, e se a mais tempo não iniciamos essa publicação é porque de fato não encontrávamos o tipo de novelas ao sabor do público para o qual se destina. Agora, porém, isso aconteceu. Trata-se de uma série de episódios repassados de emoção, bravura e lances imprevistos, com a circunstância de se renovarem mensalmente. Cada historieta não irá além de quatro a cinco números, sendo imediatamente substituída por outra de caráter inteiramente novo e, na maioria dos casos, com outras personagens. Para atender às solicitações que nos chegavam de milhares de leitoras, interessadas por esse gênero de leitura hoje tão difundido, esta publicação não poupou esforços, adquirindo com exclusividade as mais palpitantes e bem feitas produções desse estilo. O que publicamos hoje é apenas um "trailer" da primeira historieta — "Idílio numa ilha deserta" — cuja publicação será iniciada no próximo número. Que acontecerá à jovem Treva, na ilha deserta para onde a levaram acontecimentos inesperados e bruscos, e onde teve de viver atribuladas peripécias ao lado de três jovens que a cortejavam? E qual deles cairia no seu agrado?

REPORTAGENS

Bom teatro em S. Paulo (Celestino Silveira)	8/12
A origem dos Tenentes do Diabo (Iberê)	16/21
Ilha das Flores (Armando Pacheco)	25/27
Os Bandeirantes em granito (João Alvarenga)	29/31
A morte lenta de uma rua alegre	32/33

ATUALIDADES

Meio Século de Carnaval Caricca (Sabino Canalini) ...	3/5
Pétain — uma sombra	22
O frêvo em Pernambuco	23

LITERATURA

Semana Literária (Edmundo Lys)	14/15
Recurso Singular (L. Leiria Borba)	21
Bemaventurados os pobres de espírito (Glória Lameirão) ..	31

HUMORISMO

Fantasia (Theo)	13
Fantasia (Nicodemus)	23
Bom Humor	50/51

FEMININAS

O "make-up" de verão (Lyse) — Penteados modernos ...	35
No domínio do algodão	36
Modelos estampados	37
Blusas de verão	38
A moda inspira-se na História ..	39
Em busca de feminilidade ..	40/41
Week-End na cozinha	42/43

CINEMA

Um casamento em Hollywood ..	54
------------------------------	----

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana	6
Puxe pelo cérebro	7
A saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro)	46
Música (Roberto Lyra Filho) ..	49
Tudo isto aconteceu	55/57

FOTOS: Arnaldo Vieira
Indaiassu Leite
Avulsas

ILUSTRAÇÃO: Armando Pacheco

Na capa:

HEDDY LAMARR
(Paramount)

RESPOSTAS

- 1 — Seis estrélas
- 2 — Plêiades
- 3 — Tomé de Sousa
- 4 — Anunciar em Portugal o descobrimento do Brasil
- 5 — 85 (1865)
- 6 — Queda de neve com tempestade
- 7 — Antônio Parreiras
- 8 — No palácio do governo do Pará
- 9 — 50,74 kg.
- 10 — Graça Aranha
- 11 — Veto do governo austriaco
- 12 — Pio X
- 13 — Tratado das algas
- 14 — Alimentação da tropa
- 15 — Urna funerária dos selvagens
- 16 — Clío
- 17 — José Bonifácio
- 18 — "Espiga", estrela da constelação da Virgem
- 19 — Dez
- 20 — D. Teresa Cristina



TAPETE NÃO É LUXO

— é, além de tudo, um imprescindível elemento decorativo que proporciona elegância, conforto e distinção a qualquer ambiente.

Grande sortimento de:

TAPETES E PASSADEIRAS floridos
recebidos diretamente das fábricas inglesas



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



Onde se divertem
pessoas de bom gosto...

A boite do Hotel Excelsior, animada pela magnífica orquestra de Zacharias, é um dos mais elegantes centros de reunião da sociedade paulista.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Chegou a hora do *show*... mas, para apreciá-lo melhor, acenda um Hollywood — o cigarro que dá mais realce às horas de lazer e faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial... resultado dos fumos escolhidos e combinados com acerto, Hollywood é, de há muito, o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**